

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

**OSMIR APARECIDO CRUZ**

**POR ENTRE AS OBRAS DE FREI PEDRO SINZIG:  
POTENCIALIDADES PARA A HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO DO CORPO (1889-1920)**

Itatiba  
2014

**OSMIR APARECIDO CRUZ – R.A. 002201200627**

**POR ENTRE AS OBRAS DE FREI PEDRO SINZIG:  
POTENCIALIDADES PARA A HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO DO CORPO (1889-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima Guimarães

Itatiba  
2014

37(81)(091)  
C963p

Cruz, Osmir Aparecido.

Por entre as obras de Frei Pedro Sinzig:  
potencialidades para história da educação do corpo  
(1989-1920) / Osmir Aparecido Cruz. -- Itatiba, 2014.  
139 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-  
Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade  
São Francisco.

Orientação: Maria de Fátima Guimarães.  
1. Educação - História. 2. Corpo humano.  
4.Modernidade.3. Sinzig, Pedro. I. Guimarães, Maria  
de Fátima. II. Título.

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**EM EDUCAÇÃO**

Osmir Aparecido Cruz defendeu a dissertação “POR ENTRE AS OBRAS DE FREI PEDRO SINZIG E AS POTENCIALIDADES PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CORPO (1889-1920)” aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 24 de junho de 2014 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



---

**Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães**  
**Orientadora e Presidente**



---

**Prof. Dr. Elison Antonio Paim**  
**Examinador**



---

**Profa. Dra. Paula Leonardi**  
**Examinadora**

À minha querida mãe,  
Maria Zélia de Miranda.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça e sustento em todos os momentos. A ele seja honra, glória e poder para todo o sempre. Também agradeço a minha esposa, Maria do Rosário dos Santos Cruz, por me suportar nas horas mais difíceis, no decorrer desta pesquisa. Aos meus filhos, Filipe dos Santos Cruz e Sofia dos Santos Cruz. Eles, que dividem comigo, o tempo entre estar com eles, trabalhar e estudar.

Aos meus pais, Valdevino Cruz e Maria Zélia Miranda, que me ensinaram sobre o valor da vida e do caráter de um homem.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Prof.º Maria de Fátima Guimarães, sobretudo, pela humildade, no qual sempre demonstrou, suportando minhas limitações e dificuldades. Também pelas suas orientações e incentivos enriquecedores, que me fizeram perceber coisas não conhecidas em mim mesmo.

Agradeço aos funcionários do CDAPH pelo apoio, em especial para Sandra, por sua disposição e prontidão.

Agradeço a Cyntia, pelas correções textuais.

À Juliana Bacan Zani, por ter sido um modelo de esforço e coragem, de que seria possível finalizar o mestrado.

Aos membros e suplentes da banca de qualificação, Prof.º Dr. Elison Antonio Paim, Prof.º Dra. Paula Leonardi, Prof.º Dra. Jackeline Rodrigues Mendes e Prof.º Dr. João Bueno, que me deram contribuições, de extrema importância para a finalização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus superiores (chefes), Antonio Luiz Falsarella, Secretário de Transportes, Trânsito e Defesa Social de Vinhedo/SP e ao 1º Ten. PM Márcio Luiz Aprígio, Diretor da Secretaria de Transportes, Trânsito e Defesa Social de Vinhedo/SP, pelo apoio despendido em todos os momentos, mas principalmente na finalização do texto.

Enfim a todos, que de alguma maneira, fizeram parte desta pesquisa, ou contribuíram para sua realização.

## Resumo

Esta pesquisa aborda a concepção de corpo nas obras de Frei Pedro Sinzig, pertencente à Ordem dos Franciscanos Menores (OFM): *Reminiscencias d'um Frade* (1917) e *Através dos Romances* (1915). O recorte temporal foi o período entre fins do século XIX e início do XX e se justifica por ser esse um período em que o mundo, e também as realidades locais, como o Brasil, vivenciavam constantes transformações de ordem social, política, econômica e cultural, ancoradas no processo crescente e simultâneo de industrialização, somados ao aumento populacional e urbanização. Nesse contexto, a educação emerge e se consolida, como um dos temas mais candentes do cenário nacional para a elite letrada urbana. Nossa hipótese, é que Frei Pedro Sinzig, ao escrever as obras privilegiadas nesta pesquisa, buscava atender aos interesses da Igreja Católica, bem como da recém-inaugurada república brasileira, visando assim uma dada educação do corpo, que pudesse se conformar com os padrões exigidos para a convivência no espaço urbano, mediante a formação de um novo indivíduo, sob uma nova racionalidade. Nesse sentido, delimitamos as seguintes questões: Quais são as tensões e conflitos do período que atravessam as obras *Através dos Romances* (1915) e *Reminiscencias d'um Frade* (1917)? Seria possível flagrarmos algumas das motivações que levaram Frei Pedro Sinzig a escrever um livro indicando e limitando obras literárias que a sociedade deveria ou não ler? Por que tanto as indicações como as limitações de leitura tratam de romances? Seria possível rastreamos as ideias e visões de mundo que estimularam Frei Pedro Sinzig a propor-se como um “guia para as consciências”? Ao escrever *Reminiscencias d'um Frade* (1917), o que Frei Pedro Sinzig gostaria que dele fosse lembrado? Haveria alguma relação entre o que ele gostaria que fosse lembrado e a sua atuação como frei franciscano, que primava pela defesa “da boa leitura de formação católica” e censor das “leituras perigosas?” Diante dos questionamentos destacados, seria possível identificarmos uma dada concepção de educação do corpo acolhida por Frei Pedro Sinzig nas obras analisadas, e colocá-las na relação com o contexto histórico cultural da época? Logo, delimitamos como objetivos: identificar e pontuar as potencialidades das obras *Através dos Romances* (1915) e *Reminiscencias d'um Frade* (1917) para a história da educação brasileira, no que tange à história da educação do corpo, na relação com obras impressas por uma editora católica; e, analisar a concepção de educação do corpo, presente em tais obras, considerando-se o contexto histórico cultural do período delimitado para a pesquisa. Para atingir tais objetivos, retomamos a bibliografia lida nas disciplinas do mestrado, rastreamos novas bibliografias acerca da temática escolhida e analisamos as fontes primárias em destaque, à luz de Bloch, Benjamim e Thompson.

**Palavras-chave:** educação do corpo; modernidade; Pedro Sinzig.

## Abstract

This research deals with the conception of the body in the works of Fray Pedro Sinzig, belonging to the Order of Franciscan Minor (OFM): *Reminiscences d'a Friar* (1917) and *Through the Novels* (1915). The time frame was the period between the late nineteenth and early twentieth centuries and justified this by being a period in which the world and also local realities, like Brazil, had experienced constant changes in social, political, economic and cultural anchored in the growing and simultaneous process of industrialization and urbanization coupled with population increase. In this context, education emerges and is consolidated as one of the hottest topics on the national scene for the urban educated elite. Our hypothesis is that Fray Pedro Sinzig, writing works inside this research sought to serve the interests of the Catholic Church as well as the newly inaugurated Brazilian republic, thus aiming at a certain body education that could conform to the standards required for living in the urban space, through the formation of a new individual, under a new rationality. In this sense, we delimited the following questions: What are the tensions and conflicts of the period that permeate the works *Through the Novels* (1915) and *Reminiscences d' a Friar* (1917)? Could flagrarnos some of the motivations that led Fray Pedro Sinzig writing a book indicating and limiting literary works that society should or should not read? For both indications that the limitations of dealing with reading novels? Could we trace the ideas and worldviews that stimulated Fray Pedro Sinzig to offer as a "guide to the consciences"? When writing a *Friar d' Reminiscences* (1917), which Fray Pedro Sinzig would like him to be remembered? Was there any relationship between what he would like to be remembered and his performance as a Franciscan friar, who excel in defense of "the good reading of Catholic formation "and the censor" dangerous readings?" Given the outstanding questions, it would be possible to identify a particular conception of body education received by Friar Pedro Sinzig in the works analyzed , and put them in relation with the historical cultural context of the time? Logo, delimited aims at identifying and scoring potential of works *Through the Novels* (1915) and *Reminiscences d' a Friar* (1917) for the history of Brazilian education regarding the history of body education in relation to works printed by a Catholic publishing; and analyze the concept of education of the body, present in such works, considering the cultural historical context scoped to the research period. To achieve these goals, we resumed the literature read in the disciplines of the Master, tracked bibliographies on the theme chosen and analyze primary sources highlighted in the light of Bloch, and Benjamin Thompson.

**Keywords:** education of the body; modernity; Pedro Sinzig.



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
O pesquisador.....	14
Frei Pedro Sinzig.....	15
A pesquisa.....	19
<b>CAPÍTULO I – MODERNIDADE E EDUCAÇÃO DO CORPO.....</b>	<b>34</b>
1.1. Modernidade na virada do século XIX para século XX.....	34
1.2. Urbanização e espaço urbano.....	41
1.3. Educação brasileira na República e as obras do Frei Pedro Sinzig.....	54
<b>CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO DO CORPO NAS OBRAS DO FREI PEDRO SINZIG</b>	<b>67</b>
2.1. Educação do corpo e o higienismo.....	75
2.2. Educação do corpo e trabalho.....	95
<b>CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO DO CORPO E A MORALIDADE NA RELAÇÃO COM IMAGENS IMPRESSAS NOS PERIÓDICOS <i>FON FON</i> E <i>CARETAS</i></b>	<b>105</b>
3.1. Educação do corpo e a moralidade nas obras de Frei Pedro.....	105
3.2. Família.....	114
3.3. Vícios.....	121
3.4. Criminalidade.....	122

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Frei Pedro Sinzig.....	17
Figura 2: Modernidade e espaço urbano.....	37
Figura 3: As ambiguidades do progresso na modernidade.....	39
Figura 4: Ambiguidades e contradições da modernidade.....	43
Figura 5: Ambiguidades e contradições da modernidade – estradas brasileiras	44
Figura 6: Navio a vapor.....	46
Figura 7: Condições de miséria em fins do século XIX.....	48
Figura 8: Assistencialismo às crianças pobres.....	60
Figura 9: Presença do negro que não lê nem escreve.....	63
Figura 10: Capa de <i>Reminiscencias d’um Frade</i> (1917).....	72
Figura 11: Capa de <i>Através dos Romances</i> (1915).....	73
Figura 12: Dedicção do Frei Pedro Sinzig, da obra <i>Reminiscencias d’um Frade</i> (1917).....	76
Figura 13: Família Werneck (1917).....	78
Figura 14: Educação do corpo e higienismo – presença do poder público.....	82
Figura 15: Educação do corpo e higienismo – banhos em águas públicas.....	85
Figura 16: Educação do corpo e higienismo – cuidados do corpo.....	87
Figura 17: Higienismo: enterro.....	90
Figura 18: Educação do corpo e trabalho.....	97
Figura 19: Educação do corpo e trabalho – condenação do ócio.....	99
Figura 20: Educação do corpo e trabalho.....	101
Figura 21: Temas do Progresso.....	105
Figura 22: Educação do corpo e moralidade – valorização da família.....	114
Figura 23: Educação do corpo e moralidade – presença da mulher.....	116
Figura 24: Presença feminina.....	117

Figura 25: Educação do corpo e moralidade – afastamento dos vícios.....	<b>122</b>
Figura 26: Educação do corpo e moralidade – vícios (cigarro).....	<b>123</b>
Figura 27: Educação do corpo e moralidade – afastamento da criminalidade....	<b>125</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CDAPH - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação

OFM - Ordem dos Franciscanos Menores

UNICAMP - Universidade de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

USF - Universidade São Francisco

## INTRODUÇÃO

“Os homens se parecem mais com a sua  
época do que com seus pais”.

Marc Bloch.

### O pesquisador

Uma das últimas coisas que fiz em minha pesquisa foi escrever sobre minha relação, enquanto pesquisador, com Frei Pedro Sinzig e as obras privilegiadas, *Reminiscencias d'um Frade* (1917) e *Através dos Romances* (1915), relação essa que percorreu longos dois anos, de forma bastante intensa e enriquecedora. E em alguns momentos, confesso, tive a sensação de estar percorrendo caminhos que deveriam ser escondidos, principalmente aqueles que denotavam certa intimidade do Frei. Porém, tenho por certo que aquilo que foi escrito pelo próprio Frei Pedro, caracterizava a seleção do que ele próprio gostaria que fosse lembrado. Isso nos serviu de confiança.

A primeira obra a que tive acesso foi *Reminiscencias d'um Frade* (1917). Nela, tive a impressão de estar voltando aos vinte e três anos, quando iniciei minha jornada no curso de Teologia no Seminário Teológico de Campinas, quando, como requisito para iniciar o curso, todos tinham que elaborar, manualmente, dois descritivos<sup>1</sup>, mostrando quem eram. Hoje, pensando naquele dia, percebo que estava escrevendo uma reminiscência, no sentido daquilo que gostaria que fosse referenciado e lembrado sobre mim, de forma a me habilitar ao ingresso no curso. Nessa tentativa de autodescrição, percebi que tudo que escrevi estava associado não exatamente àquilo que eu era, mas a uma dada conformidade social, que se submetesse a preceitos tomados como bíblicos ou aceitos como tal, de forma a habilitar-me, naquele momento, para o fim desejado. Essa tentativa de autoafirmação moral e social está sempre presente na vida de um seminarista, isso porque, este não é somente alguém que comprova um determinado conhecimento, mas que tem a intenção de identificar-se a partir de um pressuposto religioso, em consonância com uma dada conformação social. A partir daí, percebi essas nuances na vida do Frei Pedro, o que me permitiu lê-lo com mais propriedade. Portanto, Sinzig inicia *Reminiscencias d'um Frade* (1917), mostrando que tem uma família, que

---

<sup>1</sup>São chamados de testemunho pessoal e vocacional.

foi submetido a uma educação católica, que aprendeu sobre o valor de uma moral cristã, quesitos, esses, tão valorizados neste momento.

Passado algum tempo, tive contato com outra obra do Frei Pedro Sinzig, *Através dos Romances* (1915). Nela percebi que o autor, além de ser um intelectual, de uma dada representatividade, era um observador do espaço urbano da sua contemporaneidade, e mais, alguém que, de alguma forma, tinha intenção de interferir na sua sociedade, propondo uma dada conformação social, a qual será analisada a partir do pressuposto de uma dada educação do corpo. Como já tinha lido Bresciani e Thompson, percebi que Frei Pedro Sinzig era um observador atento, presente por entre as páginas das duas obras privilegiadas nesta pesquisa. Novamente pensei sobre a minha própria vida, pois por longos anos, após ingressar-me numa função pública como Guarda Civil, atuei na Segurança Pública, presenciando a dinâmica do espaço urbano, muitas por entre as lágrimas e os risos, entre a perturbação e o sossego, entre crimes e desafetos, entre calma e agitação. Por vezes, na agitação diurna ou no silêncio noturno, tive a oportunidade de perceber como as coisas e as pessoas se conformam no espaço urbano. Apesar de contextos muito diferentes, percebi que meu interesse pela vida do frei e suas obras tinha muito a ver com minha própria vida e formação.

### **Frei Pedro Sinzig**

A partir disso, nasceu em mim um interesse maior, em conhecer a vida de Frei Pedro Sinzig, como um franciscano.

Frei Pedro Sinzig foi pertencente à Ordem dos Freis Menores (OFM), nasceu em Linz<sup>2</sup>, em 1876 e faleceu na Alemanha em 1952.

Ingressou no *Collégio de Harreverd* em 31 de março de 1891, colégio esse destinado exclusivamente para aqueles que aspiravam ao episcopado na Província Saxônia da Ordem Franciscana.

A vinda de Pedro Sinzig ao Brasil, esta permeada pela idealização da história da renovação franciscana no Brasil. Sangenis (2004) salienta que logo após o termino do sistema do governo imperial brasileiro, alguns frades mais antigos dirigiram-se ao Papa Leo XIII, com a finalidade de solicitar frades para o repovoamento dos conventos.

---

<sup>2</sup>Cidade de 4000 mil habitantes (SINZIG, 1917, p. 349).

Nesse sentido, a província franciscana do Noroeste da Alemanha, denominada da Saxônia, de onde Frei Pedro Sinzig é natural, do qual segundo Sangenis (2004), tinha condições favoráveis para envio de franciscanos. Assim, durante os anos de 1891, 1892 e 1893, consecutivamente, são enviados vocacionados<sup>3</sup> franciscanos ao Brasil.

Pedro Sinzig chegou ao Brasil em 1893 na cidade de Salvador na Bahia, juntamente com mais 30 missionários, ligando-se ao Convento de Santo Antônio no Rio de Janeiro. Foi ordenado sacerdote católico e naturalizou-se brasileiro em 1898. Ademais, foi músico, artista, professor e escritor, tem uma extensa produção intelectual na área da música e do ensino religioso no brasileiro, além de capelão do Exército Brasileiro na Campanha dos Canudos<sup>4</sup> (SANTOS, 2004).

Um dos grandes destaques do Frei Pedro Sinzig é sua relação com a música, devido o fato de ter sido um incentivador da música sacra, tornando-se um conselheiro em relação às questões musicais e litúrgicas.

É autor de vários romances e artigos que combatiam o nazismo no Brasil. Publicou cerca de quarenta obras, escreveu quatorze romances e contos, dezoito livros instrutivos e didáticos, sete biografias e vidas de santos, sete devocionais e livros religiosos e dezesseis traduções. Contribuir periodicamente para revistas religiosas, além de compor oitenta e cinco peças musicais<sup>5</sup>.

Em 1941 criou a Revista Musica Sacra, com o objetivo de divulgar a música e os padrões religiosos.

Em 1959, com a finalidade de preparar os dirigentes para o serviço religioso, criou a Escola de Musica Sacra.

Apesar de ter chegado pelo Nordeste, passou grande parte de sua vida no Brasil no Sul, em Santa Catarina, em Lajes, onde de fato iniciou sua trajetória.

Em 1902 fundou o jornal Cruzeiro do Sul, do qual foi suspenso em 1905, devido ordens superiores, por enfrentamento a diversas autoridades civis e não civis. Continuou em Lajes, sem as publicações através do Cruzeiro do Sul, apenas como professor de

---

<sup>3</sup>O termo vocacionado aqui empregado, refere-se aqueles que religiosamente, identificam-se como direcionados ao serviço sacerdotal católico.

<sup>4</sup>Confronto entre Exército e integrantes de um movimento religioso liderado por Antônio Conselheiro (1830-1897) que pendurou entre 1896 a 1897, no interior da Bahia.

<sup>5</sup>A coleção de Frei Pedro Sinzig disponível no CDAPH, entre partituras, artigos para periódicos e livros, somam-se setenta e três títulos.



artes e musica até 1908, onde então é transferido para Petrópolis no Rio de Janeiro, onde atuou como responsável pela Typografia de São José e redator da Editora Vozes.

Com isso, Sinzig tem a oportunidade de atualização do sistema de impressão, através de uma renovada máquina de dobrar, costurar e imprimir, que trouxera de sua viagem à Alemanha. Cabe destacar, que Petrópolis era o centro mais importante da vida católica (SINZIG, 1917, p. 320).

Frei Pedro Sinzig foi homem eclético, com muitos talentos intelectuais. Seu ministério sacerdotal foi desenvolvido com muita diversificação pragmática. Ora era o professor, ora era o sacerdote, ora ainda era o restaurador de pinturas sacras, musicista incansável, o autor de livros didáticos, de obras hagiográficas, de textos devocionais (SANTOS, 2004). É notória sua influência social, não só pelo conteúdo dos escritos, mas também pela erudição em que escrevia. Era visto como alguém que produzia uma leitura de “importância extraordinária”, conforme citado pelos indicativos de leitura da editora, presente em seu próprio livro (SINZIG, 1915). É relacionado como aquele que poderia permitir aos pais educar selecionando a leitura de seus filhos, sem a necessidade de receber influência externa, ou das heresias mundanas.

Em 1920 foi obrigado a retornar a Europa, devido principalmente aos escritos em defesa dos alemães na Primeira Guerra Mundial. Retorna ao Brasil em 1922, onde permanece exercendo suas atividades como músico e professor de artes.

Nesse sentido, nossa leitura das obras privilegiadas de Frei Pedro Sinzig, se deu a partir das considerações de um franciscano, que compunha a elite letrada urbana, escritor fluente, com mais de quarenta obras publicadas, entre romances, novelas e ensaios e manuais didáticos, considerando que ele, atuou como tradutor, autor de livros didáticos, legado que deixou marcas no cotidiano.



**Figura 1: Frei Pedro Sinzig.**

Fonte: *Diario Cariocca* (jornal), 26 de setembro de 1937. CDAPH.

## A Pesquisa

Privilegiamos nesta pesquisa a concepção de corpo presente em duas obras distintas do franciscano Frei Pedro Sinzig (1876-1952). A primeira obra é *Através<sup>6</sup> dos Romances*, cujo subtítulo é *Guia para as consciências*, em sua edição de 1915; e a segunda é *Reminiscencias d'um Frade*, edição de 1917, ambas publicadas pela Editora Vozes.

A obra *Através dos Romances* (1915) apresenta uma seleção de obras que poderiam e outras que não poderiam ser lidas. Nesta, Frei Pedro combate a leitura de determinados romances que se espriavam pelos leitores católicos, pela sociedade de sua época, devido ao crescimento de editoras não católicas. Ele organiza uma obra na qual apresenta notas sobre 11.863 livros e 5.150 autores, conforme a página de rosto da edição de 1915, sua primeira edição. De acordo com Corrêa (2010, p. 114), a última edição desta obra, com o mesmo nome, é de 1923, e traz um levantamento de 21.553 livros analisados pelo autor e seus colaboradores. Segundo Paiva (1997, *apud* CORRÊA, 2010, p. 114-115), “[...] o guia para as consciências apresenta uma listagem das obras e seus autores no formato de verbetes, ressaltando aspectos positivos e negativos sobre os romances”. Portanto, Frei Pedro Sinzig coloca-se como um censor de alguns autores e enaltecendo de outros, na postura de um guardião da Igreja Católica, diante do anticlericalismo militante de boa parte das livrarias ligadas aos movimentos culturais (SANGENIS, SANGENIS, 2013).

Em seus textos, esse franciscano faz diversos apelos alertando para os perigos de livros que circulavam em seu meio, que poderiam tornar-se “veneno mortal” para a moralidade. Frei Pedro Sinzig vê os livros como “maçãs de faces vermelhas”, “fruto do pecado”, que, na primeira mordida, podem colocar a perder gerações inteiras (SINZIG, 1915, p. 19). Em *Através dos Romances* (1915), temos os livros avaliados em três classificações diferentes: 1) recomendados, de leitura sã, que são a minoria; 2) recomendados, porém com ressalvas, que poderiam ser lidos por adulto homem; e 3) perigosos, cuja leitura constitui-se verdadeiro perigo para o leitor, dos quais o leitor tem que afastar-se, quando não, queimá-los. Nas palavras de Corrêa (2010, p. 115):

---

<sup>6</sup>No texto original, temos divergência na escrita do título dessa obra. Na capa, o título aparece escrito “Atravéz dos Romances”, e, na contracapa, “Através dos Romances”. Adotaremos “Através dos Romances”.

Havia, pois, a necessidade de realizar um intenso trabalho no sentido de orientar as leituras dos católicos. A preocupação maior, contudo, se voltava para as leitoras católicas, vítimas fáceis dos folhetins e romances de amores intensos.

Para Frei Pedro, as livrarias da época que eram ponto de encontro da intelectualidade e de políticos brasileiros (PAIVA, 1997), eram grandes “pomares de laranja podre”, portadores de “livros envenenados” (SINZIG, 1915, p. 19).

Como a obra *Reminiscências d’um Frade* (1917) é uma seleção de lembranças de Frei Pedro Sinzig, consideramos que poderíamos tomá-la como uma autobiografia. Na obra ele apresenta sua infância, juventude, sua vocação ao ministério sacerdotal católico, suas experiências no Exército como missionário brasileiro, além de sua experiência como participante da Guerra dos Canudos e de suas andanças pelo sertão baiano. *Reminiscências d’um Frade* (1917), dada a sua natureza autobiográfica, pareceu-nos voltada para afiançar e reafirmar a aptidão de Frei Pedro ao sacerdócio católico, pois constantemente busca demonstrar a excelência do seu episcopado, e sua ilibada moral e condição ao exercício do ministério sacerdotal católico, ressaltando sua boa educação e formação familiar quando criança, jovem e adulto. Associados a tais atributos, reafirma sua aptidão ao trabalho. Assim, *Reminiscências d’um Frade* (1917) inscreve-se como uma obra de autoafirmação da sua própria condição enquanto religioso, habilitando-o para orientar e propor uma dada conformação social, baseado nos preceitos da Igreja Católica e da República no Brasil, na virada do século XIX para o século XX. Com isso, Frei Pedro Sinzig afirma quem ele é, e por que pode defender o que defende, o que se torna uma justificativa para afirmar e legitimar sua atuação como censor na obra *Através dos Romances* (1915).

Dois objetivos foram delimitados para esta pesquisa. O mais amplo foi identificar e pontuar as potencialidades das obras *Através dos Romances* (1915) e *Reminiscências d’um Frade* (1917) para a história da educação brasileira, no que tange à história da educação do corpo. O objetivo mais específico foi o de analisar a concepção de educação do corpo presente em tais obras, considerando-se o contexto histórico-cultural do período delimitado para a pesquisa, situado entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX (1889-1920).

No esteio de tais objetivos, pontuamos as questões que nortearam a delimitação dos mesmos: 1) Quais são as tensões e conflitos do período que atravessam as obras *Através dos Romances* (1917) e *Reminiscências d'um Frade* (1915)? 2) Seria possível flagrarmos algumas das motivações que levaram Frei Pedro Sinzig a escrever um livro indicando e limitando obras literárias que a sociedade deveria ou não ler? 3) Por que tanto as indicações como as limitações de leitura tratam de romances? 4) Seria possível rastreamos as ideias e visões de mundo que estimularam Frei Pedro Sinzig a se propor um “guia para as consciências”? 5) Ao escrever *Reminiscências d'um Frade* (1917), o que Frei Pedro Sinzig gostaria que dele fosse lembrado? 6) Haveria alguma relação entre o que ele gostaria que fosse lembrado e a sua atuação como Frei franciscano que primava pela defesa “da boa leitura de formação católica” e censor das “leituras perigosas?” 7) Diante dos questionamentos destacados, seria possível identificarmos uma dada concepção de educação do corpo acolhida por Frei Pedro Sinzig nas obras analisadas e colocá-las na relação com o contexto histórico-cultural da época?

Tanto os objetivos delimitados, quanto essas questões foram ao encontro do que entendemos por corpo e, por conseguinte, endossam que:

A física dirá que [o corpo] é um agregado de átomos, uma certa massa e energia que funciona de acordo com as leis gerais da natureza. A química dirá que é feito de moléculas de água, oxigênio, carbono, de enzimas e proteínas, funcionando como qualquer outro corpo químico. A biologia que é um organismo vivo, um indivíduo membro de uma espécie (animal, mamífero, vertebrado, bípede), capaz de adaptar-se ao meio ambiente por operações e funções internas, dotado de um código genético hereditário, que se reproduz sexualmente. A psicologia dirá que é um feixe de carne, músculos, ossos, que formam aparelhos emissores de respostas internas e externas a tais estímulos, capaz de ter comportamentos observáveis. Todas essas respostas dizem que nosso corpo é uma coisa entre as coisas, uma máquina receptiva e ativa que pode ser explicada por relações de causa e efeito, suas operações são observáveis direta ou indiretamente – podendo ser examinada em seus mínimos detalhes nos laboratórios, classificado e conhecido. Nosso corpo, como qualquer coisa, é um objeto de conhecimento (CHAUÍ, 2009, p. 207).

Podemos acolher o corpo enquanto um objeto de conhecimento, contudo pensamos que seja necessário tomá-lo enquanto um:

Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e

confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo [...] o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (SANT’ANNA, 2002, p. 3).

Nesse sentido, ao tratarmos de educação do corpo entendemos que:

Os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelos lugares onde vivem (SOARES, 2002, p. 110).

Entendemos que o corpo carrega significados sociais e é atravessado por projetos alheios que incidem sobre ele. Marcas e projetos inscritos e subjetivados em conexão com práticas culturais de um determinado contexto histórico social. Não é por acaso que Vigarello (1978, *apud* SOARES, 2002, p. 17) propõe que

[...] o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõe os limites sociais e psicológicos que foram dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões.

Ressaltamos que tomamos por a cultura “[...] em termos de conflito. Nesse sentido a experiência é fundamental, uma vez que pessoas e grupos desenvolvem uma perspectiva de reciprocidade na defesa de seus interesses e das suas expectativas” (TABORDA, 2008, p. 166), sendo necessário, ainda, salientar que uma cultura é

[...] entendida como lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre cortada pela noção de reciprocidade. Como movimento [...] traz a possibilidade de reinvenção, como também a perspectiva de conformação. Mas é no jogo dessas possibilidades que emerge a sua riqueza e fecundidade [...] (THOMPSON, 1981, *apud* TABORDA, 2008, p. 153).

Quando reportamo-nos à educação do corpo, tendo por mote tal concepção de cultura, nos aproximamos da temática da educação do corpo na perspectiva de quem entende que

A vida é uma experiência histórica que se tem com e no corpo, incluindo etapas, marcos temporais, de identidades, de gênero e marcas étnicas, também necessidades e funções físicas [...]. Para além dessas dimensões, no e com o corpo se desenvolvem as percepções e sensibilidades (visão, olfato, tato, audição, gustação), os canais culturais de comunicação (movimentos, expressões, gestos, linguagens) seus usos e práticas, e também as sensibilidades (dor, esperança, amor, saudades, etc.), que tornam o corpo uma âncora de emoções (MATOS, 2008, p. 243).

Sendo assim, privilegamos os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX (1889-1920) porque as obras do Frei Pedro Sinzig são atravessadas por questões consideradas candentes pelos contemporâneos da época, marcadas por fortes matizes nacionalistas, liberais e positivistas, inerentes à modernidade. Tais questões estão ancoradas no contexto de visões de mundo e ideias que emergiram no processo da proclamação da república no Brasil. Assim, tenderam a minimizar o impacto das manifestações sociais (urbanas e rurais), a dizimação das populações indígenas, do racismo vigente numa sociedade que havia há pouco tempo extinguido a escravidão de negros, bem como marcada pelas precárias condições de vida da população urbana, acoitada pela fome, alto custo de vida nas grandes cidades, falta de moradia e epidemias. Ainda, nesse contexto temos o processo crescente e simultâneo de industrialização, de aumento populacional e de urbanização no Brasil (CUNHA, 1986; RAGO, 1985; SEVCENKO, 1983).

Nesse contexto, a educação emerge e se consolida como um dos temas mais candentes do cenário nacional para a elite letrada urbana. Portanto, a educação ganha foros de questão nacional e social, pressuposto para formar e moldar (CARVALHO, 2000) a população com valores republicanos e liberais tão caros ao que seria a civilização, na perspectiva dos que defendiam o progresso social, a partir de determinado padrão de moralidade, sobretudo aquele que tomava o trabalho como uma virtude a ser cultivada, no imbricamento de preceitos católicos e higienistas, com particular ênfase por entre os segmentos assalariados da população urbana (GUIMARÃES, 2013; RAGO, 1985; VEIGA, 2002).

A educação foi assumida por parte significativa da elite letrada urbana, como condição *sine qua non* para o progresso da recém-proclamada república brasileira (GUIMARÃES, 2013a; BUENO, GUIMARÃES, BUENO, GALZERANI, 2013b). De acordo com Kuhlmann Jr. (1998), a educação também se apresenta como uma questão de redenção social e, atreladas a tal ideia, emergem e destacam-se, no contexto brasileiro, práticas sociais filantrópicas e assistencialistas, ligadas umbilicalmente à ideia de sociedade moderna e civilizada.

Na delimitação do recorte temporal e das obras privilegiadas na pesquisa, consideramos também o fato de que Frei Pedro Sinzig foi um intelectual religioso, cuja publicação teve certa visibilidade e circulação em sua época (CORRÊA, 2010; PAIVA, 1997; SANGENIS, SANGENIS, 2013).

A escolha dessas duas obras de Frei Pedro Sinzig, em um primeiro momento, pautou-se pelo nosso interesse em pesquisar a concepção de educação do corpo endossada pelo frei franciscano. Consideramos a pertinência de colocarmos em relação tais obras, devido ao fato de que uma traz vasta lista de livros e autores, alguns desaconselhados enfáticos e outros francamente indicados como leituras desejáveis, e a outra se afigurou para nós como uma biografia. Ao colocar em relação, supomos que fosse possível identificar visões de mundo, ideias e temáticas que orientaram a elaboração e a publicação de *Através dos Romances* (1915), à luz das lembranças intencionalmente selecionadas por Frei Pedro, para comporem *Reminiscências d'um Frade* (1917), uma obra memorialística e autobiográfica. Sob tal enfoque, foi estimulante observar como tais obras traziam em comum algumas questões e reflexões de Frei Pedro, ancoradas ao contexto histórico-cultural da época. Assim, por entre seus comentários e critérios de avaliação do que era virtude exemplar aos católicos, vemos emergir, por entre as páginas dessas duas obras, desde referências aos padrões morais de comportamentos masculinos e femininos valorizados pela Igreja Católica, aos princípios de higiene voltados a tais padrões em consonância com uma dada concepção de família, de civilidade e educação, até posicionamentos críticos tanto sobre algumas manifestações culturais populares, quanto sobre o avanço no mercado editorial de obras distantes dos valores preconizados pela Igreja Católica, fossem estes romances, ou livros didáticos.

Pontuamos que Frei Pedro foi um dos editores mais conhecidos da Editora Vozes, fundada em 1901 em Petrópolis, Rio de Janeiro (KIRCHNER, 2009). Imprimia



livros didáticos, destinados aos alunos da Escola Gratuita São José, que se destinava à educação de meninos pobres, com uma matrícula inicial de 500 crianças, sob manutenção por três padres franciscanos e seis professores leigos assalariados. Era sustentada financeiramente pelo Convento, pela receita da Typografia<sup>7</sup> de São José, e pelas doações da população (SINZIG, 1917, p. 288, 289).

A Editora Vozes teve sua origem nessa Typografia. O nome da editora decorre de uma revista criada pelos franciscanos em 1907, com título *Revista de Cultura de Vozes*. A partir desse periódico, ganhará o nome de Editora Vozes. Atualmente, a Vozes é a maior editora católica da América Latina, completando cento e treze anos em 2014.

Na delimitação do recorte temporal da pesquisa, levamos em consideração, ainda, a hipótese de que as tensões e disputas políticas, engendradas no interior do regime republicano recém-implantado, juntamente com os ideais de restauração franciscana e de ampliação do catolicismo brasileiro, poderiam ter impactado e estimulado a elaboração, publicação e distribuição das obras de Frei Pedro Sinzig. Tais obras valorizavam uma dada educação do corpo, que ia ao encontro dos ditames católicos e republicanos, os quais, por sua vez, preconizavam a formação e conformação de cidadãos destinados à convivência pacífica, disciplinada e controlada no espaço urbano, distantes, por exemplo, da violência das manifestações operárias ou da algazarra e barulho tão a gosto das camadas populares, em seus momentos de lazer.

Nesse sentido, as camadas populares deveriam ser educadas para a valorização do progresso econômico e urbano, pautando-se estes pela racionalidade do trabalho fabril e assalariado, propagada no período como máxima da civilização moderna. E, em contrapartida, práticas e saberes oriundos do espaço rural foram desvalorizados, sobretudo porque eram marcados pela oralidade e não pelo letramento disseminado e valorizado pela cultura escolar, tida como mais civilizada e avançada (VEIGA, 2002), numa perspectiva que valorizava o conhecimento científico em detrimento do dito conhecimento popular.

Em nossa pesquisa consideramos que havia uma concepção de educação do corpo prevalecente nas obras de Frei Pedro, em detrimento de outras possíveis, as quais poderiam reportar-se, por exemplo, a educação indígena, de segmentos anarquistas do movimento operário, dentre outros. A concepção de educação do corpo de que tratamos

---

<sup>7</sup>No transcorrer do texto respeitaremos a grafia original da época.

aqui encontrava guarida, muitas vezes, em termos de condutas compatíveis com a moral da Igreja Católica e republicana. Nesse sentido, Paiva (1997, p. 50) considera que

Sinzig lançou mão de todos os meios modernos, pôs em funcionamento toda a maquinaria à sua disposição para defender a sua causa: imprensa, cinema, jornalismo, política. Implementou sua mensagem através de uma luta que beirou o épico, tentando formar as consciências por meio da palavra escrita.

Lembramos que a Igreja Católica reconhecia o período como um “campo doutrinário”, em que suas pretensões emergiam como possibilidades de restauração do poder político, então enfraquecido na instauração da República, para implementação de uma reforma moral geral (CARVALHO, 2000, p. 103). Sangenis (2004, p. 5) ressalta que a presença da República trouxe para a Igreja uma forma clerical de organização, substituindo a forma leiga e litúrgica, presentes no Brasil desde o período colonial “[...] o rosto da Igreja brasileira passa a se identificar, maciçamente, na vivência de sua fé e expressões religiosas, com o clero e a hierarquia”. No mesmo sentido, Kirchner (2009) propõe que a República, de fato, marca o início de uma nova etapa na vida do catolicismo no Brasil, principalmente em decorrência do decreto de separação entre Igreja e poder civil.

A partir de então, com o fim do padroado<sup>8</sup>, o catolicismo deixou de ser religião oficial e a República passa a ser leiga; com isso, segundo Oliveira (1985), a igreja tem alguns privilégios suprimidos, tais como a subvenção pelos cofres públicos da igreja, que já se fazia insuficiente no final do século XIX, e um benefício, é a supressão do padroado, com o fim de uma proteção que os oprimia. Porém, o principal problema foi

[...] a ruptura entre o clero e a grande massa de fieis, ruptura posta em evidencia e agravada pela separação entre Igreja e Estado. Para sobreviver sem o apoio do Estado era indispensável ao aparelho religioso reestruturar-se, restabelecendo a articulação entre o aparelho eclesiástico e as grandes massas (OLIVEIRA, 1985, p. 275).

---

<sup>8</sup>Trata-se de um acordo (tratado) entre Igreja Católica e os Reinos de Portugal e da Espanha, mediante o qual a Igreja delegava aos governos locais sua administração e organização sob seus referidos domínios. Com isso, muitas das funções e atividades da Igreja Católica estavam sob a administração do poder político local, inclusive a nomeação de padres e bispos, assim como a construção de igrejas, ambos sob a autorização do papa (SANGENIS, 2004).

Convém salientar que, nessa perspectiva de atuação, apesar de haver diferentes interesses entre República e Igreja, não existiam conflitos declarados por parte da Igreja, nem mesmo por parte da República; pelo contrário, “[...] o poder da Igreja Católica expressava-se na sua capacidade de agregar o católico e o cidadão nas diferentes formas de representação religiosa” (PASSOS, DELGADO, 2005, p. 49).

Nesse sentido, corroboramos as palavras de Corrêa (2010, p. 44), quando aponta que a República não se tornou “irreligiosa”, muito pelo contrário, permitiu que a Igreja Católica continuasse atuando, principalmente na educação<sup>9</sup>. Ademais, corroboramos também com Catroga (2004), que, ao evidenciar o conceito de laicidade presente nesse momento, propõe tratar-se de uma liberdade social religiosa, portanto a República, por definição, não criaria resistência ao trabalho da Igreja Católica. Segundo esse mesmo autor, laicidade (tratado em seu texto como sinônimo de secularização) é vista no século XIX a partir de uma moral, que se baseia no bem-estar da vida presente, apartado e “independente” (p. 11) da crença religiosa, defendendo uma “moral racional”, segundo a qual, todo homem, inclusive o ateu, está submetido a uma ordem de verdade independente da religião, ou seja, não decorre do fato de conhecer ou não um Deus, mas de certa “disposição do temperamento, fortificado pela educação” (p. 23). Ademais, a laicidade não era antitética em relação à religião, mas clamava por uma liberdade religiosa, a qual emerge no contexto da sociedade e do Estado. Assim, o sentido da laicidade nunca foi referente àquele que não tem religião, mas, sim, àquele que não está submetido a uma, mas que tem liberdade para escolhê-la. Portanto, esta será explicação possível para a ausência de conflitos expostos entre república no Brasil e igreja, durante a virada do século XIX para o XX.

Consideramos ainda que, quando nos voltamos ao período, é preciso nos voltar à restauração católica, pois é importante entendermos o que se convencionou chamar de “romanização do catolicismo”. Segundo Kirchner (2009, p.10), trata-se de um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica, visando a desvincular a hierarquia da igreja da coroa luso-brasileira e colocá-la sob ordens diretas da Santa Sé, onde três fases

---

<sup>9</sup>A exemplo, destacamos o Colégio Progresso, em Campinas, o qual, apesar da laicidade do ensino do período, declara a religião católica como componente moralizador das alunas, sem o questionamento dos pais, os quais aspiravam e coadunavam com aqueles que defendiam o ensino laico (CORRÊA, 2010).

costumam caracterizar o período de romanização do catolicismo brasileiro. São elas: a “reforma católica”, a “reorganização eclesiástica” e a “restauração católica”.

Sendo assim, vamos ao encontro de Leonardi (2008), quando relata que a romanização significou muito no contexto brasileiro, pois, além de promover a submissão da Igreja Católica a Roma, combatia os ideais iluministas, que traziam à igreja certos perigos, com novas devoções e o catolicismo popular<sup>10</sup> não hierárquico, pouco ligado ao culto e às práticas litúrgicas da Igreja (BEOZZO, 1980, *apud* LEONARDI, 2008, p. 20). Ademais, destacamos que a romanização do catolicismo brasileiro, segundo Oliveira (1985, p. 178) estava bastante atrasada, e teve uma importância fundamental, no sentido moldá-lo ao modelo romano, através de duas centralidades, espiritualidade na prática de sacramentos e senso de hierarquia católica.

Associados a isso, temos também a presença dos franciscanos, cujo trabalho reestruturado no Brasil inaugura uma nova fase de atuação, que, paulatinamente, se espalha para as regiões Sudeste e Sul do Brasil. Essa atuação foi marcada por iniciativas destinadas à criação de conventos, paróquias etc., mas, principalmente, por trabalhos voltados à educação em diferentes comunidades (SOUZA, 2012), em destaque a criação da Escola Gratuita de São José<sup>11</sup> e de sua Typografia, que pressupomos no período privilegiado desta pesquisa, terem sido compreendidas como uma ação de progresso que, no esteio da criação, ambas valorizavam a educação como uma iniciativa civilizatória e moralizadora.

Consideramos, nesse sentido, a presença da imprensa como fulcral para a compreensão do quadro de transformações da modernidade, em especial na virada do século XIX para o XX. Entre os franciscanos, a imprensa passou a ser uma das formas de comunicação entre os frades e seus superiores (SANGENIS, 2004).

---

<sup>10</sup>Nos apropriamos das definições de Oliveira (1985, p. 135), o qual o define como um “conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial”. Esse catolicismo popular foi marcado por práticas religiosas que não dependiam da intervenção de autoridades eclesiásticas para serem adotadas pelos fiéis, principalmente identificadas pelos cultos aos santos e a relação com a natureza.

<sup>11</sup>A *Escola Gratuita de São José*, fundada em 1896 no Rio de Janeiro pelos franciscanos, tratava-se de uma escola destinada a meninos pobres, em especial a filhos de colonos (KIRCHNER, 2009), mantida pelo convento, pela *Typografia da Escola Gratuita de São José* e doações da população. Dirigidas por professores leigos e três padres franciscanos, contava com um público de mil alunos. (SINZIG, 1917, p. 288-289)

Cabe destacar que os franciscanos tinham por obrigação, de maneira hierárquica, relatar aos seus superiores imediatos todos os trabalhos realizados e seus respectivos andamentos. Esse relatar era uma forma de demonstração de obediência, bem como de observância das normas franciscanas nos campos missionários, e se dava por meio de cartas. Essa obediência era tratada como um princípio primeiro da peça jurídico-canônica e uma garantia do vínculo de união entre o frade e seus superiores. A hierarquia religiosa era tratada como uma obediência cega, como se fosse um cadáver, que se deixa levar para onde se quer: “[...] não basta executar o que se ordena” (obediência de execução); “é necessário a quem obedece que queira a mesma coisa que aquele que manda” (obediência de vontade); e mais, “é preciso, a quem obedece, que se deixe tomar pelo mesmo sentir de quem manda” e “acha estar bem mandado aquilo que se manda” (obediência do entendimento), pois “a obediência é imperfeita quando há execução, mas não há conformidade de querer e de sentir entre quem manda e quem obedece” (SANGENIS, 2004, p. 100). Uma das expressões frequentes de Frei Pedro Sinzig é: “obedeço a tudo que não seja pecado” (SINZIG, 1917, p. 120).

O princípio da obediência era um instrumento eficaz de controle a fim de garantir a conformidade das práticas missionárias às normas institucionais, pois o sucesso do trabalho religioso missionário, bem como o ingresso de noviços e o aumento do fluxo de recursos materiais e financeiros para as missões, dependiam de uma dada publicidade dos seus feitos ao grande público, especialmente nas cortes dos reis e na Cúria Papal (SANGENIS, 2004). Sob tal perspectiva, Frei Pedro defendia que

[...] entre os meios de defesa da religião, nenhum havia mais eficaz do que a imprensa, e sem contestação um dos meios proveitosos do Apostolado da Boa Imprensa é a propaganda da sã leitura”. [...] Si é, pois, de grande mérito a propaganda da leitura sã, como não será de valor um guia seguro nos declarando os bons livros, especialmente referindo-se aos romances, cuja leitura no presente é avidamente procurada? (SINZIG, 1915, p. 7-8).

Ainda nesse sentido, convém relatar que a imprensa era reconhecida como um mecanismo importante para a atuação da Igreja Católica e para a República nesse momento. No entanto, o acesso irrestrito aos textos produzidos pela imprensa não católica para a população era visto como fruto de pecado, que, na primeira mordida, poderia colocar gerações inteiras a se perderem. São “frutos podres”, também denominados de “lixo literário”, produtores de “grandes pomares pecaminosos”,

repletos de ervas daninhas e “veneno”, que agem nas “faces rosadas das maçãs”, as quais, ainda inocentes, perdem a consciência do que é certo ou errado (SINZIG, 1915, p. 2).

Sangenis (2013, p. 10) aponta que:

Esta expansão do interesse por livros esbarra, entretanto, em certas aporias vinculadas à tradição cultural ocidental, que sempre incentivou o acesso à leitura, mas, doutra parte, sempre revestiu essa “autorização” de uma certa tutela disciplinante e, até mesmo, castradora. O aspecto coercitivo deste movimento “tutelado” deu espaço, assim, a matizes censórios, a partir do momento em que se “franqueava” o acesso aos livros, mas ainda se negava, por exemplo, às mulheres, a possibilidade da escrita – e, por conseguinte, o exercício da liberdade, através da possibilidade de uma comunicação aberta e da troca de ideias entre interlocutores os mais diversos.

E diante dessa constatação, Sangenis (2013, p. 5) afirma que:

Ora, era, então, necessário orientar e proteger os cristãos católicos das doutrinas que não se coadunavam com a verdade, cuja fiel depositária era a Igreja Católica, através do seu magistério, representado pelo clero. Tais doutrinas novas, divulgadas pelos inimigos da religião e da moral católica, tinham como seu principal instrumento a imprensa. Daí a grande preocupação da Igreja Católica, no fim do século XIX e início do século XX, de que a imprensa pudesse constituir-se numa arma ferina contra a fé cristã. Por isso se instruíam os católicos para não assinarem ou comprarem jornais ímpios.

Além disso, o autor reitera que:

Percebe-se, nos discursos que circulavam a partir dos primeiros anos do século XX entre a elite eclesiástica católica brasileira, uma forte necessidade de incentivar o esforço tanto dos sacerdotes, em geral, quanto dos chamados “bons católicos” na busca por combater toda a “má imprensa”. Partindo da crença de que a leitura mais perigosa fornecida na atualidade seria a dos “maus” jornais, os clérigos, como líderes dos “bons católicos”, seriam agentes fundamentais para instruírem os fiéis sobre tão grande perigo. Era necessário fazê-los conhecer os males oferecidos pela “má imprensa”, para que, só a partir de então, ela pudesse ser desprestigiada pelos fiéis e substituída pela “boa” (SANGENIS, SANGENIS, 2013, p. 5).

Posto que desde o século XVIII já circulavam nas estantes, bibliotecas e tipografias, constituindo-se um gênero preferido do público leitor da época.

Acrescente-se que o século XIX é denominado século do romance (PAES, 2013) Contudo, no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, o romance era visto como um gênero suspeito por parte de críticos e censores da época. Isso pelo fato de tratar-se de um gênero que atraía todo tipo de leitor, com sua linguagem acessível, e suscitava interpretações que feriam todo tipo de ortodoxia. Segundo Paes (2013, p.13), eram caracterizados pelo acesso fácil e sua linguagem atrativa; no entanto, eram tidos como portadores de cenas de adultério, incesto, sedução e crimes, fazendo com que o leitor aprendesse como levar a cabo situações semelhantes. Além de outras objeções, os romances eram tidos por alguns como imoral, como constituidor de corrupção do gosto, em razão do contato com situações moralmente condenáveis.

Paiva (1997, p. 36) acrescenta que sua restrição de leitura pela Igreja não estava associada somente às questões doutrinárias em si, mas, principalmente, ao fato de ele cercear a novidade, suscitar curiosidades, colocar em dúvida o costumeiro e em risco as mentes acríticas devotas. Contudo, os romances encontravam guarida numa elite letrada da época, que os aceitava em matéria de reflexão crítica, considerando-os sérios, objeto da produção de autores que se tinham por eruditos e tema de estudo, constituindo-se em leitura obrigatória nos currículos escolares, assim como na Europa, onde também ganhou destaque. Muito embora sua circulação em terras brasileiras já se desse desde fins dos setecentos, foi no decorrer do século XIX que a presença de romances se intensificou no Brasil, ao fazer parte de forma significativa do repertório de leituras dos brasileiros em diversas localidades do país. (PAES, 2013)<sup>12</sup>

Nesse sentido, consideramos que os franciscanos, por meio da *Typografia São José*, buscavam combater uma imprensa não católica, chamada por Frei Pedro Sinzig de “envenenadora” (1917, p. 6), pois, à medida que se expandia, poderia tornar-se prejudicial aos seus fiéis e à sociedade. Essa imprensa utilizaria jornais para difusão de más condutas e depravação dos costumes. Portanto, a *Typografia São José*, a serviço da Igreja Católica, trabalhava em socorro aos católicos, tendo seus impressos como instrumento principal, com os escritos e publicações para defesa da religião, de modo a salvaguardar a moralidade e civilidade. Isso porque ela se colocava como referência daquilo que poderia ser lido, a considerar que sua preocupação, em finais do século XIX para o XX, era de que a imprensa pudesse se constituir em uma arma contra a fé cristã,

---

<sup>12</sup>Paiva (1997, p. 40) informa que, a partir da segunda metade do século XIX, as livrarias tornaram-se pontos de encontro para reuniões obrigatórias de políticos e escritores.

razão pela qual instruía seus fiéis a não comprarem ou assinarem determinados jornais (SANGENIS, SANGENIS, 2013).

Para finalizar a contextualização do período na relação da importância da imprensa para a Igreja Católica, é necessário retomar o que Santos (2004, p. 4) propõe, informando que o momento era marcado por uma “certa escassez” de material que trouxesse base moral e religiosa, demonstrando, assim, que uma das saídas para os franciscanos era, de fato, a produção em massa de impressos. Estes, por sua vez, poderiam competir com os demais periódicos que estavam sendo publicados pelo regime republicano, sob inspiração do positivismo europeu.

Assim, consideramos importante analisar os contrapontos que motivaram a escrita de Frei Pedro Sinzig, já que o mesmo vive um momento em que se estima a necessidade de formar um novo homem e uma nova racionalidade, sob a interiorização de que o espaço urbano é constituidor de comportamentos e que, nesse mesmo espaço, a educação na virada do século XIX para XX era tida como um meio de transformar a sociedade como de moralizá-la (VEIGA, 2002). Ela era, também, um meio de alocar os indivíduos física e culturalmente, transformando-se em um importante elemento constitutivo da sociedade moderna, já que as questões educacionais emergem como algo não apenas interno à escola ou ao sistema educacional, mas em toda a sociedade.

Dessa forma, a urbanidade passa pelas premissas da educação, que passa a ser vista como base da vida civilizada na modernidade, deixando de ser apenas um resultado do desenvolvimento social, mas o motivo deste. (KUHLMANN JR., 2001)

Portanto, pressupomos que as obras do Frei Pedro Sinzig, *Reminiscências d’um Frade* (1917) e *Através dos Romances* (1915) estão perpassadas pelas ideias e visões de mundo da modernidade postuladas no contexto do século XIX e início do XX, e que muitas das suas confissões, ou mesmo “orientações”, como afirma o frei, estão ligadas à interiorização dessas ideias e visões de mundo.

Nesse sentido, as considerações que apresentamos estão ancoradas no pressuposto de que a memória sempre atende a uma demanda do presente, mesmo estando enraizada no passado, de forma vital. Portanto, concordamos com Meneses (1992, p. 11) acerca da afirmação de que “[...] a elaboração da memória se dá no presente e para responder as solicitações do presente”.

Com isso, investigamos, nas duas obras pesquisadas de Frei Pedro Sinzig, as marcas do seu tempo, em que as potencialidades de uma dada educação do corpo, em



consonância com a idealização de um espaço urbano na relação com a intencionalidade de formação de um novo homem, emergem como uma questão candente do período. A partir dessas considerações, constituímos a seguinte estrutura desse trabalho apresentado.

Organizamos a apresentação de nosso trabalho em três partes distintas, mas complementares. Na primeira, apresentamos o contexto histórico cultural do final do século XIX e início do século XX, considerando-se as percepções da modernidade, levando em conta o crescente processo de urbanização, industrialização e crescimento populacional ocorrido no período, atrelados à educação, entremeados pela interiorização de tais percepções pelo Frei Pedro Sinzig.

Na segunda, focalizamos as obras *Através dos Romances* (1915) e *Reminiscências d'um Frade* (1917), de Frei Sinzig, trazendo indícios que sugerem uma dada concepção de educação do corpo que atravessa tais obras pautadas no higienismo e pela valorização do trabalho.

Na terceira, colocamos em conexão a educação do corpo em franco diálogo com a moralidade defendida por Frei Pedro Sinzig, na relação com imagens impressas pelos periódicos *Fon Fon* e *Careta*, por considerar que tais periódicos circulavam no Brasil no período em questão. Convém assinalar que *Careta* era um periódico humorístico, que circulou no Brasil de 1908 a 1960, foi fundado por Jorge Schmidt e teve, entre seus colaboradores, alguns dos melhores chargistas do país, como José Carlos de Brito (1884-1950), diretor e ilustrador exclusivo da revista até 1921 (NOGUEIRA, 2010). Já o periódico *Fon-Fon* também de circulação nacional, surgiu no Rio de Janeiro em 1907, circulando até 1945. Seu nome tem uma conotação com o barulho produzido pela buzina dos automóveis (SOUZA, 2010).

E, por fim, trazemos algumas considerações finais.

## CAPÍTULO I - MODERNIDADE E EDUCAÇÃO DO CORPO

*“A modernidade é um processo histórico-cultural complexo, não linear, que designa, sobretudo, uma mudança da atitude do homem frente ao mundo e frente a si mesmo”.*

*Mauro Passos*

*Lucília de Almeida Neves Delgado*

Neste capítulo apresentamos o contexto histórico-cultural do final do século XIX e as duas décadas iniciais do século XX, focalizando aspectos de uma dada concepção de educação do corpo na modernidade no diálogo com as obras de Frei Pedro Sinzig – *Através dos Romances* (1915) e *Reminiscências d’um Frade* (1917); levando-se em conta o crescente processo de urbanização, industrialização e crescimento populacional ocorridos no período.

### **1.1. Modernidade na virada do século XIX para século XX**

Apontamos que a modernidade em estreita vinculação com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa, sob o marco da emergência e consolidação do capitalismo, transformou a vida do homem.

Nessa direção, Hobsbawm (1988) propôs que aquele momento assistiu à emergência e consolidação da racionalidade produtiva e fabril, própria da virada do século XIX para o XX. Tal racionalidade se moldou a uma economia que passou a ser mundial e internacionalizada. Para além do que, acolheu avanços técnico e tecnológicos que impactaram o potencial produtivo das indústrias, as possibilidades de transporte e meios de comunicação, o que contribuiu para alterar a percepção de tempo e espaço, de muitos dos contemporâneos e, conseqüentemente, das relações de produção no espaço urbano. Ademais, essa racionalidade produtiva, segundo Sevcenko (1987), asseguraria domínio sobre as forças da natureza. Esse domínio viabilizou o avanço do uso de diferentes fontes de energia, o que propiciou a aplicação da eletricidade, o uso de

derivados de petróleo em diferentes frentes de produção, além do desenvolvimento de indústrias químicas, farmacêuticas, fundições e siderúrgicas, dentre outras.

Essa racionalidade foi impulsionada pelas

[...] grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão (BERMAN, 1986, p. 13).

O conceito de modernidade com o qual trabalhamos está diretamente ligado às relações de produção capitalistas que destroçam os antigos vínculos sociais herdados dos laços servis do feudalismo (LE GOFF, 1990), acarretando um sentimento de ruptura com o passado.

Segundo Benjamim (1989), todos os valores passados tendem a ser considerados ultrapassados, restando apenas o fascínio pelo presente. Diante disso, novos ideários são propostos, os quais afirmam o trabalho como virtude, e este, por sua vez, passa a pressupor um rígido controle do tempo, matematicamente cronometrado e controlado, vinculado a uma produção voltada para o mercado, sobretudo no espaço urbano.

Thompson (1998, p. 268) localiza nesse contexto uma alteração da percepção do tempo decorrente de uma outra conformação do trabalho humano. Tal alteração foi acarretada por reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho, onde novas disciplinas e estímulos para a vida moderna foram propostos, com a inserção do “tempo do relógio”. Nessa nova percepção, marcada pelo modo de produção fabril, as tarefas passam a ser organizadas pelo tempo, medido e regulado pelo relógio.

Ainda sobre a modernidade, Berman (1986) a compreende como um “conjunto de experiências” (p.14) de tempo e espaço, experiências essas vitais, compartilhadas

entre homens e mulheres a todo o momento. Para esse autor “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (p.15).

Nessa perspectiva, ao elaborar um poema,<sup>13</sup> Carlos Magalhães, nos dá conta de apontar esse “conjunto de experiências” destacado por Berman (1986, p. 14) e vivenciado no espaço urbano na modernidade.

Petropolis – que, em verso, óra exalto ora decanto.  
E’ um sitio sem igual de aspectos tentadores...  
Um refúgio que inspira, um mystico recanto.  
Banhado de uma luz de efeitos multicores!  
E um paramo de Amor, de poesia e de entanto,  
Onde a brisa perpassa em mágicos rumores;  
É a terra desse sol – de uma côr de amarantho  
Infinito vergel de pomos e de flores!  
Petropolis, enfim, é uma linda collina  
Que, em rapido relance, impõe-se soberana,  
E os corações empolga e seduz e fascina!...  
E porque seja assim, eu a proclamo agóra  
Dentre todas, por certo, a cidade serrana  
Mais bella! E sem rival por esse mundo, em fora!  
(FON FON, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1914, n° 27, ano XVIII).

Nesta mesma perspectiva, ao focar o encanto e fascínio pela cidade de Niterói, produzido pela sensação de espanto diante das luzes noturnas, Sinzig propõe:

A profusão da luz artificial, á noite, na sumptuosa entrada e em toda parte, foi tal que talvez com razão, houve censuras por parte de amigos de maior economia. O panorama, à noite, era simplesmente deslumbrante. De Nietheroy e em toda a viagem da barca, o imenso clarão da Exposição Nacional atrahia e prendia as vistas, predominando tudo mais (SINZIG, 1917, p.310).<sup>14</sup>

Assim, Petrópolis e Niterói, sob as percepções da modernidade, são associadas a espaços iluminados, que seduzem, fascinam, deslumbram, que atrai a atenção prendendo os olhares.

---

<sup>13</sup>Poema elaborado em dedicação à Câmara Municipal de Petrópolis por ocasião do término das obras, em março de 1914 (FON FON, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1914, n. 27, ano VIII).

<sup>14</sup>Conservamos a grafia original em todo o texto para as citações diretas do Frei Pedro Sinzig.

A par deste contexto, cabe detalhar que, segundo Costa e Schwarcz (2000, p. 16-17), os finais do século XIX e o início do século XX são marcados por um tempo das certezas, que apostava no progresso da nação como uma realidade possível, onde a luz e a velocidade se inserem como símbolos da modernidade, sendo comum em exposições, uma “festa da eletricidade”. A luz elétrica é um marco dileto do período.

O momento também era marcado de realizações e de efetivação de projetos, pois foi considerado como um tempo de perspectivas, avanço da ciência, de reafirmação de valores morais e religiosos. Esse otimismo era fruto da Segunda Revolução Industrial, ocorrida na década de 1870, onde as novas descobertas científicas eram integradas aos processos produtivos, o que propiciou o desenvolvimento de novas fontes de energia, trazendo impactos diretos na indústria e em outras áreas. O período era visto como a *belle époque*<sup>15</sup>, representando o triunfo de uma dada modernidade. Temas como progresso, civilização, velocidade e rapidez, eram candentes nesse momento histórico-cultural (COSTA & SCHWARCZ, 2000; SEVCENKO, 1987).

Muitos segmentos sociais entravam no século XX confiantes e sonhadores, com a sensação da possibilidade de domesticar o futuro, prevendo e impedindo contradições. Ademais, não pairavam no ar indícios do que seria a Primeira Guerra Mundial. Esta, por sua vez, impôs um esfriamento desse otimismo social, tanto que, na perspectiva de Hobsbawm (1995), a Primeira Guerra Mundial colocou fim ao século XIX.

No entanto, esse mesmo sentimento de “aventura”, “poder” e “alegria” (BERMAN, 1986, p.15), que “prendia as vistas” (SINZIG, 1917, p.310), como “um tempo de certezas” (COSTA, SCHWARCZ, 2000, p. 17), é também marcado, segundo Bresciani (1982, p. 85), por certo “estranhamento”, produzido pela

[...] sensação e ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido. Registros de perdas e de imposições violentas encontram-se nos escritos de homens que se auto-representaram contemporâneos de um ato inaugural. É a constituição dessa ‘nova sensibilidade’. (BRESCIANI, 1982, p. 85).

---

<sup>15</sup>Ao tratar do termo *belle époque*, estamos nos apropriando dos conceitos tratados por Costa e Schwarcz (2000, p. 17), no qual se referem ao período de 1890 a 1914 como um “tempo das certezas”, onde os homens e suas máquinas são maravilhosos, quando se acreditava piamente na capacidade de se controlar mares, céu, terra, além dos próprios homens, onde o futuro era visto como civilizado.



**Figura 2: Modernidade e espaço urbano.** Esta imagem realça o Rio de Janeiro, sob a justificativa de “panorama carioca”, como um espaço urbano iluminado, que pressupõe uma dada arquitetura, que aparece na Revista Careta, como um espaço salubre e civilizado propício à convivência saudável à vida humana.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1914, nº 294, ano VII.

Segundo Berman (1986), esse “estranhamento” apontado por Bresciani (1982, p. 85), ameaçava

[...] destruir o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão permanente de desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (p. 15).

Posto isto, modernidade se apresenta carregada de ambivalências, pois, ao mesmo tempo em que encanta e produz fascínio, assusta; ao mesmo tempo em que oferece segurança, também propicia insegurança, confiança, risco e medo. Assim, a modernidade se compõe de paradigmas e paradoxos, que ora se aproximam, ora se contrapõem.

Bresciani (1982, p. 85) relata que esse “estranhamento” frente à cidade na modernidade era causado pela presença das máquinas e das multidões. Sendo estas vistas pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante, diante dos deslocamentos de muitos trabalhadores feitos diariamente pelas ruas, em direção aos seus locais e trabalhos, compondo-se de um “espetáculo” (p. 10) que fascinava e aterrorizava ante uma multidão que se mistura a “vagabundos” e “mendigos” (p. 39). Nesse sentido, Costa e Schwarcz (2000, p. 11) pontuam que, além do estranhamento das multidões andando pelas ruas, ou mesmo do barulho inquietante das máquinas, outras experiências urbanas que também denotavam o progresso, assustavam os contemporâneos do período, tais como

Os aviões subiam aos céus, mas o cometa Biela passava pelos ares gerando medo e apreensão. A mesma luz que movia os bondes e tirava as cidades da escuridão, promovia acidentes; choques às vezes fatais [...] os novos carros que começam a circular causavam engarrafamentos e trombadas, sobretudo quando aparelhados aos veículos de atração animal.

## DESASTRE



**Figura 3: As ambiguidades do progresso na modernidade.** A imagem retrata a dinâmica da vida social na modernidade. A ideia do progresso, também está ligada a tragédias e a choques, que por vezes fatais. Diante disso, tomamos que a ideia de progresso na modernidade, também está associada a medo, espanto e horror, representando assim, o avanço das máquinas e os consequentes e fatais desastres e acidentes (COSTA, SCHWARCZ, 2000).

Fontes: FON FON, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1914, nº 27, ano VIII.



Para além desse estranhamento, ou mesmo desse sentimento paradoxal e ambíguo presente na modernidade, um dos marcos do século XX, que acentua o sentimento de estilhaçamento para com as esperanças na modernidade, enfatizamos a Primeira Guerra Mundial. Segundo Bueno (2007), ela propiciou medo, espanto e horror, colocando em xeque a segurança tão sonhada:

[...] quando a I Guerra Mundial (1914-1918) eclodiu, ela estilhaçou as imagens e as esperanças de prosperidade, de segurança e de unidade de qualquer Estado-Nação na modernidade. Essas imagens e esperanças esvaíram-se frente ao horror causado às massas pela violência das batalhas. Ela impactou a economia mundial e a opinião pública dos diferentes países ocidentais, em particular quando esta opinião pública deparou-se com as fotografias do *front* e os relatos desalentadores da carnificina ocorrida em terras europeias, veiculados pelos periódicos brasileiros e estrangeiros (BUENO, 2007, p. 53).

## 1.2. Urbanização e espaço urbano

Portanto, o impacto causado pela Primeira Guerra Mundial, sobretudo pela dimensão de sua violência, fez ruir as certezas inspiradas na esperança da modernidade. As certezas e crenças foram abaladas e os mitos que a sustentavam foram desfeitos. Com isso, tais certezas, principalmente aquelas voltadas à ideia de liberdade e igualdade social, foram estremecidas. Contudo, para diversos autores, como Costa e Schwarcz (2000); Rago (1985); Sevcenko (1983); Cunha (1986), dentre outros, o período era marcado sintomaticamente por um otimismo, por parte de alguns segmentos sociais, que se deparavam com horror diante das manifestações e revoltos populares, fossem no campo ou na cidade. A modernidade propiciou a demanda e a formação de uma nova concepção do que seria o espaço urbano, que aparece como um constructo intencionado (ESCOLANO, FRAGO, 2001), que atende, sobretudo, aos pressupostos de racionalidade produtiva e fabril, assentada em relações de trabalho assalariadas. Porém, essa racionalidade, implicava em certa compreensão, do que é urbanização, civilidade, cidadania, moralidade, higienização e, principalmente no tange ao nosso objeto de pesquisa, a educação do corpo naquele período.

A par dessas considerações, afirmamos que o século XIX e as primeiras décadas do século XX são marcados por uma vertiginosa expansão urbana, que se alastrou pelas sociedades nacionais e internacionais, acentuando o espaço urbano como um espaço

iluminado, confortável e propício à convivência saudável, capaz de levar o indivíduo a uma vida melhor (VEIGA, 2002). No entanto, esses objetivos, só podem ser atingidos, mediante uma disciplinarização e controle da população, através de uma dada governamentalidade<sup>16</sup> (FOUCAULT, 2008). Mediante essa disciplinarização e controle, o espaço urbano é concebido como um espaço que educa, forma e conforma. Ademais, é um espaço, que deve ser pensado e projetado na perspectiva de abrigar um grande contingente populacional<sup>17</sup> (ESCOLANO, FRAGO, 2001). No entanto, a convivência nesse espaço, é constituidora de novos comportamentos.

Ainda, segundo Bresciani (1982), a cidade é formadora de uma nova “experiência visual” (p. 23), que se dá através dos traçados das ruas, ladeadas por grandes construções, além do vazio das praças, cercadas pelas igrejas e edifícios públicos, e pela enorme agitação das atividades e circulação de pessoas, as quais se concentravam num mesmo espaço. Este, por sua vez, traz consigo uma carga de significados produzidos através do tempo, o que o torna um cenário urbano e a vida, um “permanente espetáculo” (p. 11); portanto, constitui-se metaforicamente num laboratório de observação. Nesse sentido, permite ao observador contemplar as ambiguidades de um espaço que, por vezes, se revela contraditório.

O fluxo ininterrupto dos homens no trabalho, dos homens se deslocando pelas ruas, dos homens ocasionalmente fora do trabalho, dos homens que tiram seu sustento trabalhando nas ruas, dos homens que vagam recusando-se a trabalhar, dos homens que se mantêm através de expedientes pouco confessáveis: tudo é submetido a esse olhar avaliador. A cidade se constituirá no observatório privilegiado da diversidade: ponto estratégico para apreender o sentido das transformações, num primeiro passo, e, logo em seguida, à semelhança de um laboratório, para definir estratégias de controle e intervenção (BRESCIANI, 1982, p. 3).

---

<sup>16</sup>Cumprer destacar que o termo “governamentalidade”, aqui utilizado, é referência em *Segurança, Território e População*, obra de Michel Foucault (2008), ministrada no Collège de France de 1977-1978, onde retrata de forma genealógica os instrumentos de “governamentalidade” para controle da população, os quais são objetos de controle do Estado moderno. Nesse sentido, o termo “governamentalidade” refere-se a um conjunto constituído pelas instituições, através de procedimentos, análises e reflexões, cálculos e as táticas, que “permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população” (2008, p. 143). Não tratando de um controle das coisas ou mesmo das pessoas separadamente. Portanto, é sob esse viés que enxergamos, na construção desta pesquisa, certas dinâmicas de controle social presentes em finais do século XIX e XX.

<sup>17</sup>Partimos dos pressupostos de Escolano e Frago (2001) em *Currículo, espaço e subjetividade*; para os autores, o espaço, e sua ordenação e configuração, é sempre percebido com significados e representações, independentemente se aqueles que o habitam estejam ou não conscientes.

Frei Pedro Sinzig, enquanto contemporâneo daquela época, se depara – atravessa e é atravessado – com a experiência permanente desse espetáculo das multidões urbanas, observando as ambiguidades de um espaço que, por vezes, se revela contraditório. Nesse sentido, um espaço urbano, que outrora é retratado com um espaço que seduz e encanta pelo Frei, como terra das altas autoridades, é também retratado como um espaço que retrata condições sociais diferentes: “Verdade é que um olhar atento, no Meio e no Alto da serra, bem como na própria cidade de Petropolis, mostrava logo que não faltavam as classes pobres, modestas, e que nem tudo que brilha é ouro” (SINZIG, 1917, p. 288).

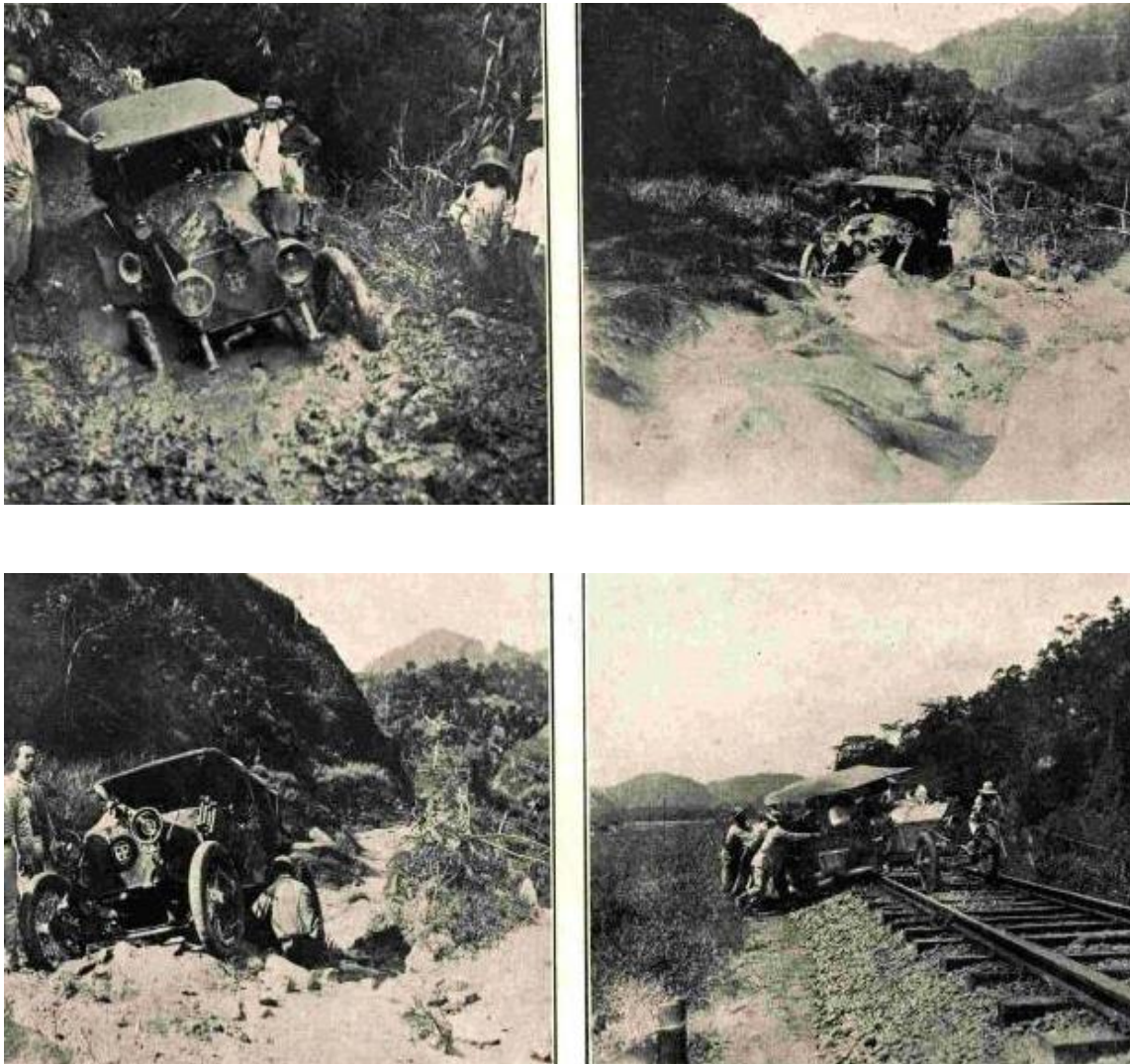
Ao nos reportarmos ao contexto sociocultural de Frei Pedro, fomos provocados a retomar *O narrador* (escrito entre 1928 e 1935), de Walter Benjamin. Em tal obra, o filósofo berlinense privilegia o declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*), que é algo mais complexo que as experiências individuais e particulares (*Erlebnisse*). A experiência de que trata Benjamin é algo que ultrapassa a esfera individual, que transcende gerações, posto que é uma memória viva e comum, que tem sua força na transmissibilidade. Ele trata do declínio da possibilidade da experiência na modernidade (BENJAMIN, 1989), enquanto uma tradição a ser compartilhada, acolhida e (re) significada a cada geração que se segue de uma dada comunidade humana.



**Figura 4: Ambiguidades e contradições da modernidade.** Estas imagens são apresentadas pela revista, ressaltando as ambiguidades da modernidade no espaço urbano. Elas marcam as estradas brasileiras no início do século XX, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. O mesmo espaço que é tido como um espaço de conforto e luz é também um espaço que pressupõe medo e perigo (BRESCIANI, 1982, p. 85). A este respeito, Frei Pedro Sinzig acentua as péssimas condições: “[...] o péssimo estado dos caminhos, a escuridão da noite, as manhãs das bestas de montaria, os rios frequentemente cheios, as pontes podres ou já caídas, os atoleiros, traiçoeiros ao extremo, as cobras tão numerosas aos caminhos e nos pântanos a atravessar e outros perigos em mar ou terra” (SINZIG, 1917, p. 222).

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 07 março de 1914, nº 302, ano VII.

## EXCURSÃO EM AUTOMÓVEL DO RIO A SÃO PAULO



**Figura 5: Ambiguidades e contradições da modernidade – estradas brasileiras.** As imagens se referem às estradas brasileiras no início do século XX, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Em destaque os trilhos do trem, como um dos meios de transportes de massa da época.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 7 março de 1914, nº 302, ano VII.

Ainda, segundo Bresciani (1982, p. 11), esse “[...] observatório privilegiado de diversidade” pode ser analisado através dos longos trajetos pelas ruas, a pé ou valendo-se dos meios coletivos de transportes, impondo ao homem a atividade de “observar coisas e pessoas”. O que nos possibilita tomar Frei Pedro como um verdadeiro “observador contemporâneo” (BENJAMIM, 1985a), que destacou por entre suas lembranças:

Pela madrugada, de ambos os lados do trem, surgiram casas altas, blocos de edifícios, fabricas, com chaminés esbeltas, jardins extensos, tudo visto atravez d’um véo mais ou menos espesso, tecido da nevoa e dos restos da noite. Era Bruxellas, em que entramos, e onde o trem não nos dava tempo sufficiente para saltar e ver algo da grande cidade [...] Puz-me a contemplar mais atentamente as regiões percorridas pelo trem, os campos cultivados, as casas das aldeias e villas. Como era cinzento o céu! Como tinha perdido esse azul que no Brasil, é o seu vestido de cada dia! (SINZIG, 1917, p. 344)

Sendo ele um observador contemporâneo, Sinzig nos dá conta, por meio de suas lembranças, da presença de símbolos que marcavam o período evidenciado, a presença da luz elétrica, do trem e do navio a vapor. Acerca da luz elétrica, Sinzig a traduz seu encanto por ela no espaço urbano, de forma a compará-la com duas coisas pessoais de maior importância e admiração: a música e Rheno (rio): “Luz, musica e o Rheno eram minha predilecção” (SINZIG, 1917, p. 21). A luz causa encanto, espanto, suntuosidade na modernidade. Ela prende a atenção e desvia os olhares para si.

Em relação ao trem, Sinzig informa que ele existia em grande quantidade (1917, p. 42), enfatizando o seu freqüente uso, além de seu conforto e sua velocidade, além de garantir acesso fácil. “O trem, agora clerical em excesso, continua deslizando veloz e infatigável por horas e horas seguidas, até final surgirem às altas torres da vetusta cidade commercial, que ainda hoje forma uma republica no império allemão: Bremem” (SINZIG, 1917, p. 79).

Sobre ao navio a vapor, Sinzig (1917) faz questão de chamá-lo pelo nome em suas obras, *Leipzig*, responsável pelo seu transporte até o Brasil em 1893, além de outros, como *Alexandria*, *Cap Arcona*, *Magdalena* (p. 211), os quais ele põe em relevo por proporcionarem uma dada comodidade ao viajante (p. 81). Tal foi o destaque do navio a vapor, que o Frei reservou um espaço em *Reminiscências d’um Frade* (1917) para colocação da figura 4, ressaltando a presença do “vapor de passageiros” (p. 12), fato esse que destacamos, por utilizar tão poucas imagens nesta obra.



**Figura 6: Navio a vapor.** Na imagem são destacados, ao centro, o *Morro do Imperador*, a igreja Matriz e o vapor de passageiros. Assim, compreendemos que o vapor de passageiros, na imagem em “primeiro plano”, tem o destaque principal, pois é o único dos salientados na imagem que se movimenta, portanto, a construção da imagem dependeu inicialmente da sua posição; além de estar centralizado na imagem, assim como o Morro do Imperador e a igreja Matriz; além do que tem destaque por inteiro, em comparado aos demais barcos ao seu redor, que são cortados pela imagem. No texto, esta imagem compõe-se do momento em que Sinzig retoma as lembranças da sua memória na infância (SINZIG, 1917, p. 12).

Fonte: CDAPH

Bem sabemos que a luz elétrica, o navio a vapor e o trem eram “símbolos diletos” da civilização em progresso em finais do século XIX e início do XX, mas, mais do que símbolos, eram sinônimos da época, representando o triunfo de uma modernidade que não se podia esperar (COSTA, SCHWARCZ, 2000, p.19). Esses “símbolos diletos” se associavam a toda uma estrutura capitalista, que aparecia com forte intensidade nesse cenário urbano, aparecendo como símbolos do progresso de uma nação.

A esse respeito, pontuamos que as grandes cidades europeias na modernidade abrigavam um enorme contingente populacional que, em grande parte, pertencia às classes operárias e pobres, tendo péssimas condições de vida. Essas cidades servem-nos como exemplos do que ocorria em outros lugares do mundo, inclusive no Brasil, conforme pontuado por Bresciani (1982), que ao olhar das camadas mais abastadas apareciam como as condições deploráveis de degradação física e moral do trabalhador urbano pobre, propiciando que: “Nas décadas finais do século, a opinião corrente acentua a deterioração substancial das condições de vida dos bairros pobres de Londres e a teoria da degeneração urbana ganha adeptos entre empresários, cientistas e administradores” (BRESCIANI, 1982, p. 28). Neste direcionamento, a realidade parisiense e londrina, também era vivenciada no Brasil, em diversas circunstâncias, pois autores como Rago (1985), Cunha (1986), e Sevcenko (1983) sinalizam que o momento histórico era de constantes ameaças sociais.

Frei Pedro Sinzig, em *Reminiscencias d’um Frade* (1917), na figura 6, apesar das limitações técnicas de impressão da *Typografia São José*, nos detalha em espelho, essa realidade no cenário brasileiro.

A nossa seleção da Figura 6 não se faz somente pelo fato de retratar as péssimas condições de vida do período; muito mais do que isso, entendemos que a selecionou pois, como destacamos, a imagem tem duas figuras emblemáticas (mulheres e crianças); pressupomos que Frei Pedro Sinzig usou tal imagem porque esta carregava indícios de um problema social, que emergira na modernidade, que preocupava alguns setores da burguesia, formado por reformadores e filantropos.

Nesse sentido, Rago (1985, p. 62) propõe que





**Figura 7: Condições de miséria em fins do século XIX.** Esta imagem, apesar das suas limitações técnicas de impressão, tendo como objetivo abrigar no seu todo, o maior número de pessoas possíveis. Nela identificamos em primeiro plano, mulheres e crianças sentadas, que se voltam para o executor da imagem. Em segundo plano (fundo), homens em pé. A imagem está inserida no texto, momento em que Sinzig retrata as condições sociais da Bahia, no final da Guerra dos Canudos. A imagem não nos parece ter a pretensão de retratar a paisagem do local, como faz em outras, mas única e exclusivamente acentuar a condição situacional das pessoas em extrema miséria. A posição das pessoas na imagem, e de seu executor, parecem ter o mesmo interesse, demonstrar as condições deploráveis de miséria de crianças e mulheres, em fins do século XIX (SINZIG, 1917, p. 192).

Fonte: CDAPH

A promoção de um novo modelo de feminidade, a esposa-dona-de-casa-mae-de-familia, e uma preocupação com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. A mulher cabia agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio. Complementarmente a criança, passou a ser considerada como ser especial, que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe, não obstante sua ampla utilização nas camadas pobres da população, como força de trabalho industrial.

Ainda no rastro dessa temática da criança e da mulher, em *Através dos Romances* (1915), Frei Pedro nos dá indícios dessa posição social privilegiada da figura mulher e da criança. Sobre a criança, Sinzig sinaliza que ela deve ser protegida pelos pais, pois, por ser frágil, deve ser acautelada de algumas leituras. Sobre as mulheres, Sinzig não somente indica ou veta leituras de romances, como reconhece autores femininos. Nessa perspectiva, em relação à mulher, Paiva (1997) vai ao encontro das perspectivas de Rago (1985), destacando que a mulher exercia a função de “guardiã dos bons costumes da moral” (p. 15), pois estava saindo de uma “esfera privada e ‘usurpando’ pela primeira vez, atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas” (p. 83). Cabe salientar que um dos eixos fundamentais de *Através dos Romances* (1915), não abordados minuciosamente nesta pesquisa, é da relação da Igreja Católica com a educação das mulheres no período em questão.

Dando continuidade, enfatizamos que a demarcação desse espaço urbano é de um espaço condicionado aos ideais de cidadania, civilidade, moralidade e educação. Esse cidadão deveria ser visto como um novo homem, sob uma nova racionalidade, capaz de viver os conflitos próprios desse espaço (VEIGA, 2002). Contudo, essa nova demarcação impõe novas experiências e percepções. Portanto, este é o cenário do espaço urbano, na virada do século XIX para XX, na realidade brasileira, que se afirmava com a recém-proclamação da República. Com isso, os ideais da República, aparecem em *Reminiscências d’um Frade* (1917) não somente propostos pelo regime republicano, mas pela própria Igreja Católica, por isso, sendo reafirmados pelo Frei Pedro Sinzig (SINZIG, 1917, p. 152).

Cabe lembrar que, no Brasil, a constituição do espaço urbano no período delimitado na pesquisa foi matizada pela relação entre igreja e república, através de diferentes interesses. No entanto, essa relação, na modernidade, quando o homem assume uma nova atitude diante do mundo e de si mesmo, segundo Passos e Delgado (2005, p. 50-53), foi marcada pela chamada “secularização da cultura”, que levou a Igreja a sentir-se ameaçada, pois o homem não é mais educado pela Igreja no interior de sua casa e, com isso, certo distanciamento da Igreja é posto em destaque. Neste cenário, a Igreja sente-se na função de se reestruturar rumo a uma nova ordem evangelizadora.

No entanto, essa nova reestruturação nas suas diferentes dinâmicas não cria resistências entre Igreja e República, mesmo porque a Igreja Católica buscava não perder o vínculo com o poder civil (PASSOS, DELGADO, 2005, p. 52). Portanto, a relação entre Igreja e República, apesar de alguns momentos divergentes e contraditórios<sup>18</sup>, era tratada com aberturas e integração. Com isso, a República e a Igreja coadunavam o mesmo objetivo, formar cidadãos. Convém acentuar que uma das grandes virtudes da Igreja Católica na virada do século XIX para o XX, era a sua capacidade de integrar o católico e o cidadão, de modo a articular a fé e a lei, a Igreja e o Estado. Nesta perspectiva, ganha inteligibilidade as palavras de Frei Pedro Sinzig citadas acima. Além disso, esse período é marcado pelo “rigorismo moral”, através de “repressão do corpo” (PASSOS, DELGADO, 2005, p. 51).

Essa articulação entre igreja e Estado é pontuada por Passos e Delgado (2005, p. 61) da seguinte maneira:

A instituição eclesiástica dava ênfase à cultura intelectual, o que atendia às aspirações da burguesia industrial brasileira e das classes médias urbanas. Dessa forma, o ensino católico ia ao encontro do programa de modernização da sociedade e da cultura brasileira proposto pelos dirigentes republicanos.

---

<sup>18</sup> Quando nos referimos a contradições, ou mesmo divergências da Igreja em relação com a República, estamos nos referindo ao pensamento educacional católico, o qual teve dificuldades de dialogar com o ideário modernizante, proposto na virada do século XIX para o XX, onde a educação era vista como um direito de todo cidadão, sendo ela laica e não submetida ao aval da igreja. Cabe evidenciar que uma das contradições e divergências se fazia em especial relacionada à laicidade de ensino, que, para a igreja, não se tratava de uma questão isolada, mas ligada ao ideário positivista, que associava a liberdade de ensino com a prosperidade da nação. No entanto, há de se considerar que nem a igreja incitava os católicos contra a República nem a República contra os católicos; assim a igreja continuou a desenvolver o ensino privado e católico, sendo isso um fator que contribuiu para expansão do movimento educativo católico (PASSOS, DELGADO, 2005).

Essa modernização da sociedade e da cultura brasileira, é percebida nas lembranças do Frei, não apenas como regida pelo capitalismo, mas também relacionado há um tempo integralmente utilizado e consumido pelas rotinas exigidas na convivência urbana. Assim, temos nas lembranças do Frei um controle do tempo, conforme afirmado por Thompson (1998), como um motor fundamental para o intenso esforço de disciplinarização do espaço urbano, como caracterização do século XIX e início do XX.

Essa disciplinarização e controle do tempo é percebida em *Reminiscencias d'um Frade* (1917), onde o Frei constantemente refere-se ao tempo no espaço urbano. Como exemplo, evidenciamos as cerimônias formais religiosas, onde o atraso é visto como indisciplinarização no espaço urbano.

O que mais aborece, sobretudo nas vistas ás capellas da parochia, é a impontualidade do povo. Ora é o padrinho que demora, quando se trata de dum baptizado; ora, nos casamentos, é a noiva que ainda não esta prompta, o que aliás, segundo as más línguas, também acontece em outras terras. [...] anunciei pois, ao festeiro, orchestra e povo, que a missa entraria na hora marcada, em ponto. (SINZIG, 1917, p. 273-274)

Segundo Bresciani (1982), essa disciplinarização do tempo, enquanto controle, é consequência da emergência de um “tempo útil”, que aparece como “ordenador imperativo”, como uma “potência disciplinadora”, que se evidencia de modo invisível de todas as atividades e relações no espaço urbano (THOMPSON, 1998, p. 17).

A criação dessa imagem de progresso era carregada de intencionalidades, que, segundo Costa e Schwarcz (2000, p. 27), visava afastar a imagem do Brasil de uma “letargia da monarquia” ou da “barbárie da escravidão”, onde se trava uma batalha simbólica, ora substituindo ou (re)significando nomes, hinos, bandeiras, heróis, com intuito de marcar um novo tempo, rumo ao progresso.

Após essas considerações, vamos agora ao encontro dos rastros de percepções e ambiguidades da modernidade no espaço urbano. Conforme destacado, pudemos identificar que o mesmo espaço, que ora era apresentado a partir das percepções de uma dada modernidade pelo Frei, é também confundido com a miséria e com o sofrimento humano, posto que nas palavras do Frei, o período também era marcado por “[...] uma miseria horrível por toda a parte!” (SINZIG, 1917, p. 193). Frei Pedro Sinzig sugere

que, diante dessa miséria e sofrimento, teve de perder parcialmente a sensibilidade à dor alheia.<sup>19</sup>

Graças a Deus já estamos habituados com estas feridas horríveis, pois, si assim não fora, não poderia trabalhar com mão segura, por ser enorme o número de mulheres gravemente feridas. Deparei com uma que tinha completamente perdido uma vista, e na cavidade, agora oca, via-se o tremular dos nervos e veiasinhas. Fazia dó! Limpei e liguei a ferida com todo o cuidado para evitar maiores dores, mas tinha o coração oprimido. (SINZIG, 1917, p. 194)

Essa perda da sensibilidade à dor alheia é também apontada em relação a algumas outras mulheres, vítimas da violência daquela guerra, onde, de joelhos, Frei Pedro contempla o silêncio do choro, em meio ao grito da dor

Ajoelhavamo-nos ao relento, no chão, diante dos feridos, operando e curando tanto quanto podíamos. Mas sempre o mesmo espetáculo: nem um gemido das pobres victimas, apesar de as feridas apenas estarem encobertas com pannos ou folhas verdes, e muitas até em estado de putrefacção (SINZIG, 1917, p. 193).

Ainda, complementa:

[...] ajoelhado ao lado de uma mulher, pesava-lhe uma ferida aberta abaixo da espadua e tão profundamente que reabria-se algumas pollegadas mais abaixo, já corroída por vermes em grande quantidade, aumentando-lhe as dores. Ella gemia baixinho, e, com grande esforço, foram retirados os vermes com a pinça. Nunca porém, ouvi della um gemido forte. (SINZIG, 1917, p. 194)

Ao sinalizar a situação de algumas mulheres, Sinzig salienta que o sofrimento feminino era submetido a situações bárbaras:

Um dos officiaes trouxe consigo um jaguncinho de três annos, que tinha achado pelo caminho. O nosso Aurino é um official narram-nos as mais terríveis barbaridades perpetradas contra os jagunços. Muita cousa deve ser exagerada, mas depois do que vi com os proprios

---

<sup>19</sup>A realidade retratada refere-se à Guerra dos Canudos, onde Frei Pedro Sinzig relata diversas experiências pessoais, enquanto atua como capelão e freqüentemente como enfermeiro.

olhos, não me inclino a pensar que tudo sejam fabulas. Um soldado contou-nos – talvez por Barbara ostentação, terem visto pegarem uma criança pelos pés, despedaçando-se-lhe a cabeça de encontro com um arvore. Os jagunços segundo ouvi dizer, atiravam-se com os filhos ao fogo. Alguns foram queimados a fogueiras, outros cortados aos pedaços. (SINZIG, 1917, p. 198)

Nossa intenção, ao analisar esses fragmentos, não é apenas dar ênfase ao sofrimento, mas mostrar que a construção da imagem do espaço urbano, idealizado como o espaço da civilização e progresso, se constrói sob diferentes tensões e conflitos, além da relação da apresentação do espaço rural, como lugar do atraso, da violência e da miséria.

### **1.3. Educação brasileira na República e as obras do Frei Pedro Sinzig**

Este subtópico tem por finalidade apresentar o contexto histórico da educação na virada do século XIX para o XX, considerado como um tema candente do cenário nacional, privilegiado enquanto condição necessária para a formação do homem, dito civilizado (GUIMARÃES, 2013), como requisito para convivência no espaço urbano (VEIGA, 2002). Convém salientar que a educação é tida nesse período, como pressuposto para formar e moldar a população, visando a um dado progresso social a partir de determinados condições (RAGO, 1985). Nesse sentido, lembramos que, ao empregarmos nesta pesquisa os termos “educação”, “educação da população”, “educação do povo” ou “educação para o povo”, estamos nos apropriando dos conceitos de “educação pública”, proposto por Mendonça e Vasconcelos (2004), dos quais se reportam a uma educação que visava ao fortalecimento e consolidação da República, que acontece fora do ambiente doméstico, de forma institucionalizada (escola), com interferência do poder público sobre o âmbito privado. Na consolidação da república a educação, se encontrava marcada por ideais positivistas<sup>20</sup> e liberais<sup>21</sup>. Porém, mesmo

---

<sup>20</sup>O nome tem sua origem no adjetivo “positivo”, que significa “certo”, “seguro” e “definido”. O Positivismo baseia-se na crença do poder dominante e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis, que seriam a base da regulamentação da vida do homem e da natureza. Sua característica principal está na crença da ciência como guia para vida individual, social e moral. Tinha como intenção substituir as explicações teológicas e de senso comum, por meio das quais os homens explicavam a realidade com base em sua participação nela. Com isso, reconhecia a existência de princípios reguladores do mundo físico e do mundo social. Fundado por Auguste Comte (1798-1857), o Positivismo estimulava a expansão técnico-industrial nas sociedades européias em franca expansão no

diante de tais ideais, a igreja não se furta de estabelecer seus interesses na educação, visando à reestruturação política e administrativa do seu poder em território brasileiro. Cabe reforçar que esses interesses da igreja, foram pautados na ausência de conflitos diretos com a República, ambos ocupando o mesmo espaço, ora com maior, ora com menor assentamento, conforme já enfatizado anteriormente.

A educação do corpo, a qual tratamos nesta pesquisa, é uma educação que não acontece só na escola enquanto ambiente institucionalizado, mas acontece em toda a realidade que circunda o espaço urbano, pautada por intencionalidades próprias do período, que aparecem nas obras do Frei Pedro, no sentido de incluir ou excluir aqueles que se conformam ou não os padrões morais da época.

Na virada do século XIX para o século XX, acontece em vinculação com as premissas do espaço urbano, onde a educação é tomada como legitimação do progresso, visando a formar um indivíduo civilizado, já que:

[...] no século XIX a urbanidade passa pelas premissas pedagógicas das instituições escolares; ou seja, a *urbs* e a *civitas* são possíveis quando mediadas pela escola, num processo que desdobra as mesmas características da cidade como espaço de organização do saber, dos privilégios e exclusões, e de relações de trabalho. Enquanto parcela do tecido social, a experiência da escola não diz respeito ao repertório de reformas, leis e projetos de intenções, mas expressa as profundas alterações nas concepções de vida e sociedade, e mais – nas formas de

---

século XIX, fazendo uma exaltação otimista do industrialismo (COSTA, 2005, p. 72). Afirmava que o indivíduo não teria capacidade mental para discernir o que é bom para si mesmo, sendo essa incapacidade fruto da própria sociedade.

<sup>21</sup>Ideais políticos surgidos em 1789 na França, com a Revolução Francesa, em oposição as monarquias absolutas, derivadas das concepções teocráticas do poder, que estava baseado politicamente na teocracia absolutista sob os ditames de uma organização feudal. No Liberalismo, se expandem as ideias de relações entre os indivíduos livres e iguais por natureza, quebrando a concepção de hierarquia e também a de submissão, pois os indivíduos se relacionam a partir de um pacto social, de forma livre e igualitária. As teorias políticas liberais afirmam que o indivíduo é a origem e o destinatário do poder político, nascido de um contrato social voluntário, no qual os contratantes cedem poderes, mas não sua individualidade, que está baseada na vida, na liberdade e na propriedade. Assim, o Estado, por meio da lei e da força, tem poder para domínio, para exigência de obediência e para repressão, porém tem como diretrizes suas leis definidas pelos proprietários privados e seus representantes. Seu papel principal é a garantia da ordem pública (CHAUÍ, 2009, p. 376). Afirmava que o indivíduo deveria ter liberdade de opinião, porém uma liberdade adquirida pela educação da população e que não afetasse a estabilidade política (VEIGA, 2002).

sobrevivência material e cultural que se impõem no mundo ocidental (VEIGA, 2002, p. 234).

Com isso, segundo Veiga (2002), o período é marcado pelo entrecruzamento da educação com o espaço urbano, que sob influência da Revolução Francesa<sup>22</sup> se apresentava como uma educação que deveria ser laica e para todos, e também sob influência do Iluminismo<sup>23</sup>, que defendia uma racionalização do conhecimento. Nesse sentido, a educação da população e a constituição do espaço urbano caminharam juntas, no propósito de formação do novo homem, empreendido na construção dessa nova racionalidade que denotava o progresso. Dessa forma,

[...] o projeto social da escola pública, assim como os projetos urbanos têm como função social formar os cidadãos. Tal como a cidade, a escola se institui como sujeito ativo formador de novos homens, assumindo uma das tarefas mais árduas, segundo as elites – a de educar os ignorantes. (VEIGA, 2002, p. 285)

Cabe acentuar que, essa educação da população, conforme acentuada anteriormente, era proposta de uma dada elite letrada urbana, que visava formar um indivíduo, matizado pelos marcos civilizatórios, mediante a imposição de novos comportamentos e um distanciamento necessário das práticas chamadas “atrasadas”: “A

---

<sup>22</sup>Trata-se de um período de intensa agitação política e social na França, ocorrida entre 1789-1799. Teve um impacto duradouro na história do país e, mais amplamente, em todo o continente europeu. A monarquia absolutista, que tinha governado a nação durante séculos, entrou em colapso em apenas três anos. A sociedade francesa passou por uma transformação épica, quando privilégios feudais, aristocráticos e religiosos evaporaram-se sob um ataque sustentado de grupos políticos radicais de esquerda, das massas nas ruas e de camponeses na região rural do país (CHAUÍ, 2009).

<sup>23</sup>Surgido na França no século XVIII, (com o lema de liberdade, igualdade e fraternidade), defendia que o pensamento racional deveria substituir as crenças religiosas e o misticismo, que, para o Iluminismo, bloqueavam a evolução do homem. Nesse momento, há um grande interesse pelas ciências que se relacionam com uma ideia de transformação progressiva da convivência urbana, em especial o destaque para as artes. Também um grande interesse pelas relações econômicas, na vida social e política, expresso em duas correntes de pensamento: fisiocratas, preocupados com a agricultura como fonte de riqueza, e o mercantilismo, como o comércio, como fonte principal de riqueza. Ambas as correntes agiam motivadas pelo forte interesse no tocante à origem e à forma de riqueza das nações (CHAUÍ, 2009, p. 50).



experiência urbana, sem dúvida, é constituidora dos comportamentos e de um novo homem, necessários às novas relações produzidas na cidade, tecidos no confronto entre práticas anteriores e práticas novas” (VEIGA, 2002, p. 231).

Sendo assim, a educação da população vai sendo prestigiada, como signo da modernidade e progresso e também como (re)afirmadora desse espaço urbano. Afinal, os iletrados eram identificados como pobres e mendigos, tornando-se um incômodo para o desenvolvimento do espaço urbano e, principalmente, para o desenvolvimento e a expansão das relações de produção. Portanto, educar tornou-se uma necessidade para a convivência no espaço urbano (VEIGA, 2002) e promoção do progresso.

A respeito dessa necessidade de educar, a educação da população vai sendo percebida também como um meio de moralizar a sociedade, além de letrar as crianças e dotar o cidadão de seus direitos e deveres para com a sociedade. Nesse sentido Kuhlmann Jr. (2001, p. 20) destaca que

[...] a educação, juntamente com outros fatores, era identificada como elemento constitutivo da sociedade moderna. O problema educacional aparecia como algo não apenas interno à escola ou ao sistema educacional, mas a toda a sociedade. A educação era vista como um dos alicerces da vida civilizada: ela seria a produtora do progresso e não uma consequência do desenvolvimento econômico e social.

Nesse sentido, o analfabetismo, era visto em oposição a uma nação que se julgava progredindo. A esse respeito, a Constituição Brasileira de 1891, passa a responsabilizar a União e os Estados quanto à educação pela população. Assim, a educação passa a ser pensada com a introdução de novos conceitos educacionais, não somente relacionados à formação de um novo homem e de uma nova racionalidade, mas, sobretudo, de um novo homem que se adaptasse aos ideais republicanos. O objetivo principal da república era resolver o problema da alta taxa de analfabetos que circulavam pelo país.

Carvalho (1990) destaca que a condição de alfabetizado era almejada para a sociedade, principalmente diante dos novos ditames legais, tais como participação da vida política através da representação; além disso, o conceito de cidadania estava diretamente associado ao ato de ler e escrever. Não obstante, o Brasil vivia uma expansão industrial, onde surgiam novos grupos sociais e econômicos. Assim, a educação da população era, de fato, uma preocupação nacional.

Nesse contexto, Carvalho (1990) propõe que as influências do positivismo se destacam, como um braço forte para alcançar o progresso desejado, pois propunha a defesa da manutenção da ordem social, legitimadas pela forte ideologia de triunfo da sociedade burguesa. Com isso, o positivismo influencia diretamente a República, no que tange à educação, pois, sob seus preceitos, a instituição escolar deveria ter mais autonomia e, inclusive, ter uma personalidade jurídica (NAGLE, 1977). Por conseguinte, alguns direcionamentos necessitavam ser tomados, tais como a idealização de formação de uma nação singular brasileira, mediante o fortalecimento de uma identidade nacional que pudesse ser expressa por meio de uma língua própria e que buscasse desenvolver um conceito de cidadania a partir dos seus próprios valores (VELLOSO, 2003). Nesse direcionamento, a discussão sobre a educação da população, torna-se demasiadamente importante.

A título de preservação do contexto histórico cultural, cabe evidenciar que esse tipo de discussão sobre a educação não aconteceu somente com implantação da República, pelo contrário, segundo Bittencourt (1953, p. 53), já se fazia de forma intensa e “efervescente” desde 1873, quando já desfilavam nos palcos da Escola da Glória, no Largo do Machado, ilustres conferencistas, visando discutir o tema educação, mostrando que novas tendências estavam presentes no período, questionando o sistema de governo imperial e seu pouco caso com a educação, demonstrando, assim, a presença decadente da educação. Sobre isso Nagle destaca (1977, p. 261) que:

[...] a profunda e vigorosa discussão havida no final do Império a propósito dos assuntos educacionais abrangia uma tomada de posição diante das precárias condições do sistema escolar existente, nos seus vários graus e ramos, avançando-se numa política nacional de educação.

No mesmo sentido, Gonçalves Neto e Magalhães (2009, p. 9) afirmam que, em finais do século XIX, as discussões sobre educação se faziam de forma “efetiva”, principalmente pela influência da Europa e dos Estados Unidos. Os autores explicam ainda que a preocupação com a educação era um tema internacional, derivado da industrialização e, conseqüentemente, da necessidade de se produzir um indivíduo escolarizado para atender às necessidades do trabalho. Nessa concepção, a alfabetização aparecia como um requisito mínimo para inserção do homem no espaço urbano e, conseqüentemente, na industrialização.

A disseminação da industrialização no século XIX pelo ambiente europeu gera a necessidade da formação de trabalhadores com uma base mínima de escolarização, necessários para uma forma de produzir mais complexa e que buscava insistentemente ganhos de produtividade. Nesse momento, o Estado percebe nessa demanda uma porta de entrada para se promover a difusão dos princípios ideológicos, a definição do caráter do cidadão que se queria e também a formação de uma mentalidade cívica, ou seja, a construção da nação e do sentimento de nacionalidade. (GONÇALVES NETO, MAGALHÃES, 2009, p. 10-11)

Assim, a educação ganha foros de questão nacional no Brasil, como base para a vida civilizada e o desenvolvimento de uma dada moralidade e civilidade, refletidas na utilidade do cidadão urbano para o trabalho. De fato, a educação emerge como produtora do progresso e passa a ser apresentada como redentora social. Atrelados a ela, destacam-se, no contexto brasileiro, práticas sociais em que a educação aparece acompanhada de ações filantrópicas.

Sobre isso, Carvalho (2003, p. 325) destaca que, no decorrer do século XIX, surgem no Brasil “novas modalidades de intervenção social”, voltadas à sociedade em geral, mas também à educação, concebidas sob o cunho “filantrópico”. Com isso, figuras de cunho filantrópicos são comuns nos periódicos em destaque, pois essa difusão de uma educação assistencialista acontecia em âmbito internacional (KUHLMANN JR., 1998). Com isso, a presença de instituições de educação para o povo, voltados à idéia de uma educação para os mais necessitados e incapazes.

Essas influências se articularam, em nosso país, tanto na composição das entidades, como na participação e organização de congressos sobre os temas da assistência, da higiene, da educação etc., que ocorreram em número expressivo durante o período estudado. (KUHLMANN JR., 1998, p. 88)

Acrescenta-se que tais composições serviam para apaziguar as tensões e conflitos sociais e estavam ligadas a projetos de conformação social, de forma a não ameaçar a manutenção de privilégios sociais, em nome de uma cidadania limitada aos interesses dominantes. Mas que também estavam associadas a ideais que pudessem normatizar as classes trabalhadoras por meio da educação, provendo educação moral para todas as classes. Esses ideais serviam, também, como instrumento de cidadania e

de fornecimento de uma racionalização necessária aos processos produtivos e industriais da época (KUHLMANN JR., 1998).

A par deste contexto, Sinzig relata que, em Petrópolis (RJ), funcionava a Escola Gratuita São José, fundada em 1901, portanto, mesmo sendo uma escola gratuita, sem recursos diretos de sustentabilidade, ela compunha o ideal de uma educação assistencialista previsto no período.

A escola gratuita, para meninos pobres, já naquele tempo acusava uma matrícula de um meio milheiro de rapazinhos, numero que, igualmente, cresceu nos seguintes annos. Trabalhavam na escola três padres franciscanos, e meia dúzia de professores leigos, pagos pelo convento, embora este não tivesse receitas a não ser o que lhe davam a typografia nascente e a generosidade da população (SINZIG, 1917, p. 288-289).

A fundação da *Escola Gratuita de São José* não foi única, pois o período de 1889-1930, segundo Passos e Delgado (2005), foi um período considerável da ação da Igreja Católica na educação, com o objetivo de preservar os valores da fé cristã, sem excluir as intenções da República. Para além de escolas destinadas às camadas mais pobres, tivemos a abertura de colégios destinados aos filhos das camadas mais abastadas.

A educação nestes colégios pautava-se pelos rígidos padrões morais, com uma visão espiritualizante do mundo e da vida e uma exigente disciplina. Era um ensino elitista e conservador. Os professores tinham uma boa qualificação acadêmica e muitos eram religiosos europeus e formados nas universidades de seus países de origem. (PASSOS, DELGADO, 2005, p. 61)

## *Anno Bom*



*Banquete às crianças da Assistencia*

**Figura 8: Assistencialismo às crianças pobres.** A imagem refere-se à presença de ações assistencialistas voltadas às crianças pobres.

Fonte:

CARETA, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1914, nº 293, ano VII.

Na época tivemos ainda que o ideal de indivíduo civilizado e moralizado aparece como uma proposta social governamental intencional que associa a educação ao trabalho. Essa moralização ocorria no sentido de difundir valores morais e comportamentais, instruindo tanto por meio da alfabetização quanto pelo ensino de ofícios profissionais.

No mesmo sentido, temos a idealização da educação para todos<sup>24</sup>, emergindo políticas sociais voltadas para o mesmo propósito de progresso, mas que, em alguns casos, se contradiz, com políticas negativas de acesso à escolarização de grupos brasileiros, como é o caso de famílias negras no Maranhão em finais do século XIX<sup>25</sup>.

Ao descrever a relação entre negros e a escolarização na província do Maranhão, Cruz (2009) destaca que os negros não pertenciam a esse ideal de inclusão social voltado para a educação. Dessa forma, o autor destaca a existência de uma política negativa de acesso dos negros:

Apesar da existência de políticas sociais voltadas ao benefício de crianças pobres, não se observou, em nenhum momento, referência

---

<sup>24</sup>Souza (2008) destaca que a centralidade atribuída pelos republicanos à educação, nesse período, recebe a influência dos ideais liberais e dos modelos de modernização educacional em voga nos países, ditos civilizados, ratificando a distinção entre “educação do povo” e “educação das elites”. Nesse sentido, a escola primária se destinava à maioria da população, enquanto as escolas secundárias atendiam as elites dirigentes e a classe média em ascensão (p. 19). No mesmo sentido, Corrêa (2010, p. 42-23) propõe que esta reivindicação de uma educação para todos, no caso do Brasil, não se concretizou durante o período republicano, sobretudo no ensino secundário, o qual era voltado para formação das elites.

<sup>25</sup>Cruz (2009) demonstra que as legislações disfarçavam o ideal de educação, excluindo os negros dessa realidade, ou seja, apesar da conjuntura histórica favorável à educação, elas não foram positivas e capazes de satisfazer as necessidades de educação ao negro. Destaca que uma das saídas à educação no Maranhão foi através das escolas que abrigavam crianças negras, consideradas excluídas da sociedade, como era o caso da Escola de Aprendizes de Marinheiro e a Escola de Educando. Ambas trabalhavam com crianças negras, sob disciplina militar, em alguns casos preparando-as para a vida militar, como é o caso da Escola de Aprendizes, que preparava as crianças ao exercício necessário à Guarda Nacional. A autora expõe a situação de racismo em que um diretor de escola, José Antonio Falcão, usando de suas atribuições, cita um aluno negro de nome Manoel Joaquim, solicita ao presidente da província, que tinha a atribuição de demissão ou admissão escolar, a possibilidade de não aceitação de meninos de cor muito escura na escola, tratando a situação como um desperdício de vaga ou mesmo um gasto desnecessário (p. 84). Com isso, tendemos a compreender que os baixos níveis de escolaridade entre os negros não são devidos às consequentes incapacidades para vivências escolares, ou em virtude da falta de interesse de vislumbrar um futuro melhor, mas principalmente pelo negativo clima social em favorecimento de uma escolarização negra.

quanto à necessidade de favorecer a inclusão de negros no processo de escolarização. Antes, pelo contrário, os negros na condição de escravos foram citados em textos legais sobre instrução quando a referência se reportava ao veto do acesso desse setor às escolas públicas. (CRUZ, 2009, p. 78)

Essa política negativa de acesso dos negros à escolarização está presente nas lembranças de Frei Pedro, pois ao detalhar o encanto e o fascínio que o circo produzia, deixou escapar uma realidade existente no período. Sinzig relata a presença de um negro no circo, e que este não sabia ler nem escrever. Ele também o descreve como um negro de pele muito escura, associado como o destaque no circo, relacionado como uma pessoa estranha a todos e que mais se parecia com um animal de estimação, pois o tratavam como se fosse um deles. Assim, notamos que, ao abordar a presença de um negro compondo o rol de artistas do circo, Sinzig o associa à pobreza. O fato notório é que Sinzig fica “boquiaberto” com sua presença, demonstrando que não estava acostumado com tal convivência social; ademais, fica surpreso, destacando o fato de o negro não saber ler nem escrever. Dessa forma, Sinzig fecha o texto utilizando reticências, como se houvesse outras dificuldades não expressas em relação aos negros (SINZIG, 1917, p. 24).

Apesar disso, a República submetia a idéia de educação da população ao progresso, adotando condutas que afirmassem aquilo que estava sendo proposto não só no Brasil, mas em outros lugares do mundo. Nesse sentido, segundo Kuhlmann Jr. (2001, p. 27), vários procedimentos foram adotados, tendo em vista organizar a participação brasileira em eventos internacionais de educação<sup>26</sup>, bem como a realização de eventos nacionais, na busca de apresentar um Brasil civilizado como integrante deste “mundo moderno, científico e industrial”. Nessa busca, surgem posturas que demonstram preocupação e, principalmente, uma tomada de posição político-social em relação à educação.

---

<sup>26</sup>Principalmente relacionado aos eventos internacionais, Kuhlmann Jr. (2001) mostra que existia toda uma preparação de seleção de materiais daquilo que poderia ser exposto em relação ao Brasil, mas que por vezes era representado por um “exótico”, através de um colorido e chamativo, que ofuscava as desigualdades sociais (p. 29).

lhe prestavamos, não sem o motivo egoístico da esperança d'uma remuneração em forma de cartão de entrada. E que alvoroço quando descobriamos, entre os acrobatas ou magicos, domadores de feras ou *clowns*, um negro legitimo, o unico entre os brancos, cuja pelle victoriosamente resistia a qualquer tentativa de branqueamento a agua e sabão! Preferiamol-o a todos os seus collegas de acrobacia e mais de uma vez o brindavamos, furtivamente, com alguma maçan ou uma porção de pecegos. O negro, para nós todos, era personagem tão fantastica, como aquelle pobre homem que, um bello dia, todos nós seguíamos, boquiabertos, por nos terem contado que elle — não sabia ler nem escrever...

Minha irmanzinha, durante bastante tempo, gozava de certa ascendencia sobre as companheirazinhas de brinquedos, e até sobre nós, meninos, porque na exposição de feras teve uma sorte inaudita. Um dos guardas de animaes ia passear, por entre a multidão de espectadores, com um leãozinho pequenino e pol-o, para mostrar quanto era manso, nos braços de Trudinha. Ah! a felicidade que reluzia dos olhos desta ao contar depois a sua sorte...

Tão magica era a influencia que o circo exercia sobre o mundo infantil, que por semanas inteiras nos punhamos a imitar as acrobacias ali admiradas. Um camaradasinha chegou á perfeição de manter-se n'uma vara ou corda, de cabeça para baixo, nos dedos dos pés e mesmo no calcanhar, o que não pouco fazia crescer a sua reputação em nosso meio.

Dahi á exhibição de espectaculos era apenas um passo. Tenho ainda hoje uma forte cicatriz no dedo indice da mão direita, que dáta daquelle tempo feliz. Estava eu a preparar taboas para a construcção d'um theatro, quando, para segural-a melhor,

**Figura 9: Presença do negro que não lê nem escreve.** Esta imagem destaca-se com finalidade de retratar o espanto do Frei Pedro Sinzig diante de um negro, que não sabia ler e nem escreve (SINZIG, 1917, p. 24).



Para a igreja, a educação seria um processo transformador do homem, de dentro para fora, e não de fora para dentro, conforme propunha o ideário moderno de educação da república<sup>27</sup> (PASSOS, DELGADO, 2005). Assim, nossa intenção é enfatizar que, mesmo tendo ideários diferentes<sup>28</sup>, a Igreja Católica e a República reconhecem a importância da educação como meio de transformação da sociedade. O que se percebe nas obras do Frei em relação à educação, que esta tinha como objetivo o fortalecimento e consolidação da república, mas que atendesse os anseios da igreja.

Ainda, salientamos que, na busca de compreensão da concepção de educação do corpo apresentada pelo Frei Pedro Sinzig, seja por meio de suas reminiscências, seja através das indicações ou do veto de leitura, identificamos duas concepções de educação em suas obras. A primeira refere-se a uma educação que acontece no ambiente institucional, conforme destacado por Mendonça e Vasconcelos (2004), que acontece sob forma de lei, com regularidade e frequência, a partir de uma determinada idade. É justamente sob essas diretrizes de uma educação que Sinzig foi submetido: “A escola primaria que toda criança allemann tem de freqüentar desde os seis annos de idade, apesar de toda a regularidade e freqüência que se exigiam, não prejudicava as alegrias infantis” (SINZIG, 1917, p. 28).

A segunda concepção de educação, é aquela que acontece fora do ambiente escolar, através das dinâmicas sociais que atravessam a tecitura do espaço urbano. A par dessa realidade, como escritor e diretor da Editora Vozes, Sinzig distribuía suas obras para que também circulassem fora do ambiente escolar, chegando principalmente às livrarias<sup>29</sup>, tidas por ele como “pomares de laranja podres” (SINZIG, 1917, p. 15). Com isso, Sinzig propunha uma dada educação, para a sociedade de sua época, para além dos

---

<sup>27</sup>Importante esclarecer que, apesar desse dialogo de propósitos entre igreja e república, não anulamos o fato de existirem oposições internas da igreja, tais como os modernistas e integrais (PASSOS, DELGADO, 2005, p. 54).

<sup>28</sup>Não obstante, apesar dessa relação da Igreja Católica para com a República não apresentar um conflito exposto, onde aparece claramente a oposição entre ambas (PASSOS, DELGADO), Mallimaci (2004, p.23) destaca que a igreja, diante da romanização, trabalhava no sentido de criar estratégias para o enfrentamento diante das “innovaciones liberales” (p. 27), sendo essas políticas, ideológicas, sociais e religiosas, aceitas em parte pelo regime republicano: “Se trata Del periodo em que la mayoria de lós países independentes del continuamente construyen sus Estados actuales. La ideologia liberal – em sus diversas vertientes: autoritária, progressista, positivista, darwinista, católica, racionalista, atea, etc.”.

<sup>29</sup>Sinzig apresenta um dado estatístico em relação à frequência de pessoas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em julho de 1914, com apontamentos de frequência de 7.374 pessoas, com 16.254 consultas (SINZIG, 1915, p. 17).

muros escolares, numa realidade de um espaço urbano do Rio de Janeiro, que se caracterizava por uma forte perspectiva de progresso e de avanços socioeconômicos, conforme destacado por Sevcenko (1983). Além do que, esse período é marcado por um forte rigorismo moral, onde o corpo é um objeto importante na expressão dessa moralidade. Portanto, suas obras tinham por objetivo atingir a população no ambiente interno, nas escolas e o externo, sobretudo, nas livrarias, que nesse período eram tratadas como pontos de encontro entre políticos e intelectuais (CUNHA, 1985; PASSOS, DELGADO, 2005; RAGO, 1986; PAIVA, 1997).

Cabe acentuar que suas obras não circulavam somente entre o público carioca, mas em outros Estados, isto se dava principalmente, pela falta de materiais didáticos de ordem moral e religiosa por parte da igreja, que concebia os materiais didáticos do regime republicano como carregados de influências positivistas e liberais (PAIVA, 1997; SANTOS, 2004).

## CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO DO CORPO NAS OBRAS DO FREI PEDRO SINZIG

*“A modernidade coroada pelas Revoluções Burguesa e Industrial opera, de fato, essa transformação do ser humano em objeto de conhecimento, com um incremento do interesse pelo corpo, com base nas diferentes perspectivas postas na sociedade e nos conflitos de interesses que estão em jogo [...] as percepções em torno do corpo vão estar profundamente relacionadas com as novas percepções de universo e de sociedade que vão se popularizar a partir dos avanços dessa produção científica”.*

*Ana Márcia Silva*

Como vimos, os finais do século XIX e início do século XX merecem especial atenção para a compreensão da sociedade ocidental e contemporânea, pois tal período foi marcado pela idealização da formação de um novo homem, sob a égide de uma nova racionalidade, para convivência no espaço urbano (VEIGA, 2002). Esse espaço é caracterizado como um constructo intencionado (ESCOLANO, FRAGO, 2001) que atende aos ideais capitalistas (BERMAN, 1986), propondo novas percepções do cotidiano, em especial em relação à percepção de notação de tempo (THOMPSON, 1998). Essa dinâmica própria da modernidade do período, se entrelaça com os ideais de progresso, onde a educação emerge como signo de progresso, num contexto em que se consolida como um dos temas mais significativos do cenário nacional para a elite letrada urbana (SOUZA, 2012). Com isso, a nossa compreensão de educação do corpo se faz nesse novo cenário, onde o corpo, enquanto “[...] território biológico e simbólico, processador de virtualidades” (SANT’ANNA, 2002), se educa para além de um metodologia ou didática escolar, através de toda a realidade que o circunda, na relação com a emergência de novos conhecimentos e padrões morais (SOARES, 2002).

Entendemos que a concepção de educação do corpo de um dado contexto histórico-cultural, pode permitir o rastreamento dos padrões de conformidade social e moral, que permeavam a república na relação Igreja Católica, recortado em nossa pesquisa. Sendo assim, recorremos a Porter (1992), quando nos assegura ser possível compreender uma dada concepção de corpo na história, ou seja, no tempo e espaço.

Diante disso, entendemos ser possível pesquisar a maneira como os corpos se expressam, atravessam e são atravessados por experiências (PORTER, 1992). Portanto, entendemos que a temática da educação do corpo é atravessada por repertórios simbólicos, matizados por significados, histórias e memórias, os quais pressupõem ambivalências engendradas por tensões e conflitos, permanências e resistências, que, nesta pesquisa, são tomados como vestígios indiciários de um dado contexto histórico-cultural. Propomos, ainda, que tais repertórios estão intimamente imbricados com as questões de gênero e os lugares sociais dos sujeitos, que os colocam em ação, na perspectiva de determinada conformação social, pautada por relações de poder.

Nesse sentido, as obras do Frei Pedro Sinzig dialogam com essas relações estabelecidas nesse espaço urbano, juntamente com suas tensões, conflitos e contradições, visando à conformação de uma educação do corpo que ganha lugar de destaque e merece ser analisada nas suas diferentes intencionalidades, pois o espaço urbano republicano, sob os ideais de uma educação para a população pressiona, (re)organiza, (re)define comportamentos em meio aos seus diferentes grupos sociais.

As obras de Frei Pedro propõem uma educação do corpo que se baseiam em critérios de conformidade social, afirmando uma educação de corpos, com vistas a garantir uma vida saudável que pudesse ser compartilhada no coletivo, afastada das epidemias e contaminações presentes no período recortado. Confirma-se, ainda, a educação de um corpo sob os ditames do trabalho, sendo este uma virtude a ser posta e aceita pelo indivíduo tido como civilizado. Assim, práticas que se desassociaam desse padrão não eram aceitas, portanto, foram desvalorizadas nas obras do Frei Pedro. A par de que nas obras do Frei Pedro, no mesmo nível de importância, a preocupação com uma educação do corpo, voltada a determinada moralidade. Moralidade essa que permite que o corpo seja aceito ou não, mediante sua postura ante algumas condutas sociais do período, ditas como reprováveis, tal como a criminalidade, a vadiagem, o alcoolismo, frente a uma dada composição da família nuclear, tida como estrutura constituidora da sociedade – célula mater.; nestas famílias as crianças e a mulheres são

vistas como seres frágeis, sobre os quais repousam funções tidas como essenciais para o bom andamento dos interesses morais republicanos e capitalistas. Portanto, aquilo que contradiz esse padrão de uma educação do corpo, na ótica de Frei Pedro Sinzig, deve ser combatido.

Cabe salientar que, segundo Rago (1985, p. 12), essa educação do corpo, que se volta a um corpo higienizado, dirigido ao trabalho, submetido a uma dada moralidade, encontra guarida, em termos de condutas, entre reformadores, religiosos, autoridades públicas e filantropos, nas primeiras décadas do século XX.

Assim, evidencia-se quais eram os postulados de educação do corpo, na virada do século XIX para o XX, a ser buscado tanto pela igreja, como pela república recém-implantada.

A par dessas considerações, entendemos que, devido ao fato dessa educação do corpo, estar ligada aos ideais de progresso, onde a imprensa se destaca como um dos carros chefes do progresso (BUENO, 2011), não seria estranho, encontramos em relevo, tais postulados em imagens do período. Nesse sentido, rastreamos as edições dos periódicos *Careta* e *Fon Fon* do ano de 1914, nos quais nos deparamos com imagens que nos assegura essa educação do corpo. Com isso, reafirmamos os indícios de uma dada educação do corpo, que atravessa as obras *Reminiscencias d'um Frade* (1917) e *Através dos Romances* (1915).

Dando continuidade, tomamos o corpo como um objeto de conhecimento (CHAUÍ, 2009) na modernidade, o qual pode ser examinado, classificado e conhecido, por considerar que, na sua existência e experiência, traz consigo toda uma carga de significados e memórias (SANT'ANNA, 2002). Portanto, o corpo traz inscritas as marcas sociais e históricas, de questões culturais e gênero, além de pertencimentos (NÓBREGA, 2005). Nesse sentido, entendemos ser possível estabelecermos uma história do corpo mediante a história de suas percepções, pois “os corpos estão presentes, apenas por meio da percepção que temos deles” (PORTER, 1992, p. 295). Assim, nossa abordagem sobre o corpo, caminhou no rastro de uma dada educação do corpo, considerando que se desviavam de uma normalidade utilitária deixavam de ser valorizados (SOARES, 2002, p. 18). Desse modo, ao rastrear as obras do Frei, nos colocamos como investigadores de uma dada conformação social, a qual estabelecia um padrão a ser aceito no espaço urbano.

Nesse sentido, Frei Pedro Sinzig se insere numa realidade marcada por algumas expectativas republicanas, que visavam constituir o Brasil em nação forte, onde o progresso era uma realidade atingível (CARVALHO, 1990). A Igreja Católica, buscava restaurar seu poder administrativo e político junto à população brasileira (PASSOS, DELGADO, 2005). Nesse contexto, a educação do corpo torna-se um dos símbolos da instauração da nova ordem, ou seja, uma das estratégias para viabilizar o progresso tão sonhado, além de educar o corpo, a alma do cidadão (CARVALHO, 2000). Um dos instrumentos para alcance desses objetivos, era a imprensa, vista no quadro das transformações da modernidade (SANGENIS, 2004).

A esse respeito, temos a constituição da Editora Vozes, que, no quadro dessas transformações, foi criada a partir da Typografia de São José, que foi fundada junto com a Escola Gratuita de São José, com a finalidade de dar maior vigor e visibilidade aos materiais de cunho religioso. Nesse sentido, os franciscanos formavam alunos na arte da tipografia e no acabamento dos livros, além de editar e imprimir seus próprios materiais escolares, que permitiram que suas ideias e doutrinas circulassem por meio de publicações impressas. A função inicial era a de publicar materiais direcionados ao seu público interno, mas também ao público escolar, voltados a professores e alunos, e também para um público mais amplo. Pode ser compreendida na conexão com o movimento de reordenação de diferentes instituições sociais, ante as demandas engendradas pelo regime de governo republicano brasileiro (SOUZA, 2012).

A par desses conhecimentos, fizemos a leitura das obras do Frei Pedro Sinzig, sob a ótica de um franciscano que compunha a elite urbana, escritor fluente e verborrágico, com mais de quarenta obras publicadas, entre romances, novelas, ensaios e manuais didáticos, que atuou como tradutor, legado que deixou marcas no cotidiano escolar de sua época (SANGENIS, SANGENIS, 2013). Sua principal obra, em nível de repercussão à época, foi *Reminiscências d'um Frade*, em 1917, e, secundariamente, *Através dos Romances* em 1915.

*Reminiscências d'um Frade*, edição de 1917, tomada como uma autobiografia do Frei Pedro Sinzig, compõe-se de 427 páginas, editada com capa dura, folhagem cruzada nas primeiras páginas, onde consta o símbolo de um altar, com dois peixes laterais e dois abaixo, juntamente com símbolo de cinco corações em vermelho. É organizada em vinte e uma divisões sumárias, iniciando com sua infância, sua vida ministerial no Brasil, até o retorno à Alemanha. O exemplar consultado permanece no

CDAPH. Contêm dois carimbos, apartados da publicação original, um com a identificação “Belletristica I” de forma linear, e outro com “Quissaman”, em forma circular<sup>30</sup>. Possui anotações nas primeiras entrecapas, “Bell I” e “D-1-39”. Além dessas anotações, o livro não apresenta nenhum outro tipo de anotação, sinais e dobragem de folhas ou rascunhos. Contém uma dedicatória ao Dr. Paulino Werneck, “Diretor da Hygiene e Assistencia Publica Municipal do Rio de Janeiro”. Ao final, no epílogo, Frei Pedro justifica sua publicação: “creio que é dever mostrar o que é, na realidade, a vida de frade” (SINZIG, 1917, p. 427).

O exemplar de *Através dos Romances*, primeira edição em 1915, foi editado com capa dura, 1030 páginas, onde Frei Pedro Sinzig lista os autores de romances, indicados e não indicados, em ordem alfabética. Sua capa é de cor marrom, um carimbo, apartado da publicação original, com a descrição “Quissaman”, em forma circular<sup>31</sup>. Possui a descrição, apartada da publicação original, “Vania II”; a aprovação, antes do início do texto, do Reverendo Bispo de Niterói, Agostinho, datada de 18 de julho de 1915, e uma dedicatória do Frei ao amigo Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Apresenta, ao final, listagem de livros disponíveis para venda na Vozes de Petrópolis, denominados como “livros instructivos”. Ainda, nas últimas páginas, tem a indicação de leitura da Editora Vozes de 6 livros, “A Caricatura na Imprensa Brasileira”, “Em Plena Guerra”, “Ao Céu!”, “Breve Meditações para todos os dias” e “Musicas sacras e profanas”. O exemplar consultado permanece no CDAPH. Não tem notas de gravuras, rascunhos ou anotações, com exceção de um pequeno galho seco, aparentemente arruda, entre as páginas 882 e 883. O volume está organizado em três partes principais. A primeira parte refere-se a dez capítulos, onde o Frei destaca o acesso à “má” leitura e os prejuízos à moral, e uma segunda parte, onde se atém a um índice denominado como “índice alphabetico por appellidos de autores, em que Frei Pedro indica ou veta a leitura de romances, e, uma terceira parte, onde intitulada como “Índice alphabetico por títulos de livros”. Como meio de classificação, o Frei indica, por meio de “typos”, o valor moral da respectiva obra: “typos” grifados, obras vetadas; “typos” gordos, obras inofensivas; letras maiúsculas, obras com alguma reserva. Para os livros em português, são escolhidos “typos” maiores do que para os de idioma

---

<sup>30</sup>Estas identificações estão parcialmente legíveis, portanto, podem conter erros.

<sup>31</sup>Esta identificação encontra-se com bastante limitação visual, podendo conter erros.

estrangeiro. Compõe-se em forma de um manual para o leitor, constituído de 11.863 livros comentando 5.150 autores.

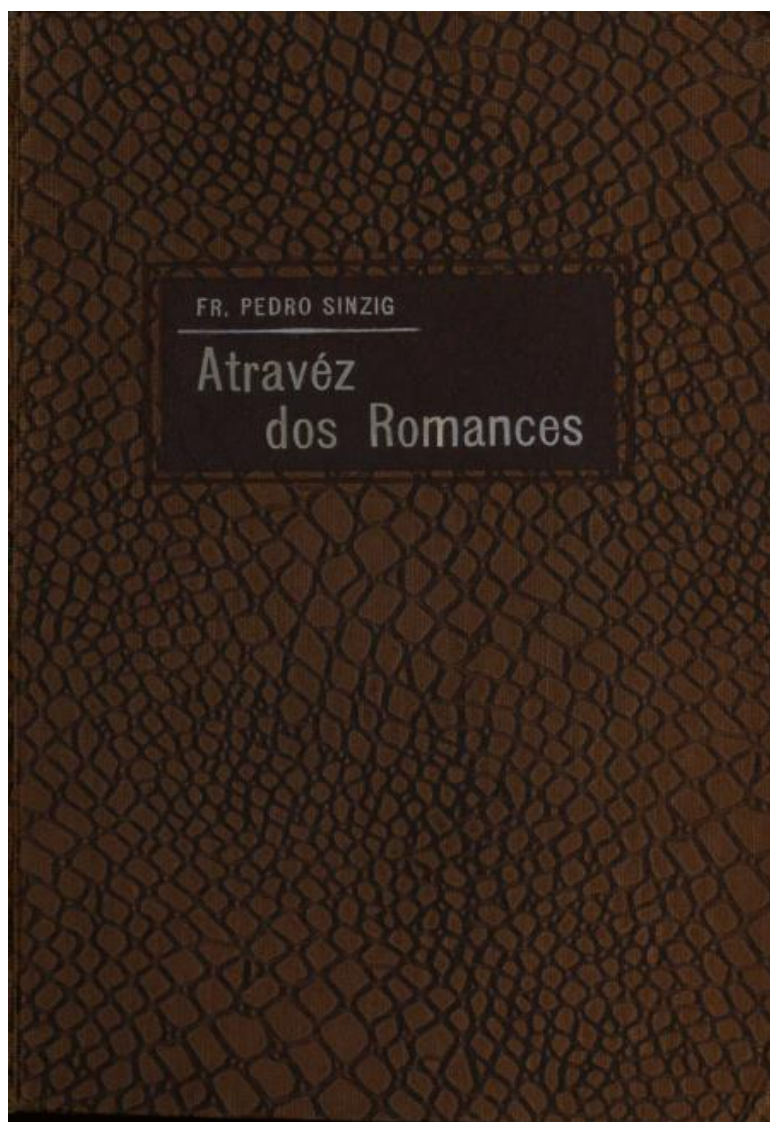
A par deste conhecimento, nosso objetivo, neste capítulo, foi sinalizar as concepções de educação do corpo, presentes nas obras do Frei Pedro Sinzig, entremeadas por diferentes tensões, conflitos e interesses. Tais tensões e conflitos vão ao encontro de ideais da Igreja Católica e da República, propondo uma dada educação do corpo, destacando como possíveis potencialidades, o trabalho enquanto virtude, o higienismo enquanto necessário a uma dada conformação social e a moralidade enquanto defesas de condutas compatíveis com a racionalidade de um corpo utilitário e disciplinado.





**Figura 10:** *Capa de Reminiscencias d'um Frade (1917).*

Fonte: CDAPH



**Figura 11: Capa de *Através dos Romances* (1915).**

Fonte: CDAPH

## 2.1. Educação do corpo e o higienismo

Nosso objetivo é apresentar uma dada percepção de educação do corpo, nas duas obras de Frei Pedro Sinzig, analisadas nesta pesquisa.

Por considerar que Frei Pedro Sinzig é homem de seu tempo e que por vezes nos parecemos muito mais com a nossa época do que propriamente com nossos pais (BLOCH, 2001), tomamos por certo que os vestígios encontrados nas obras do Frei, sinalizam uma educação do corpo ancorada no higienismo, são questões postas do período em destaque. Dito isso, acentuamos a presença de aspectos de ordem sanitária com frequência, por entre as páginas destas duas obras.

Nesse sentido, propomos que a atuação do Frei, é de um missionário franciscano, acompanhada de ações sociais, em especial voltada as questões de higiene. Em suas obras identificamos a constante preocupação em enfatizar a necessidade de ensinar à população brasileira, um conjunto de práticas que visavam à educação do corpo e a higiene. Portanto, é notória a presença de orientações, por parte do Frei, acerca de práticas, atitudes e conhecimentos desejáveis, que deveriam ser conformados no convívio social.

A par deste conhecimento, identificamos nas obras de Frei Pedro Sinzig, que sua compreensão sobre higienismo, estava ligada a uma batalha de modernização, não somente voltada ao espaço urbano, mas também, ao indivíduo, de modo que invadisse seu ambiente privado, regrando seus hábitos e costumes, sob a intencionalidade de uma elite letrada, como justificativa do progresso. Assim, algumas praticas serão restritas, enquanto que outras, incentivadas.

Ressaltamos que o livro que mais aborda as questões de higienismo, como retratado nas lembranças do Frei vividas no Brasil, é *Reminiscencias d'um Frade* (1917). Nele, Frei Pedro descreve suas impressões e experiências no âmbito do higienismo, associado ao seu ministério sacerdotal. Nesta obra Frei Pedro ressalta que as palavras de ordem eram: “Saúde, Fraternidade, Igualdade” (SINZIG, 1917, p. 126), pois eram o lema médico-sanitarista presente no fim do século XIX na Bahia, e que dizia respeito também ao Brasil. As questões sanitárias eram tão presentes que, ao fazer a dedicatória de *Reminiscencias d'um Frade* (1917), Frei Pedro Sinzig dedica a um

“disctincto e caro amigo”, chamado Dr. Paulino Werneck<sup>32</sup>, que ocupava a direção da “Hygiene e Assistência Pública do Rio de Janeiro”. Diante disso, mostra-nos a existência de uma diretoria própria de “Hygiene e Assistencia Pública Municipal no Rio de Janeiro”, em 1917, então capital do país. Com isso, deixa-nos evidente que as questões sanitárias eram tratadas enquanto esfera da política pública, logo de âmbito social.

Sobre políticas públicas e higienismo, sinalizamos que Frei Pedro não exerceu cargos públicos, mas, muito possivelmente, as discussões sobre higienismo e outros assuntos se fizeram entre as classes mais abastada e do alto escalão da sociedade brasileira, em fins do século XIX e início do XX, pois era por entre este seguimento social, que Frei Pedro estava acostumado a transitar e ter como interlocutor.<sup>33</sup> A esse respeito, Frei Pedro pontua: “E lembro-me que Petropolis é terra dos diplomatas, dos ministros acreditados junto ao nosso governo, da alta sociedade no verão” (SINZIG, 1917, p. 288). Igualmente, em Lajes, o Frei se lembra “dum amigo que valia ouro: Victor de Brito, e sua família. Fôra sempre um amigo fiel do convento. Quando deputado estadual,apresentou o justíssimo projecto de auxiliar o único gynasio da região serrana, - o nosso – o que não conseguiu, devido á opposição da maçonaria” (SINZIG, 1917, p. 263).

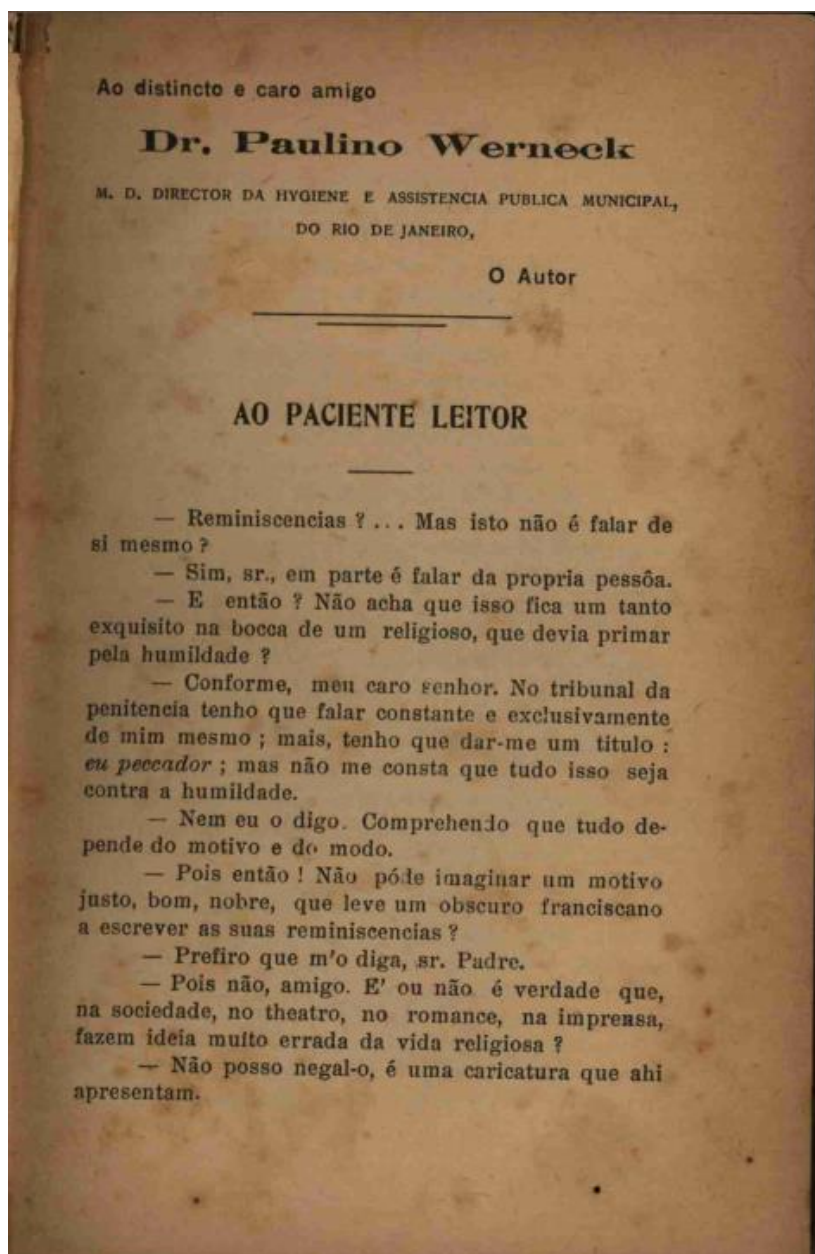
Noutro momento, Sinzig destaca que por diversas vezes esteve próximo, na celebração de missas, da presença do Presidente da República, então Dr. Affonso Augusto Moreira Penna (1887-1909),<sup>34</sup> “[...] que todos os domingos de verão o víamos chegar pontualmente para assistir a Missa das 8 horas, em que se conservava numa atitude digna” (SINZIG, 1917, p. 329).

---

<sup>32</sup>Percebemos em nossa pesquisa a presença constante dessa família Werneck, que aparece em várias imagens, associadas à saúde, em especial nas divulgações de uma Farmácia no Rio de Janeiro, no período em destaque (ver figura 13).

<sup>33</sup>Abordaremos a relação do Frei Pedro Sinzig com um público das classes que não pertenciam a uma elite letrada, quando abordamos sua participação na Guerra dos Canudos.

<sup>34</sup>O presidente Affonso Augusto Moreira Penna foi um político brasileiro, membro do Partido Republicano Mineiro. Foi deputado federal, governador do estado de Minas Gerais, vice-presidente e presidente do Brasil, entre 15 de novembro de 1906 e 14 de junho de 1909, data de seu falecimento. Antes da carreira política, foi advogado e jurista. Fonte: [www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/affonso-penna](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/affonso-penna). Acesso em: 1º maio 2014. Com isso, *Reminiscencias d'um Frade* (1917), permite-nos perceber o nível de convivência social e política da qual Frei Pedro Sinzig esta inserido, demonstrando-nos que não esta sozinho, mas lado de uma elite letrada.



**Figura 12: Dedicção do Frei Pedro Sinzig, da obra *Reminiscencias d'um Frade* (1917).** Esta imagem é utilizada nas primeiras páginas de *Reminiscencias d'um Frade* (1917), como dedicção do livro em destaque à família Werneck (SINZIG, 1917, p. 6). O nome da família Werneck, aparece em várias exposições de propaganda de Farmácia nas Revistas *Fon Fon* e *Careta* em 1914.

Fonte: CDAPH

Dando continuidade, pontuamos que a defesa de cuidados higiênicos adequados ao corpo, atravessa as duas obras do Frei Pedro<sup>35</sup>. Tal defesa estava voltada para uma série de práticas higiênicas, destinadas ao controle das epidemias e das doenças, tais como febre amarela, varíola, tuberculose, sífilis, hanseníase, entre outras que agravavam o período. Portanto, esse corpo saudável proposto por Sinzig, além das questões morais, como veremos adiante, estava também associado à emergência acelerada de projetos distintos de modernização, implantados pelo poder público visando disciplinar e controlar a população urbana e rural, na perspectiva de garantir a salubridade e a produção, bem como o fluxo de mercadorias e pessoas no espaço urbano.

Assim, percebemos iniciativas que visavam garantir a dispersão dos odores putrefatos e o controle dos corpos fragilizados pela doença, fadiga e idade, mediante a adoção de orientações e procedimentos que privilegiassem o arejamento, a ventilação e a iluminação natural dos espaços. (VIGARELLO, 1978, *apud* BUENO, 2007, p. 190). Assim, Frei Pedro vai ao encontro do que propôs Carvalho (2000), quando a autora propõe, que a educação de um corpo higienizado era compatível, em nível de condutas, com a moral da Igreja Católica, durante a virada do século XIX para o XX. Nesse sentido, é importante salientar que essa concepção de corpo higienizado, segundo Silva (1999), está diretamente ligada a uma autonomia que o identifica como indivíduo em sua estrita materialidade corporal, o que justifica uma série de ações desenvolvidas no período, em especial, na medicina, seja ela em âmbito social, seja individual. Com isso, o corpo, em sua exposição urbana, se apresenta como um modelo a ser observado, em detrimento de outros, como um corpo saudável e higienizado. Portanto, a presença de uma dada educação do corpo e higienismo na obra do Frei se fazem por conta deste modelo de corpo, que se alastrava pelo Brasil e em outros países.

Com isso, temos um corpo que se sujeita aos ideais das ciências médicas, em face dos novos pressupostos da visão de mundo e da realidade proposta por essa racionalidade. Assim, temos a presença de um corpo que é pensado em termos de higienismo, por uma racionalidade científica que fornecerá elementos que permitirão o seu controle no espaço urbano. Nesse sentido, corroboramos com Silva (1999), quando

---

<sup>35</sup>Convém salientar que, voltado a essa educação do corpo ao higienismo, temos a presença de excesso de propagandas de remédios e sugestões referentes aos cuidados com o corpo.

## Molestias Broncho-Pulmonares

O PHOSPHO-THIOLICO granulado de Giffoni é o melhor tónico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões; elle actúa não só pelo gayacol como pelas combinações sulfurosa e phospho-calcarea que encerra e é muito effizaz na fraqueza pulmonar, nas bronchites, bronchorréas, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar, aguda e chronica, na debilidade organica, no rachitismo, nas convalescenças em geral e especialmente na convalescença da influenza, da pneumonia, da coqueluche e do sarampo.

Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOLICO de Giffoni tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar pôde ser uzado puro ou no leite, cujo sabor não altera. Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade e dos Estados.



## VINHO BIOGENICO

(VINHO QUE DÁ VIDA)

Para uzo dos «convalescentes», das «puerperas», dos «neurasthenicos, dyspepticos, arthriticos».

Poderoso tónico e estimulante da «Vitalidade», o VINHO BIOGENICO — é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista «uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade» psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas «convalescenças», nas «molestias depressivas e consumptivas, neurasthenicas, anemias, lymphatismo, dyspepsias, adynamias, cachexia, arterio-sclerose», etc.

Reconstituente indispensavel ás senhoras, durante a gravidez, e após o parto, assim como ás amas de leite. O VINHO BIOGENICO augmenta a quantidade e melhora a qualidade do leite. E' um poderoso medicamento bioplastico.

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

Deposito Geral: Francisco Giffoni & C. — Rua 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

## EUCINA WERNECK



Especifico  
infallivel  
contra a  
Influenza,  
Grippe,  
Enxaqueca,  
Nevralgia

DEPOSITO :

PHARMACIA WERNECK

7, Rua dos Ourives, 7



Preço Vidro de 250 gr. nas capitães  
2\$500 até 3\$000

Vende-se em todas as drogarias e phar-  
macias do Brazil

== CURA RADICALMENTE ==

Syphilis, Rheumatismo, Ulceras, Ulcerações da bocca e do laringe (placas mucosas) Exostoses (tumores osscos), Cephaléas (dóres na cabeça continuas e sem allivio), Rumor na cabeça e zumbido nos ouvidos, Dóres no peito, La-  
teamento das arterias do pescoço e todas as demais manifestações do terrivel flagello — A SYPHILIS.

LABORATORIO

DAUDT & LAGUNILLA

RIO DE JANEIRO

Inventores dos preparados A Saude da Mulher,  
Bromil, Boro-Boracica e Depurativo Lyra (Hemosano)

**Figura 13: Família Werneck (1917).** Esta imagem é utilizada na Revista *Careta*, junto com outras tantas da mesma natureza, para divulgação da *Pharmacia Werneck* e suas especialidades. Tomamos como indícios, o estreitamento de relações entre Frei Pedro Sinzig e a família Werneck, que nos apresenta indícios de tratar-se de uma família que exercia função pública na área de higiene, e comercial na área de Farmácia no Rio de Janeiro no inicio do século XX.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1914, nº 293, ano XII.

sinaliza que os séculos XIX e XX são marcados por uma transição de concepção de corpo, onde passamos para uma concepção de corpo social como objeto da ciência.

A esse respeito, Bueno (2007, p. 190) destaca que:

Esses projetos de modernização registravam sensibilidades relativas ao espaço urbano e ao corpo, oriundas do entrecruzamento da vontade política de disciplinar e de controlar as diferentes classes sociais, calcada na crença inquestionável na ciência, no planejamento e nas estatísticas relativas ao viver nas cidades e à produção urbana, como já pontuei. Esta crença vicejava nos discursos competentes enunciados por engenheiros, estatísticos e médicos sanitaristas do período, dentre outros intelectuais cujas práticas discursivas, em um movimento de retroalimentação contínua, se legitimavam enquanto hegemônicas e inquestionáveis, posto que não admitiam réplicas e se colocavam como alternativas únicas à ordem e ao progresso do país. Práticas também disseminadas e endossadas por diferentes instituições sociais – médicas, filantrópicas, policiais, religiosas, esportivas e escolares, por exemplo.

Portanto, a educação de um corpo higienizado aparece nas obras do Frei, como própria da civilização e do progresso. Neste contexto, vamos ao encontro de Sevckenko (1984), quando se reporta a *A revolta da vacina*, ocorrida no mesmo período no Rio Janeiro, deflagrando violentamente, quando da imposição de uma lei, publicada em 9 de novembro de 1904, visando ao controle da varíola<sup>36</sup>, mediante a aplicação geral de vacina na população. Tal medida legal foi motivada pelo governo e teve grande resistência por parte da população. Sevckenko (1984) destaca que a lei era extremamente rígida, atingindo, com obrigação de serem submetidos à vacina, tanto recém-nascidos como idosos, de forma impositiva, aplicando, além da vacina, exames e reexames, com ameaça de multas pesadas. O objetivo era uma campanha maciça, rápida, com amplo sucesso em curto prazo, porém, a população, de quem só exigia a submissão incondicional, não aderiu tranquilamente.

A regulamentação foi publicada no dia 9 de novembro, e já no dia dez as agitações se iniciavam com toda a fúria que as caracterizaria. Grandes ajuntamentos se acumulavam na Rua do Ouvidor, Praça Tiradentes e Largo de São Francisco, onde oradores populares

---

<sup>36</sup>Sevckenko (1984, p. 13) destaca que, no mesmo ano de publicação da lei, atestava-se, somente no primeiro semestre no Rio de Janeiro, mais de 1.800 casos de internações no Hospital de São Sebastião, no Distrito Federal, com um total de óbitos, somente nesse ano, de 4.201 pessoas.



vociferavam contra a lei e o regulamento da vacina, levando o povo a rebeldia. A polícia, informada e com determinações expressas de proibir e dispersar quaisquer reuniões públicas, tratou de prender os oradores improvisados, sofrendo então a resistência da população, que atacava a pedradas. (SEVCENKO, 1984, p. 18, 19)

Nesse sentido, temos, em *Reminiscencias d'um Frade* (1917), iniciativas do poder que, por vezes, são retratadas pelo Frei, em favor de uma educação do corpo ao higienismo, como é o caso de uma ação nos borreiros<sup>37</sup>.

Os boreis todos, por **ordem das autoridades sanitárias**, durante a noite serão sujeitos a um tratamento de mata-microbio, por vapores que nenhuma alma viva pode inhalar. Ficam para esse fim, todos numa cela bem fechada, pelo que, na ceia, todos aparecem no refeitório vestidos de habito interno, mais leve e mais curto que o exterior (SINZIG, 1917, p. 110, *grifo nosso*).

Em alguns momentos, Sinzig teve que abandonar determinados conventos, mesmo sem concordar, como é o caso do convento de Paraguassú, em que há uma intervenção do governo republicano, no sentido de que doenças, como a febre amarela, não se alastrassem tendo como receptáculo o corpo dos frades franciscanos. Assim, encontramos uma vigilância própria do controle da população (ver figura 14), segundo a qual os corpos não somente devem ser controlados.

Sinzig destaca que, em algumas situações, estava sob rígido controle de médicos e, às vezes, soldados, que se espalhavam pelas ruas com a finalidade de vigiar a população. Era de fato uma ação de polícia para controle social do corpo. As ações sanitárias de higiene eram determinadas por autoridades públicas, que representavam toda uma estrutura intencional de políticas voltadas à educação do corpo e higiene, as quais são narradas pelo Frei Pedro Sinzig, em diferentes situações, dentre as quais pontuamos:

Em Paraguassú não deixaram de aparecer algumas doenças. O governo do Estado tinha mandado um medico para sobrevigiar. Cae doente, então, um creado italiano, que trouxemos do convento da

---

<sup>37</sup> Trata-se de um tecido resistente e versátil, para fins religiosos, originariamente confeccionados para os dias de chuva, neve e frio na montanha (LOWERY, 1999).

Bahia. Levamol-o á sala grande, onde lhe arranjámos uma espécie de cama. Vem o medico. Ate hoje não esqueci da sua receita: - o Giovanni precisa de ar, muito ar. Tirem os tijolos do telhado para que o ar entre bem. E isso num convento onde, nas noites de chuva, dormíamos no chão sob o guarda chuva aberto, e onde bâtegas de água entram pela janella. (SINZIG, 1917, p. 124).

Afirmando esse pensamento, Machado (1978) propõe que essas ações públicas estavam diretamente ligadas à medicação e fiscalização, mediante uma ação de polícia sanitária no espaço urbano, que emerge com a finalidade de submeter às populações a um dado reordenamento urbanístico e controle da circulação, que acarretará, conseqüentemente, propostas higienistas, pois, nesse sentido, percebemos que essas ações sanitárias corroboram com Porter (1992, p. 313), que destaca que, tradicionalmente, “o corpo saudável” era, de certa forma, a garantia de um “estado saudável”.

Além disso, percebemos que, em alguns momentos, Frei Pedro Sinzig, quando da sua chegada ao Brasil, na Bahia, destaca que ele próprio, se identifica como sendo autoridade em questões sanitárias.

Pela tarde fizemos de polícia da saúde, desinfectando toda a povoação. Como os soldados, ao chegarem aqui esfarrapados, recebiam roupas novas, tínhamos o duvidoso prazer de ver pelas ruas pedaços de paletot, calças e roupas de baixo. O ar tornou-se pouco a pouco empestado. Varremos, portanto, os restos de pannos das roupas ajuntando-os em quatro grandes montões e ateando-lhes fogo. O nosso exemplo encontrou imitadores, algumas pessoas visinhas puzeram mãos á obra, fazendo cinco grandes montões. (SINZIG, 1917, p. 198)

# INSTITUTO DE HYGIENE PARA A CUTIS

O Composto Vegetal Souviroff é o unico remedio no mundo que tira o Pello sem ser «depilatorio» e sem uso da «electricidade»; assim como cura as Sardas, Manchas, Ruças e todas as doenças da cutis.

O Composto Vegetal Souviroff foi aprovado nesta Capital pela Directoria Geral de Saude Publica.



MARCA REGISTRADA

No seu consultorio as suas freguezas encontrarão todo e qualquer medicamento concernente ao tratamento da CUTIS

A Doutora J. de Souviroff participa a sua clientela que tem seu consultorio á rua General Camara 92, não confundindo com casas que se dedicam á venda de falsos productos para a Cutis.

*Certificado da Sra. Isbella Estruc á Dra. J. de Souviroff.  
Exma. Dra.*

*E' muito grato para mim escrever-lhe estas linhas como prova de agradecimento pelos optimos resultados obtidos com a applicação dos preparados Souviroff. As manchas do rosto (sardas pannoas) que tinham resistido a todos os processos de cura até hoje aconselhados, desapareceram completamente em pouco tempo com o uso constante de vossos incomparaveis productos que além de illiminarem todo o mal da cutis, tornaram-na fresca e limpida.  
Agradeço Atta. Obrig. Isbella Estruc*

*Villa Isabel — Rua Torres Homem 124 — Rio de Janeiro  
15 de Agosto de 1913.*

UNICO PONTO DE VENDA

92, RUA GENERAL CAMARA, 92 — Sobrado

Telephone 6226-Central — Rio de Janeiro

**Figura 14: Educação do corpo e higienismo – presença do poder público.** Esta imagem se destaca pelo fato ressaltar a presença do higienismo nas suas diversas dinâmicas, tais como remédios recomendados ao estômago, contra sífilis, ao fígado, etc., porém, nosso destaque principal se faz no sentido de sinalizar a presença de uma *Directoria Geral de Saúde Pública*, que exerce controle sobre remédios, sugerindo-nos a presença de poder público, atuando para governo da população.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1914, nº 294, ano VII.

Corroborando com Machado (1978), que enfatiza a ocorrência de ações sanitárias públicas para controle da população e das epidemias naquele período, Frei Pedro propõe, naquele contexto, proibições relacionadas aos banhos em águas públicas. As proibições a tais banhos, no caso específico de Frei Pedro Sinzig, aceita sob forte insatisfação, pois o banho em águas públicas era uma de suas atividades preferidas no Reno, quando estava na Alemanha. “Luz, música e Rheno eram a minha predilecção. Ao Rheno ia todos os dias, sem excepção de um só, brincar, nagevar sobre alguma prancha, ou tomar banho” (SINZIG, 1917, p. 21).<sup>38</sup> Quando no Brasil, teve que acatar as proibições de banho em águas públicas, como consequência de disposições legais sanitárias. Sinzig destaca que os banhos diários foram restritos, sob ordem médica, em decorrência da maneira como aconteciam:

Dispondo nós de apenas duas ou três bacias em que nos podíamos lavar, todas as manhãs íamos tomar banho em um lugar um tanto protegido. Um dia o médico o sabe e dirige-se a portaria, onde atende o meu silesiano, Frei Francisco. Diga ao padre superior que não posso consentir nesses banhos; a água do mar se mistura ahi com a do rio, o que os pode prejudicar. E Frei Francisco vae contar tudo direitinho a Frei Hyppolito que, um tanto medroso por possíveis intervenções do governo, manda-nos desistir do delicioso banho de cada dia. (SINZIG, 1917, p. 125)

Segundo Machado (1978, p. 163), os banhos em águas públicas, por serem rotineiros, era uma das grandes causas de doenças nesse período, já que com frequência:

[...] as águas estagnadas: nos pântanos estão em dissolução substancias animais e vegetais que entram em putrefacção dando origem a gases pestilentos. Daí ser necessário todo o trabalho de urbanização. Deve-se aterrar pântanos, encanar as águas, demarcar ruas e lugares de construcção.

Nesse sentido, Sinzig não escapa de, por vezes, se submeter aos receios da contaminação dessas águas públicas, quando em viagens pelo Brasil:

Ah até que enfim descobri distante da estrada um tanque que parecia conter água. Com o coração a pulsar forte, segui apressadamente naquella direcção. Realmente água! Mas, não obstante ser a minha sede torturante, repugnava-me social-a neste pântano infecto, em cujas margens jaziam cadáveres de bois, etc.; o burro, no emtanto, menos

---

<sup>38</sup>Rio que atravessa a Europa de sul a norte, desaguando no mar do Norte.

exigente do que eu, bebei desta água podre, como si não mais quizesse acabar. (1917, p. 183)

Cabe realçar que as águas públicas no espaço urbano, em finais do século XIX, passaram por uma transição de concepção, em virtude de situações de escassez, mas, principalmente, por questões higienistas. Essa transição, ainda não totalmente, segundo Sant'Anna (2002), tendia a identificar as águas públicas mais como “paisagem” (p. 103), destinadas a “contemplanção visual” (p. 104), visando à separação entre corpos e águas, com a finalidade preservar de corpos “moralmente sadios” (p. 111).

Assim, segundo Rocha (2002, p. 236), a obediência da população aos ditames da higiene configura-se como fórmula para convivência no espaço urbano, diante dos problemas gerados pelo rápido crescimento desse espaço e diante das condutas, consideradas pelas autoridades públicas, desregradas da população. O desafio era estancar essa torrente mórbida, causadora de várias doenças, que pairava sobre a sociedade. Portanto, a medicina, atrelada à ciência, foi chamada a assumir a missão de enfrentamento de tal torrente, junto a um “programa de disciplinamento da população”, pautado pela idealização de uma perfeita articulação entre higiene e moral. Nesse sentido, o médico passa a ter uma importância política e social. Este médico passou a exercer a medicina social no espaço urbano, sua prática não mais restringia somente à doença e ao doente de forma isolada, mas desloca-se para a saúde social. Assim, o foco não é mais a doença ou mesmo sua manifestação, e sim a prevenção. Nesse sentido, Cunha (1986, p. 35) destaca que essa medicina social higiênica, vai constituir um discurso sobre todas as instâncias da vida e relações, invadindo as esferas pessoais, para moldá-las, segundo os propósitos da “ordem e da disciplina urbanas”.



*Cabeças fluctuantes*

### Fazenda militar de Gericinó



**Figura 15: Educação do corpo e higienismo – banhos em águas públicas.** A imagem 1 se refere a banhos em águas públicas cariocas e a imagem 2 a banhos numa fazenda militar em Petrópolis. As imagens referem-se ao banho em águas públicas, como um prática comum da população em inícios do século XX. Esses banhos em águas públicas, ou seja, em rios ou mares, são marcados por restrições, devido as grandes causas de doenças oriundas das águas. Frei Pedro Sinzig atravessa e é atravessado por medidas higiênicas para convivência no espaço urbano, dentre elas os banhos em águas públicas.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1914, nº 312, ano VII.

enfrentamento de tal torrente, junto a um “programa de disciplinamento da população”, pautado pela idealização de uma perfeita articulação entre higiene e moral. Nesse sentido, o médico passa a ter uma importância política e social. Este médico passou a exercer a medicina social no espaço urbano, sua prática não mais restringia somente à doença e ao doente de forma isolada, mas desloca-se para a saúde social. Assim, o foco não é mais a doença ou mesmo sua manifestação, e sim a prevenção. Nesse sentido, Cunha (1986, p. 35) destaca que essa medicina social higiênica, vai constituir um discurso sobre todas as instâncias da vida e relações, invadindo as esferas pessoais, para moldá-las, segundo os propósitos da “ordem e da disciplina urbanas”.

Somado a isso, temos, nesse contexto, segundo Rocha (2002), a inserção de uma polícia médica, que se destaca por ações de urbanísticas, preocupando-se diretamente com a administração do espaço urbano por meio de fiscalização das edificações, melhoramentos das estradas, construção de pontes, de aterro de pântanos, calçamento de ruas, do encanamento das águas e esgotos, etc.. Segundo Guereña (2000), as elites letradas urbanas governavam propondo e guiados por uma racionalidade urbanística, que assentava-se no cuidado do corpo – em preceitos higiênicos. Segundo esses preceitos, Cunha (1986, p. 35) sinaliza que as principais armas de combate às doenças seriam os médicos e a polícia. Estes seriam os responsáveis pelas disciplinas urbanas, que enfrentaram a “resistência de seus destinatários” – população menos abastada.

Frei Pedro Sinzig ressalta que a situação dos freis franciscanos no Brasil, na virada do século XIX para o século XX, era bastante difícil, devido às constantes epidemias, derivadas principalmente da falta da higiene. Informa-nos que ora se tratava das dificuldades de trânsito e transportes pelas ruas, ora das doenças do clima ou da alimentação, ora eram as picadas de animais que levavam os franciscanos há dias ficarem em cama.

Fomos, nós, todos, provados frequentemente por alguma enfermidade, pois o clima e alimentação eram muito diferentes do que estávamos acostumados. Quasi cada um de nós cahia doente uma ou mais vez por anno, com febre que prostrava por uns oito dias. Em uma dessas ocasiões, estando de cama, recebo a visita do *Magister Clericorum*, a cujos desveios estavam confinados todos os clérigos. Era uma alma de escol, Frei Niceto Oberborbeck que, no mesmo convento, ainda tinha mais dois irmãos, franciscanos como ele. Pergunta pelo meu bem estar quando, súbito, nota em minha physionomia expressão de terror. É que meu olhar se fixara n’um ponto preto, bastante grande, da parede opposta, onde nitidamente se destacava do alvor numa grande aranha, dessas venenosas, cuja mordedura significa a morte (SINZIG, 1917, p. 104).

**Preceitos higienicos**

As pessoas calvas podem sem inconveniente usar todos os tonicos annunciados, visto não terem mais cabellos que possam ser destruidos.

Nas dôres de dentes rebeldes não tem provado bem collocar-se o doente de cabeça para baixo.

A civilidade manda que não se retirem os temperos do prato por saber que elles já produziram o seu máu effeito na panella.

Nos guarda-comidas deve ser cuidadosamente vedada a entrada ás moscas, formigas e baratas ; não, porem, por letreiro, porque esses insectos não sabem ler.

As pessoas que soffrem de erupções não devem trazer as unhas muito longas.

As amas de leite só devem ser escolhidas entre mulheres que tenham dado á luz.

O uso da touca para as cosinheiras não é, como muita gente suppõe, para enfeitá-las, mas para evitar a intoxicação capillar dos alimentos.

Não ha inconveniente em se usar o mesmo sabonete para todas as partes do corpo.

Os homens cuja glandula thyroide seja demasiado volumosa só devem usar collarinhos abertos. A ablação da glandula não é conveniente.

Os folles não podem em caso algum substituir as seringas.

DR. SÁ BICHÃO

**Critica feminina**

Commentario de uma rapariga de vinte annos, ao ler um dos ultimos capitulos de um romance moderno :

— Ora esta ! só mesmo de romancista. Pois não é que toma por assumpto, uma mulher que despreza um velho millionario, e que corresponde a um rival d'este, modesto, intelligente, pobre !.. Meu Deus ! como os litteratos desconhecem as mulheres !

**Figura 16: Educação do corpo e higienismo – cuidados do corpo.** A imagem refere-se aos preceitos higiênicos que indicavam comportamentos a serem observados para adoção de um corpo saudável, própria da racionalidade para convivência no espaço urbano. Esta racionalidade do corpo e higienismo como uma atitude individual está presente nas obras do Frei Pedro. Como exemplo, sinalizamos a queima de roupas por pessoas infectadas por moléstias contagiosas como uma atitude a ser tomada: “Varremos, portanto, os restos de pannos das roupas ajuntando-os em quatro grandes montões e ateando-lhes fogo”. (SINZIG, 1917, p.198).

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1914, nº 321, ano VII.



Cabe ainda ressaltar:

Attendendo, porém, às condições de viagem, o pessimo estado dos caminhos, a escuridão da noite, as manhas das bestas de montaria, os rios frequentes cheios, as ponte podres ou já cahidas, os numerosos caminhos e pântanos a atravessar, e outros perigos em mar e terra, não compreendo que não tivéssemos perdido nenhum religioso por um desastre, restando-me só, como uma aceitavel, a protecção da Divina Providencia. Não foi debalde a invocação cotidiana franciscana, dos santos Anjos da Guarda. (SINZIG, 1917, p. 222)

Portanto, os séculos XIX e XX são marcados por uma dada concepção de educação do corpo, pautada em medidas higienistas, como instrumento de formação do cidadão e civilidade, onde o espaço urbano torna-se arena para encenação do higienismo, de forma a intervir sobre o indivíduo, esquadrinhando o espaço que ele habita, ao mesmo tempo, disciplinando seu corpo, física e moralmente. Nesse sentido essas práticas visavam gerar trabalhadores disciplinados e com saúde, ou seja, era um apelo para os bons e saudáveis hábitos, no cotidiano no espaço urbano. A este apelo, acentuamos a permanência de indicativos a saúde, chamado de “preceitos higienicos”, em meios a propaganda, anúncios ou mesmo noticias em periódicos.

O trabalho missionário de Frei Pedro Sinzig no Brasil é repleto de questões de ordem sanitária. Evidenciamos as questões sanitárias relativas às condutas referentes ao corpo em estado de óbito, no que tange, principalmente, ao seu enterro. Pois ao chegar ao Brasil, em 1893, depara-se com uma dinâmica bastante crítica em relação ao enterro dos corpos. O fato é que, em alguns conventos, a parte denominada de claustro<sup>39</sup> era convertida em cemitério pela população, de forma que os corpos eram expostos, amontoados a “pê-le-mêle”<sup>40</sup> (SINZIG, 1917, p. 104). Frei destaca: “[...] foi um trabalho insano preparar covas, enterrar os crânios, ossos e cadáveres ainda inteiros, e facultar, aos poucos, condições mais dignas e mais salubres” (SINZIG, 1917, p. 104). Com isso, Sinzig tem que tratar de questões de ordem pública sanitária, tendo que educar sobre o enterro dos corpos, quando em óbito, de modo que não somente fossem

---

<sup>39</sup>Claustro é a parte da arquitetura religiosa de mosteiros, conventos, catedrais e abadias que consiste tipicamente de quatro corredores a formar um quadrilátero, tendo por norma contar com um jardim no meio.

<sup>40</sup>Em desordem; a esmo; na mais completa bagunça.

enterrados, mas que não os colocassem em covas, em número superior a três pessoas, como uma ação sanitária de prevenção para a saúde. Portanto, Sinzig destaca que o serviço missionário católico, nesse período, se misturava aos serviços de “coveiro” (SINZIG, 1917, p. 103). Não somente isso, mas deixa claro uma relação bastante próxima entre a execução do sacerdotismo católico e as questões de saúde/higiene de forma bastante intensa, por isso salienta que

Os religiosos franciscanos de Petrópolis não podem se queixar-se de falta de trabalho. As chamadas a doentes são frequentíssimas, e as distâncias na cidade, estendidas sobre vastíssimo terreno, bastante grande. O número de sacerdotes para cura d’almas é tão exíguo que, com regularidade, também os professores de theologia e os da Escola Gratuita devem carregar-se de aparte deste trabalho. (SINZIG, 1917, p. 290)

As questões de como lidar com o corpo em seu estado de óbito, foi uma questão tratada pelo Frei Pedro. Constantemente, identificamos sua atuação, no sentido de orientar como e onde os mortos deveriam ser enterrados. Nesse sentido, flagramos em alguns casos, na Guerra dos Canudos, corpos sendo lançados ao mato (SINZIG, 1917, p. 181) ou às vezes, levados nos braços pelo próprio sacerdote católico ao cemitério: “Fiquei envergonhado; o enterro foi tão simples como às condições o permitiam. Não havendo caixões, tomei o cadáver nos braços e puz-me a caminho do cemitério, seguido por Frei Gabriel e um camponez, fazendo as orações de costume e enterrando a infeliz” (SINZIG, 1917, p. 198).

Essa prática de levar os corpos nos braços até o cemitério, que sempre representava certa distância, parece-nos frequente nos escritos do Frei Pedro, de forma que, em alguns momentos, mesmo com a disposição de meios transportes, tais praticas era adotadas (SINZIG, 1917, p. 237).

A esse respeito, ressaltamos que essas questões de sepulturas nas igrejas e cemitérios eram bastante criticas em finais do século XIX e início do XX. Segundo Machado (1978, p. 163), existiam orientações por parte do poder público indicando uma referente à maneira como os corpos deveriam ser sepultados:



*O caixão que encerra o cadaver de D<sup>a</sup> Edina*

**Figura 17: Higiênismo: enterro.** As imagens em destaque referem-me a morte de uma mulher, Dona Edina, possivelmente pelo seu próprio marido, um oficial militar. Nosso destaque a estas imagens se fazem no sentido de evidenciar a presença de sepultura individual com aterro, para colocação do corpo em estado de óbito, além da presença de caixão e a condução do sepultamento (colocação no buraco) por meio de correntes e não diretamente em mãos.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1914, n. 312, ano VII.

Também as sepulturas das igrejas e o cemitério a Santa Casa de Misericórdia, onde os corpos amontoados estão quase a descoberto, infeccionam o ar da cidade. Aconselha-se o estabelecimento fora da cidade, à criação de sepulturas para um, dois ou no máximo três corpos e a observação do tempo de extinção dos cadáveres para que não sejam revolvidas carnes em putrefação.

Convém enfatizar que na Bahia, especificamente na Guerra dos Canudos, havia uma epidemia de varíola que se alastrava por entre a população, e fora dela. O medo da varíola causava espanto nas pessoas, chegando ao ponto de não se permitir que as vítimas fatais de tal doença fossem enterradas no mesmo cemitério, além da presença de práticas como: isolamento do infectado, queima de estrume de vacas nas portas principais das cabanas e o porte de estrume queimado nas mãos (SINZIG, 1917, p. 181).

As cousas vão de mal a peor. Para cumulo das desgraças, irrompeu a epidemia da varíola. Triste sorte! Até pelos próprios parentes, são os variolosos deixados em completo abandono. Hoje um individuo trouxe-nos o seu pae atacado pelo mal, retirando-se em seguida a toda pressa. O medo da varíola sobe dia a dia. Hoje um grande alvoroço por causa de uma mulher que falleceu de varíola (SINZIG, 1917, p. 182).

Acerca desse medo e espanto quanto aos efeitos que doença causava e poderia causar a toda população, Frei Pedro Sinzig relatou que tal era o medo, que em alguns momentos teve que vacinar a população duplamente, apenas como medida psicológica de segurança: “Para inspirar confiança às pessoas daqui, fizemo-nos vaccinar novamente” (SINZIG, 1917, p. 181).

Nesse sentido, Sevckenko (1983, p. 28) nos informa que, dentre todas as dificuldades existentes em meados do século XIX para o século XX, na Primeira República, “o que era de mais terrível” era o medo das doenças somado à possibilidade de uma contaminação geral da população, não só pela população, mas principalmente pelas elites letradas urbanas, conforme expôs na obra *Revolta da vacina*.

Frei Pedro Sinzig aponta que, em parte, a contaminação sofrida advinha do próprio ar que respiravam, e que uma alternativa para solução era a de queimar roupas, formando vários montes de roupa e restos de panos ditos contaminados e atear fogo, como medida de preservação e prevenção em matéria de saúde (SINZIG, 1917, p. 199). Frei Pedro Sinzig propõe que tais condutas eram realizadas publicamente, com a finalidade de educar exemplarmente para comportamentos saudáveis.

Contudo, não se furtou ele próprio de tornar-se vítima, em 1895, teve uma “febre fiel” e enfrentou os poucos recursos hospitalares. Frei relata que uma das ações dos franciscanos era, de fato, atuar no ambiente sanitário da Bahia. Insiste que o estado sanitário do convento da Bahia estava deplorável, a ponto de transferir todos os freis ocupantes naquele momento para os conventos Cayrú e Passaguassú, estes desocupados, para que pudessem tratar do convento da Bahia com medidas de mata-micróbios via vapor químico, sob fiscalização da repartição da higiene pública. Frei Pedro Sinzig destaca que, neste contexto, a presença do médico sanitarista era sempre bem vista (SINZIG, 1917, p. 110).

A falta de medidas sanitárias era um destaque consequente não só para o Frei, mas também para todos que estavam ao seu redor. Ao relatar a enfermidade do Frei José, homem a quem chama de “confrade” e “companheiros de classe”, Frei Pedro expõe a difícil situação vivida quando uma mosca verde deposita seus ovos no ouvido de seu confrade, sendo retiradas vinte e três larvas, num extenso sofrimento, para que então houvesse uma exclamação de alívio (SINZIG, 1917, p. 134).

Cabe salientar que essas medidas higienistas de educação do corpo, encontravam guarida no espaço urbano como um todo, voltando-se também para as escolas. Nesse sentido, Frago (2000) sinaliza que na virada do século XIX para o XX, esse tipo de educação do corpo invadia o ambiente escolar. Para o autor

Higiene, salud y educación han estado unidas desde los orígenes de la humanidad. Esta relación tan estrecha ha revestido formas e intensidades diferentes. La aparición del movimiento higienista, a mediados del siglo XIX, los cambios sociales y educativos ligados al proceso de escolarización, que tuvieron lugar en dicho siglo y en la primera mitad del siglo XX, y el estudio científico de la infancia, desarrollado en el período de entre siglos, propiciaron la creación de profesiones o especialidades fisiológicas, la proliferación de revistas, libros y folletos y la celebración de congresos, así como la aprobación de disposiciones legales sobre estos temas y la acción pública y privada. (FRAGO, 2000, p. 9)

Rocha (1978) exemplifica como tal fato pode ser constatado na escola daquela época:

Fazendo desfilar a classe diante de si, o professor deveria esquadriñar o corpo de cada aluno, examinando-lhe as mãos, unhas, cabelos, orelhas e ainda as roupas e os sapatos. Marcar a importância do asseio, explicar minuciosamente em que consiste, incentivar a repetição das noções, examinar acuradamente, chamando a atenção

para as falhas e louvando os acertos – são os elementos que compõem essa prática, por meio da qual se busca conformar os corpos e gestos das crianças. (ROCHA, 2002, p. 251)

Nesse sentido, Guereña (2000, p. 50) assinala que esse período aflora pela necessidade de desenvolvimento de uma “sensibilidad higiénica”, a qual será refletida na educação, através de guias de higiene da disciplinada economia doméstica e de manuais de urbanidade, presentes nas escolas, já que higiene e urbanidade estavam diretamente relacionadas. A urbanidade era desenvolvida ao mesmo tempo que as questões morais: “insistia em la necesidad de ejercitar las facultades morales enseñando paciencia, sobriedad, valor, docilidad, junto com la higiene personal – el aseo y la limpieza infantil”.

Portanto, essa sensibilidade higiênica, proposta por Guereña (2000, p. 4), segundo Ferreira (2003), aparece como uma dada “tendência” na área médica, em finais do século XIX, onde a criança é tomada como objeto de interesse de estudos, através da apresentação de dissertações com o tema higiene, visando-se a uma infância mais tardia, mediante orientações sobre higiene.

No final do século XIX e no princípio do seguinte, o campo médico parecia querer tudo o que dissesse respeito à qualidade de vida de cada pessoa. Por ele perpassam interpelações discursivas biológicas, psicológicas e sociológicas tendentes a formalizar a compreensão totalizadora sobre o indivíduo e, principalmente, sobre a natureza e as composições de seu desenvolvimento. A intervenção do saber médico sobre aspectos inerentes ao fenômeno da escolarização de então decorre desta colocação algo tendencialmente hegemônica em que se posicionava a medicina da época (FERREIRA, 2003, p. 5).

Assim, é possível notar que as percepções de corpo de Frei Pedro Sinzig dialogam com os ideais de um corpo higienizado, ligado a uma rede de signos e representações que destacavam a higiene como requisito para a vida civilizada, demonstrada através de condutas exteriores, geradas, sobretudo, no espaço urbano. Através da educação, submetia-se o corpo a padrões de higiene. Com isso, intencionava-se expor, ou mesmo exibir as potencialidades do higienismo, que seria capaz de transformar o modo de vida da sociedade, ao implantar novos valores, pela inserção ativa de ritos da saúde, capazes de curar as doenças da pobreza, do atraso e da ignorância. Assim, a educação do corpo por meio do higienismo era um ideal a ser

seguido, buscando transformar a sociedade. Nesse sentido, temos a presença emergente e constante de propagandas e produtos farmacêuticos, destinados a prevenção e cura das mais diferentes doenças. É digno de nota, que a indústria farmacêutica se organiza e ganha visibilidade no mercado mundial, justamente na virada do século XIX para século XX.

## 2.2. Educação do corpo e trabalho

Na perspectiva de educação do corpo endossada por Frei Pedro Sinzig, o trabalho não é somente uma ação em si, mas deve ser interiorizado como uma virtude social, ou seja, o corpo que trabalha está em conformidade com a sociedade da virada do século XIX para o XX. Em contrapartida, o ócio, a vadiagem, a preguiça são relacionadas por Frei Pedro Sinzig, como signo de miséria (SINZIG, 1917, p. 148). Ele demonstra que a educação do corpo para o trabalho está em perfeita conformação com o sistema republicano recém-inaugurado, a ponto de que, fora da República, “[...] nem é preciso trabalhar” (SINZIG, 1917, p. 150).

O trabalho é considerado, no caso da Igreja Católica do período, como uma forma de redimir os pecadores dos seus erros, e deve estar acompanhado da obediência às autoridades (SINZIG, 1917, p. 156). Os trabalhadores virtuosos são chamados de “civilizados” (SINZIG, 1917, p. 157). Associado a isso, como princípio cristão, a obediência às autoridades é tratada como dever cristão a ser observado:

1 Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas.

2 Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se opondo contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos.

3 Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser por aqueles que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá.

4 Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas, se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal.

5 Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência.

6 É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho.

7 Deem a cada um o que lhe é devido: se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra (Rm. 13, 1-7).

Esse princípio cristão, de sujeição à autoridade, era fortemente enfatizado por Frei Pedro Sinzig, para aceitação do sistema republicano. Dessa forma, a pregação da obediência pela Igreja Católica, ia ao encontro do fortalecimento da obediência às autoridades instituídas na República. Nessa perspectiva de obediência, Frei Pedro enfatiza:

Senhor, repliquei eu, si é catholico, deve considerar que a Egreja condena as revoltas, e, acatando todas as formas de Governo, - ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus. E' assim em toda a parte. A França, que é uma das principais nações da Europa, foi monarchia, por muitos séculos; mas há mais de 20 annos é republica; e todo o povo, sem excepção dos manrchistas de lá, obedece ás autoridades e ás leis do Governo (SINZIG, 1917, p. 149).

Ainda mais

Fóra essas ligeiras interrupções, a missão correu bem até o quarto dia, em que preguei sobre o dever a obdiencia á autoridade, e fiz, ver que, sendo a republica o governo constituído no Brasil, todos os cidadãos, inclusive os que tiverem convicções contrárias, deviam reconhecê-lo e respeitá-lo. Observei que, nesse sentido já se pronunciara o Summo Pontifice, recommendando a concórdia dos catholicos brasileiros com o Poder Civil; e conclui declarando que, se persistirem em desobedecer e hostilizar um Governo, que o povo quase na sua totalidade acceitára, não fizesse da religião pretexto ou capa de seus ódios e caprichos, porque a Egreja Catolica não é, nem nunca será, solidaria com instrumentos de paixões e interesses particulares, ou com perturbadores da ordem publica. (SINZIG, 1917, p. 152)

Segundo Passos e Delgado (2005, p. 49), a presença da Igreja Católica, no que tange à articulação entre fé e república, foi marcante na história brasileira, pois o poder da igreja expressava-se justamente nessa capacidade de “agregar” os preceitos da igreja aos do “cidadão”, que, nesse momento, se idealizava sob os preceitos da república. Essa representação religiosa se fazia, principalmente, pelo fato de a igreja ter uma participação muito forte na esfera social e no controle de diversas camadas sociais, como atestam registros eclesiais.

Ademais, essa sujeição da população ao regime republicano se faz, para Frei Pedro Sinzig, na busca da consolidação do trabalho como uma virtude, mas também



como uma virtude necessária tanto para desenvolvimento da fé, enquanto doutrina, como para a civilidade do cidadão no espaço urbano, pois ambos se entrecruzam e entrelaçam, de forma indissociável. Assim, percebemos a entrada em cena de um interesse por uma educação do corpo voltada ao trabalho, sujeito às leis da República, identificado como ideal à convivência no espaço urbano e ao desenvolvimento da fé católica, na perspectiva do qual o corpo deve voltar-se ao trabalho e não ao ócio. A ociosidade era vista pela Igreja Católica responsável por acarretar males à sociedade, por inúmeras vezes, o ócio é associado a prazeres ilusórios e perniciosos.

A esse respeito, Sinzig nos dá informações de promessas que eram feitas por “alliciadores” adeptos de Canudos, que persuadiam a população, propondo que fora do regime republicano não haveria necessidade do trabalho, ao contrário, haveria uma “[...] terra da promessa, onde corre um rio de leite, e são de cuscuz de milho os barrancos” (SINZIG, 1917, p. 150). Com isso, Sinzig utiliza-se de alimentos tão típicos da culinária baiana (cuscuz de milho), demonstrando que o ócio é ilusório e deve ser condenado, pois se associa à pobreza, enquanto o trabalho é apresentado como opção para aqueles que se redimissem do erro de Canudos, aceitando o regime republicano.

Chegados ao côro, aproveitei a ocasião de estarmos quase sós, e disse-lhe, que o fim a que ia era todo de paz, e que assim muito extranhava só enxergar ali homens armados; e não podia deixar de condemnar que se reunissem num lugar tão pobre tantas famílias entregues á ociosidade, e num abandono e miseria taes, que diariamente se davam de oito a nove óbitos. Por isso, de ordem em nome do Sr. Arcebispo, ia abrir uma santa missão, e aconselhar o povo a dispersar-se, e a voltar aos lares e ao trabalho, no interesse de cada um para o bem geral. (SINZIG, 1917, p. 148)



**Figura 18: Educação do corpo e trabalho.** As imagens destacam uma educação do corpo ao trabalho, onde as pessoas no interior e exterior de comércios são apresentadas com diferentes vestimentas, entre aqueles que possivelmente são proprietários, e aqueles que são trabalhadores, diferenciados pelo avental branco e terno preto. São também sinalizados na imagem, pessoas em frente das empresas, atrás de balcões, ao lado de máquinas, onde o indivíduo é submetido a uma racionalidade economicamente produtiva. Assim, esta imagem é tomada como vestígios de uma identidade social da educação do corpo para o trabalho.

Fonte: FON FON, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1914, n. 33, ano XVIII.

Machado (1978, p. 169) acentua que a ociosidade era combatida, por considerarem-na responsável por muitos vícios, que acarretavam muitos “males à sociedade”, e que uma das estratégias para minimizá-las era o oferecimento, por parte da República, de trabalho à população. Cunha (1986) enfatiza que o trabalho era um desafio a ser enfrentado às multidões no espaço urbano, que, segundo Rago (1985), era permeado pela idealização de formação de uma nova figura de trabalhador, desejava-se um trabalhador dócil e economicamente produtivo. Também destaca, que esse processo de formação de um trabalhador dócil, submisso e produtivo, é atravessado por tensões e conflitos. A esse respeito, nos ocuparemos no próximo capítulo desta pesquisa.

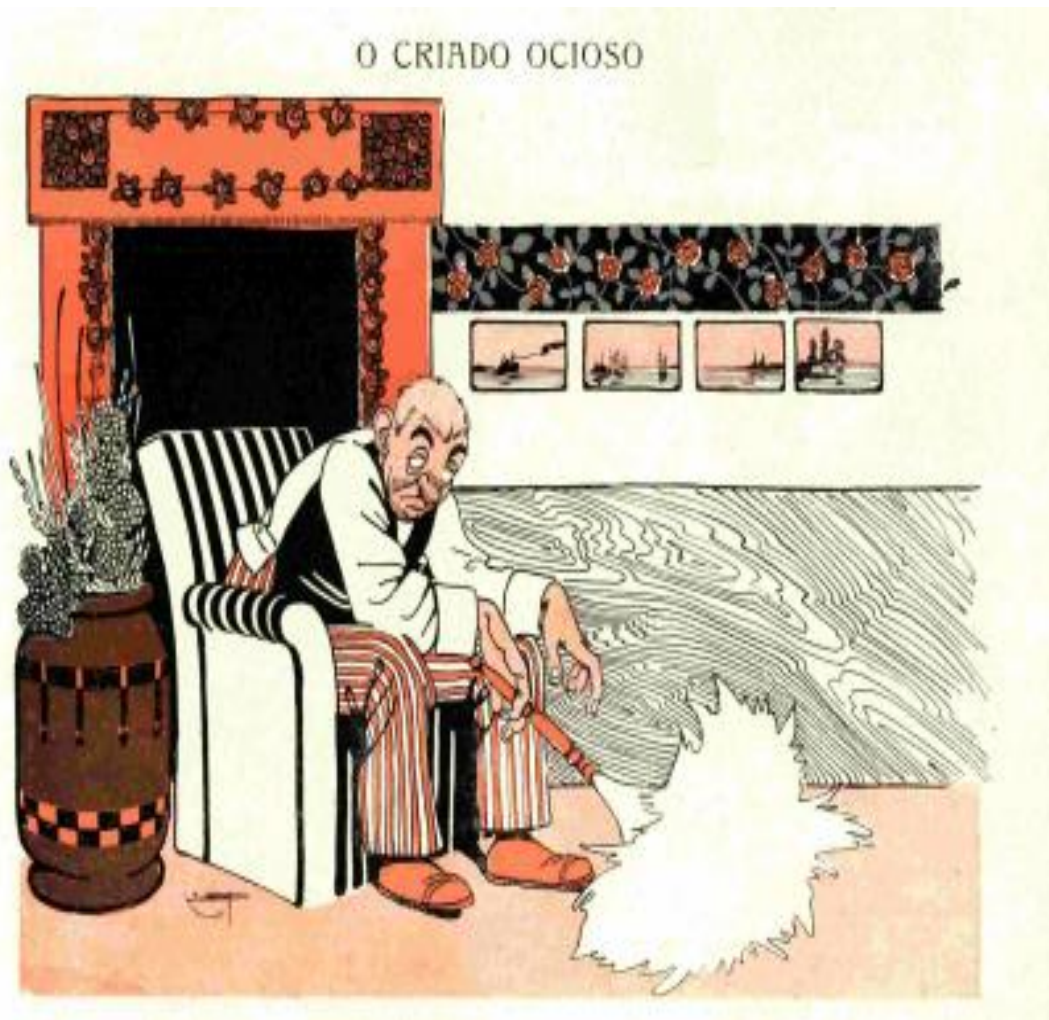
Nesse sentido, a ociosidade não encontrava guarida na concepção de educação do corpo de Frei Pedro Sinzig, pois convém lembrar que no espaço urbano há uma proposta de estranhamento em relação à ociosidade, pois nela, há presença da inutilidade, que contradiz com a idealização de um tempo que deve ser útil<sup>41</sup>. Dessa forma, o lazer se torna algo específico e próprio, para aqueles que agora se submetem a um tempo linear e cronológico (THOMPSON, 1998).

Cabe sinalizar, que a imagem do ocioso, é posta em relevo como alguém abatido, isolado, velho e cansado, contradizendo a ótica do trabalho e da racionalidade do trabalho.

Paradoxalmente, o trabalho é associado ao controle do tempo, sob a ótica de um aproveitamento necessário para a convivência urbana. Esse aproveitamento do tempo é percebido nas memórias do Frei, quando destaca a necessidade da observância da pontualidade nas missas; com isso, Sinzig propõe que a pontualidade do tempo era marca de uma educação do corpo que emergia no espaço urbano na modernidade. Portanto, estar fora desse controle do tempo era sinônimo de ócio, ademais, esse controle do tempo era possível pelo uso do relógio. Cabe enfatizar que, segundo Thompson (1998, p. 279), a “difusão geral dos relógios” tem a ver com a sincronização da rotina do trabalho com as demais esferas da vida social.

---

<sup>41</sup>Quando nos referimos à utilidade ou controle do tempo, estamos nos apropriando dos conceitos de Thompson (1998, p. 298) de “tempo útil”, já tratados na Introdução e no Capítulo 1 desta pesquisa.



**Figura 19: Educação do corpo e trabalho – condenação do ócio.** A imagem reafirma a pertinência de um corpo dado ao trabalho; em contrapartida, o ócio é tido como signo de miséria, causador de muitos vícios e males à sociedade (MACHADO, 1978).

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1914, n. 307, ano VII.

A ultima hora... a ultima meia hora... o ultimo quarto de hora... Como os minutos passam de vagar! Puxo o relógio pela centésima vez... Não querem andar esses ponteiros... Levanto-o ao ouvido. Estaria parado? Não é possível que vá tão de vagar. Mas não, o tic-tac é regular como sempre (SINZIG, 1917, p. 282).

A pontualidade e regularidade do trabalho, por vezes, era motivo de exortação à população nas missas de Frei Pedro Sinzig.

Percebemos que as mudanças do senso do tempo estão presentes na República e na Igreja, acarretando alteração nos hábitos urbanos, e estímulos para a vida moderna, pois o relógio e o trabalho estavam em correlação (SEVCENKO, 1987).

Tão fortes são as exigências de um corpo que produz sob a racionalidade do trabalho, que algumas atividades recreativas não eram bem vistas, mesmo apresentando um corpo dito perfeito esteticamente, como é o caso do corpo circense, que, apesar de toda aceitação do século XIX, principalmente pelas crianças, carregava o reflexo de um corpo não produtivo. O próprio frei aponta grande interesse pelas acrobacias existentes no circo e pelo fascínio que este produzia às pessoas, principalmente nas crianças.

Tão mágica era a influencia que o circo exercia sobre o mundo infantil, que por semanas inteiras nos punham a imitar as acrobacias ali admiradas. Um camaradasinha chegou a perfeição de manter-se n'uma vara ou corda, de cabeça para baixo, nos dedos dos pés e mesmo no calcanhar, o que não pouco fazia crescer a sua reputação em nosso meio (SINZIG, 1917, p. 24).

Grande era o fascínio pelo corpo perfeito apresentado em diferentes circunstâncias e movimentos no circo, mas que não demonstrava utilidade ao trabalho, e, por isso, estava sujeito ao questionamento, pois, na realidade circense, o corpo era apenas um demonstrativo, e havia pouca ligação associada à questão da produtividade. Nesse sentido, Soares (2002, p. 25) propõe que:

Estes artistas viviam na contramão, fora da ideia de utilidade de ações. O seu mundo era desinteressado. Suas vidas faziam-se mais de trajetos do que de lugares a se chegar e, assim, desterritorializavam a ordem do espaço. Suas apresentações aproveitavam dias de festas, feiras, mantendo uma tradição de representar e de apresentar-se nos lugares

Divisa da casa :  
GANHAR POUCO  
PARA  
VENDER MUITO  
Estado do  
Espírito Santo




**"A ECONOMICA"**  
Rua Primeiro de Março 29—VICTORIA  
Esquina da Ladeira da Misericórdia, 1  
**Ulysses Gonçalves Cypreste**  
Tem sempre um lindo sortimento  
de fazendas, armarinho, roupas  
feitas, calçados, chapéus, etc., etc.

**FABRICA ADELAIDE — Ferraduras e Pontas de Paris**



PROPRIETARIOS  
**BRUNOW & SAAGER** SANTA LEOPOLDINA  
ESTADO DO ESPIRITO SANTO — BRAZIL

**Figura 20: Educação do corpo e trabalho – racionalidade capitalista.** A imagem realça a presença da fábrica com os trabalhadores, misturados entre as máquinas, sob constante produção no espaço urbano, acentuando a racionalidade capitalista industrial.

Fonte: FON FON, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1914, nº 33, ano XVIII.

onde houvesse concentração de pessoas do povo. Artistas, estrangeiros, errantes. Situados no limite da marginalidade fascinavam as pessoas em vida metrificadas e fixas. Eram ao mesmo tempo elementos de barbárie e de civilização nos lugares por onde passavam. “Bárbaros: nômades, sem vínculos sociais fixos, quase vagabundos”.

Dessa forma, opunha-se aos ideais de um corpo que a ciência preconizava construir, e que a República requeria e que a Igreja idealizava. Percebemos, com isso, o paradoxo vivido por Frei Pedro Sinzig, a tensão e o conflito de um corpo útil<sup>42</sup> para o trabalho, entre um corpo estético do circo. Com isso, entendemos que o século XIX e o início do século XX, são marcados pela emergência de um corpo útil, que se sujeita ao trabalho enquanto uma virtude a ser imitada, observada e exemplificada. No mesmo sentido, quando Soares (2002) mostra a realidade das artes circenses no século XIX, que traziam imagens, risos e entretenimentos, através dos deslocamentos por vilas e cidades, mostra que apesar de todo o significado de libertação do espontâneo, que foi aprisionado pelo saber científico e também do anômalo, o corpo circense era exibido e demonstrado de forma risonha, como o anão, o acrobata, o palhaço e a bailarina, porém não se voltava para a utilidade produtiva, como pressupostos de uma racionalidade fabril, pois a atividade fora do mundo do trabalho urbano, metódico e racional, causava “[...] constante receio [dada a] constatação de que o universo gestual próprio do circo apresentava uma total ausência de utilidade” (SOARES, 2002, p. 24).

Nas suas indicações de leituras, *Através dos Romances* (1915), Sinzig aponta a restrição de algumas leituras; como exemplo, citamos as obras do autor Enrique Perez Escrich<sup>43</sup>, em especial *Rico e pobre*, em que a educação do corpo para o trabalho não é percebida pelo Frei, ao contrário, o corpo é associado à “traição” e aos “prazeres noturnos” (SINZIG, 1915, p. 282).

Portanto, a educação do corpo para o trabalho relaciona-se ao exercício contínuo e permanente do corpo para a produção, que só pode ser executado quando for para isso

---

<sup>42</sup>Ao nos referirmos a um corpo útil, estamos nos apropriando dos conceitos de Foucault (2011, p. 131), ao se referir aos “corpos dóceis” como um corpo que pode ser “submetido”, “utilizado”, “transformado” e “aperfeiçoado”, com a finalidade de inserção no espaço urbano para o trabalho, sob a idealização de uma elite letrada na virada do século XIX para século XX, o qual, segundo Rago (1985, p. 17), deveria ser condicionado a uma “submissão sem objeção”.

<sup>43</sup>Enrique Perez Escrich foi um popular escritor romancista e dramaturgo espanhol nascido em Valência em 1829 e falecido em 1897 na cidade de Madrid.

educado. Nesse sentido, o corpo de que tratamos na relação com as obras de Frei Pedro, se mostra como aquele que deve ser educado objetivando a disciplina e aptidão à produtividade, pois se consolida como algo fabricado sob uma coação calculada, com fins de utilidade. Esse corpo é submetido a um poder disciplinar que o adentra, com a finalidade de exercer sobre ele um poder que, de forma sutil, é capaz de utilizar toda sua força para torná-lo economicamente produtivo (FOUCAULT, 2011, p. 133).

Os princípios da educação do corpo para o trabalho são tão fortes nas memórias de Sinzig, que nem mesmo sua própria vocação, enquanto sacerdócio católico, escapa. Sua pergunta é: qual a utilidade da vocação sacerdotal à sociedade? (SINZIG, 1917, p. 46). Essa pergunta não é feita num sentido simplesmente vocacional, mas de utilidade, ou seja, de trabalho produtivo. Num outro momento, quando percebe a dificuldade de seus pais diante de limitações econômicas, ao ponto de que seus estudos passam a estar em jogo, afirma: como poderia ser “[...] útil a meus pais” (SINZIG, 1917, p. 45). Assim, podemos perceber que Sinzig busca educar um corpo que se apresenta, no espaço urbano, como um lugar de expressão do corpo dócil (FOUCAULT, 2011). Para tanto, necessita ser educado sob tais percepções, pois segundo Soares (2011, p. 22), quando um corpo é apresentado sob ideais do que deve ser buscado, sugere, então, uma “educação do corpo”. Com isso, aqueles que não se enquadram nessa racionalidade estão excluídos de uma convivência conformada no espaço urbano, sendo então tratados como marginais.

Nesse contexto, realçamos que a ideia que marca o período, é que o corpo do trabalhador sadio é uma garantia de sobrevivência ao homem que vive do trabalho, ou seja, aquele que não apresenta incapacidades físicas ou mentais. Por isso Rago (1985) destaca que a racionalidade do higienismo nos séculos XIX e XX caminhou paralelamente às concepções do trabalho. Assim, o trabalho passa a ser uma das percepções da modernidade, ligado à valorização do controle do tempo, necessária à convivência no espaço urbano.



## **CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO DO CORPO E A MORALIDADE NA RELAÇÃO COM IMAGENS IMPRESSAS NOS PERIÓDICOS *FON FON* E *CARETAS***

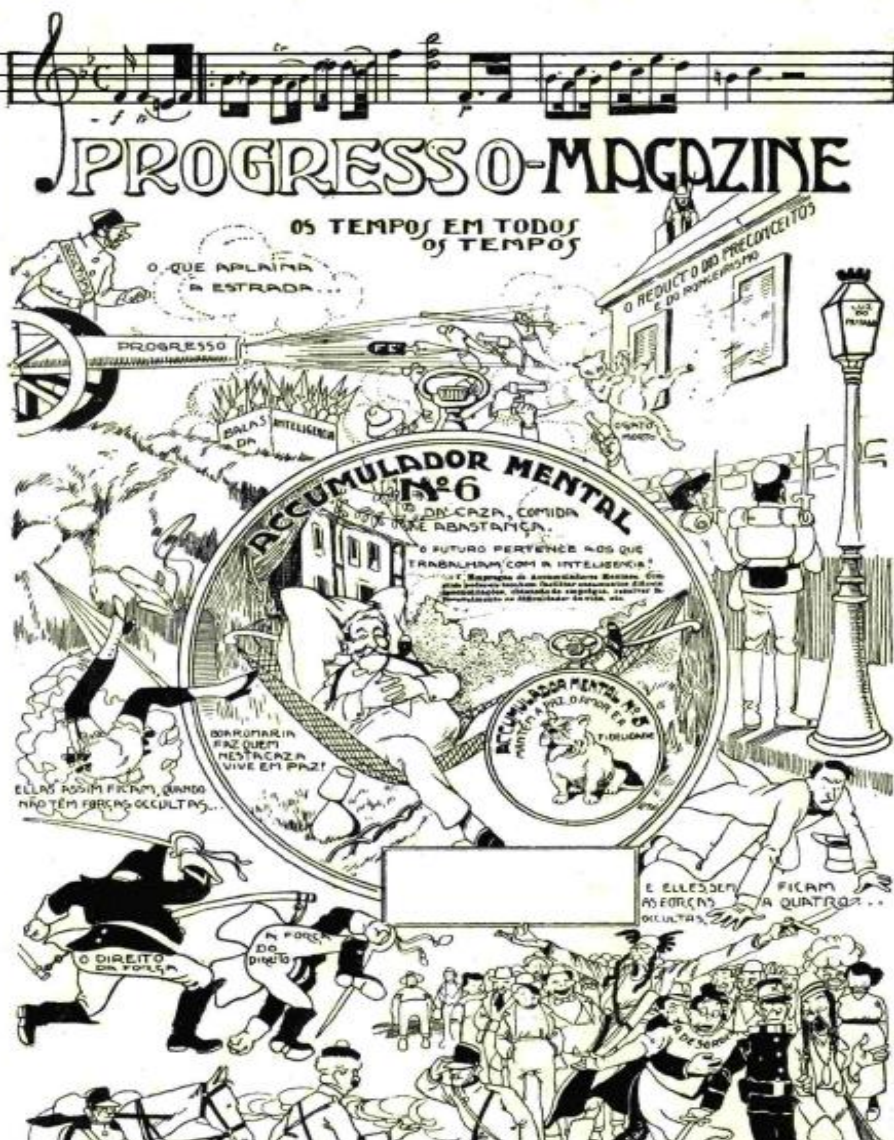
### **3.1. Educação do corpo e a moralidade nas obras de Frei Pedro Sinzig**

Após tratar de uma educação do corpo na relação com o higienismo e o trabalho, nossa intenção é focalizar neste capítulo, a educação moral do corpo para o espaço urbano, privilegiando *Atraves dos Romances* (1915) e *Reminiscencias d'um Frade* (1917). Nessa perspectiva de moralização para o espaço urbano, Sinzig destaca o que entende como moralidade, que, para ele, tem a ver com ações interiorizadas, que se refletem no convívio social urbano, visando determinados comportamentos aceitáveis a sociedade, ensinados e apreendidos nas escolas, na igreja, na família, e em diferentes espaços de sociabilidades. Como exemplo, citamos o pudor, relacionado a despir-se em público. Para Frei Pedro Sinzig, ficar nu, mesmo as crianças, era um “escanda-lo gravíssimo (SINZIG, 1917, p. 51). Nesse sentido, ao indicar um indivíduo nu na capa de livro, Sinzig propõe “fogo com o livro” (SINZIG, 1917, p. 356). Ainda sobre o pudor, ele destaca que a família e a escola tinham funções de educar para uma dada moralidade, aceitável para convivência no espaço urbano, de forma que para Frei Pedro, aqueles corpos que não se conformavam ao modelo de pudor, faltam-lhes a “moral” (SINZIG, 1917, p. 51).

Cabe salientar que as questões de ordem moral nesse período, segundo Cunha (1986, p. 23) impunham, sobre o espaço urbano, a necessidade de “normalização” e “adestramento” das populações como algo que de fato afligia os contemporâneos e que essa “normalização”, ou mesmo esse “adestramento”, era consequência de uma concentração no espaço urbano, produzida principalmente por uma “massa despossuidora”, diante da nova percepção da pobreza, que, de virtuosa e próxima de Deus, passa a ser percebida como ameaçadora e perigosa. Assim, a população, segundo Machado (1978, p. 183), é vista como “portadora de perigo”, fruto de um comportamento desregrado. Ainda sobre isso, Cunha (1986, p. 24) destaca que o principal desafio do período, maior que o próprio desafio de produção e capital, era o de propor uma dada normalidade social, que assentasse uma população, “sem rosto e sem destino”.

# GANHAR DINHEIRO FACILMENTE?

Tendes algum desejo que, apesar de vosso esforço, não conseguis realizar? Sois infeliz em vossa família ou em commercio? Precisaes descobrir alguma coisa que vos preocupa? Fazer voltar para vossa companhia alguém que se tenha separado? Curar vicio de bebida, jogo, sensualismo, ou alguma molestia? Destruir algum maleficio? Recuperar algum objecto que vos tenham roubado? Alcançar bom emprego ou negocio? Fazer casamento vantajoso? Revigorar a potencia? Augmentar a vista ou memoria? Adivinhar numeros da sorte? Attrair abundancia de dinheiro? Empregae os ACCUMULADORES MENTAES NUMEROS 5 E 6. Nada têm de feitiçaria ou contrario á religião. E' uma descoberta de influencia occulta da propria vontade, para dar ao magnetismo da vontade o potencial realizador, tal como o auxilio da luneta em relação á vista, ou como o phonographo que fala por causa da voz que nelle foi gravada, como a da saturação da vontade nos Accumuladores.



**Figura 21: Temas do Progresso.** A imagem destaca a dinâmica das relações sociais no espaço urbano. Tomamo-la como indício da associação do tema “progresso”, tão propagado no período, a temas como felicidade familiar; cura de vícios, tais como bebida, fumo e sensualismo; ausência de moléstias; afastamento da criminalidade; trabalho; casamento; saúde do corpo; adivinhar o número de sorte; aumentar a memória e as vistas; não contrariar a religião; etc. Nesse sentido, esta imagem esta em consonância com os temas desta pesquisa.

Fontes:

FON FON, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1914, nº 27, ano VIII.

Segundo Velloso (2003, p. 356), a organização da população nesse espaço urbano brasileiro aparece como uma “problemática principal” para o governo (p. 356). Portanto, esses “despossuidores” (CUNHA, 1986, p. 23), segundo Rago (1985, p. 18), tornaram-se foco de uma “vasta empresa moralizadora”, que pretendia formar um corpo moralizado<sup>44</sup>, que pudesse ser construída “de cima” e “do exterior”, ou seja, por meio de ações intencionadas por uma elite letrada, que refletir-se-ão até mesmo no espaço urbano, alterando as relações e as concepções desse mesmo espaço. Para tanto, nos apropriamos de Porter (1992, p. 314), quando propõe que as questões de ordem moral em finais do século XIX e início do XX, comparativamente, tinham o mesmo peso de outras questões, tais como as higienistas, conforme tratamos, visando a uma dada conformação social.

Ademais, salientamos que essa moralização, segundo Veiga (2002, p. 296), caminhava “lado a lado” dos aspectos econômicos, onde a educação tinha que combinar a formação moral para o trabalho e para o espaço urbano. Nesse sentido, corroboramos com Kuhlmann Jr. (2001, p. 183), quando sinaliza que uma “ordem moral” era constitutiva da “ordem social”; dessa forma, a educação era a chave para sua restauração. Assim, segundo Carvalho (2000, p. 105), acentuamos que esse ideal de moralização da sociedade, entremeada pela educação, não somente fazia parte da idealização da República, mas também se integrava aos ideais da Igreja Católica, que, na busca de uma recuperação do poder político da igreja, via também necessária uma “reforma moral” da sociedade brasileira do período. Pois, segundo Rodriguez (2010, p. 101), a igreja deixou o seu papel de missionária e passou a ter como objetivo “re Cristianizar” a população brasileira, que, no entendimento do Clero, com o estabelecimento da república, afastou-se da tradição cristã e estava submetida a correntes ideológicas, assim, a igreja inicia um processo autônomo de institucionalização, visando combater paralelamente correntes como positivismo e o liberalismo anticlerical, que desconheciam os valores da moral católica. Porém, para Araújo (2010, p. 99), mesmo com essa busca por uma institucionalização autônoma,

---

<sup>44</sup>Cabe enfatizar que a análise de Rago (1985, p.12) é especialmente fundamentada na relação do trabalhador com a fábrica, no início do século XX, onde tais são vistos como “selvagens” e “ignorantes”, compondo uma classe operária trabalhadora em formação nos inícios da industrialização no Brasil.

não feriu uma dada “confluência de objetivos” entre república e igreja<sup>45</sup>, pois ambos buscavam legitimação de uma dada ordem social, o que resultará, segundo Passos e Delgado (2005, p. 50), num período marcado pelo “rigorismo moral”.

Indo ao encontro desse pensamento, Sevcenko (1983, p. 22) sinaliza que as primeiras décadas do século XX, o Brasil foi marcado por toda uma carga de “energia” na busca de expansão de acervos literários que visassem conceitos bem definidos sobre moralidade, onde suas ênfases recaíssem sobre a ideia de tornarem-se guias de referência em diferentes escalas de valores, onde correntes realistas com nítidas intenções sociais, baseadas nas linguagens intelectuais características da *Belle Époque*, tais como utilitarismo, liberalismo, positivismo e humanitarismo influenciavam a literatura do período. Nesse sentido, nos apropriamos das ideias de Velloso (2003), em que o autor destaca a emergência de diferentes intelectuais, que buscam se afirmar como mediadores entre o povo e a nação, “investidos de uma missão” (p. 149), que terá como finalidade “recuperar a brasilidade” (p. 350), porém terá, como uma de suas etapas, a moralidade do povo, em suas diversas dinâmicas.

Sendo assim, Frei Pedro Sinzig poderia ser tomado como um mediador. Ao apresentar *Reminiscencias d’um Frade* (1917), mostrava quem ele era. O seu diálogo com um bibliotecário, apresentado nas páginas finais de *Reminiscencias d’um Frade* (1917), demonstra que, ao escrever essa obra, Frei Pedro, apesar dos ideais da igreja, buscava se afirmar não somente como um Frei, mas também como um intelectual da época, que refletia sobre as questões candentes de então. Posição que entendia autorizá-lo a publicar *Através dos Romances* (1915).

Cabe acentuar que temos por pressuposto que *Através dos Romances* (1915) pode ter causado um grande impacto na intelectualidade da época, pois Frei Pedro Sinzig ataca diretamente os romances, alguns inclusive brasileiros, que disseminavam de maneira muito relevante e rápida entre a sociedade e uma dada intelectualidade da época, acostumada a encontrar-se nas portas das livrarias. É bem possível, que talvez houvesse algum tipo de questionamento, referente à autoridade intelectual de Frei Pedro

---

<sup>45</sup>Segundo Passos e Delgado (2005, p. 61, 64), essa confluência de objetivos destacada por Araújo (2010, p. 99), entre igreja e república, era percebida em vários níveis, tais como a ideia de uma cultura intelectual, programas de modernização para a sociedade e cultura brasileira, princípios patrióticos, e, principalmente, os princípios morais, que, somados, tinham por objetivo combater certo socialismo ateu, mantendo a ordem e a disciplina.

Sinzig, por escrever *Através dos Romances* (1915), por outros intelectuais. Nossa suspeita se faz, principalmente, pelo fato de *Reminiscencias d'um Frade* (1917), ter sido publicado posteriormente a *Através dos Romances*. Além disso, Sinzig deixa escapar logo de início, ao realizar a dedicatória do livro ao “paciente leitor”, que a publicação de *Reminiscencias d'um Frade* (1917) aconteceu permeada de dúvidas.

Salientamos que tanto *Reminiscencias d'um Frade* (1917) como *Através dos Romances* (1915) apresentam uma conformação social, relacionada à educação do corpo, que se submete a uma dada moralidade, onde Frei Pedro Sinzig se coloca em suas obras, como sujeito e porta-voz de uma realidade sociocultural, sendo um mediador entre os interesses da Igreja e da República.

Para os apontamentos que faremos neste capítulo, inicialmente realizamos rastreamento das indicações dos 11.863 livros listados e comentados pelo Frei, por meio de verbetes, entre os 5.150 autores da 1ª edição de *Através dos Romances* (1915). Nesse processo, constatamos que o tema que mais frequentemente aparece é o da moralidade. A par desta observação, elegemos *Através dos Romances* (1915) como a obra principal do Frei, a ser salientada neste capítulo. *Reminiscencias d'um Frade* (1917) deu-nos suporte para muito das reflexões pontuadas nesta pesquisa.

Portanto, partindo do pressuposto que os romances, indicados ou não para a leitura em *Através dos Romances* (1915), passaram por uma seleção do autor<sup>46</sup>, de modo que atendessem a uma dada educação do corpo, em conformidade com o seu contexto social contemporâneo, construímos nossos apontamentos sobre a moralidade, através dos comentários de Frei Pedro Sinzig, sobre as obras ou às vezes os autores, de modo que pudéssemos ter uma visibilidade e compreensão dos motivos pela qual Frei Pedro as vetava ou indicava algumas leituras. Dessa forma, pontuamos os seus interesses e valores morais mediante seus comentários atribuídos a cada obra. Reforçamos informando que tal análise emergiu dos comentários significativos, enquanto grau de valor, que Frei Pedro Sinzig faz das obras e dos autores, que ora indica ou restringe à leitura, e não de uma análise própria do autor ou da obra referenciada.

Após termos elencado o tema moralidade como tema privilegiado deste capítulo, por sua constante frequência, tanto nas indicações como nos vetos, pontuamos outros

---

<sup>46</sup>Sangenis (2013) sinaliza que Sinzig tenha recebido apoio de outros autores, na seleção e composição de tal material, e que devido algumas contradições que aparecem no texto, talvez Sinzig possa não ter avaliado minuciosamente tal material, antes de sua publicação.

três subtemas a ele relacionados: família, criminalidade e vícios. Frei Pedro Sinzig propunha uma educação do corpo sadio para o trabalho, quanto de um corpo submetido a uma dada moralidade, profundamente marcado pelas ideais de se criar no novo indivíduo, uma “identidade moralizada” (RAGO, 1985, p. 18) que pudesse se expressar socialmente através do seu corpo.

Bem sabemos que na virada do século XIX para o XX no Brasil, na ótica de alguns contemporâneos, marcada pela degradação das massas populares, além de práticas sociais tidas como dissolutas, tais como o alcoolismo, os jogos de azar, avanço da criminalidade, além de constantes epidemias que penetram no país pelos seus portos, através de trabalhadores italianos, espanhóis, portugueses, alemães, dentre outros. Além disso, a constante presença da ameaça de greves e de movimentos sociais, que aparecem no contexto social, como portadores de demandas, além de alimentarem esperanças, de realização de anseios individuais e sociais. Nesse sentido, temos a presença dos anarquistas<sup>47</sup> e suas lutas por um mundo dito livre e justo, com o fim da exploração capitalista e política, além do fim do Estado e da hierarquização centralizadora. Em contrapartida às concepções anarquistas, a República e igreja, pressupunham a educação do corpo voltado a formação de um indivíduo dócil, submisso, produtivo e adequado a novo modelo de comportamento e de vida, para sua convivência social no espaço urbano (COSTA, SCHWARCZ, 2000; CUNHA, 1986; GONDRA; 2000; MACHADO, 1978; RAGO, 1985; SEVCENKO, 1983).

Portanto, é perfeitamente claro, que as temáticas apontadas por Frei Pedro Sinzig dialogam com o contexto social emergente na virada do século XIX, atacando diretamente as anormalidades sociais, em conformação com a Igreja Católica e a República, para uma dada educação do corpo. Como consequência, pudemos perceber não somente o que Frei Pedro propunha enquanto educação do corpo, mas também quais dinâmicas moviam a sociedade da época, que tensões e conflitos deslocavam as certezas científicas e positivistas de então.

---

<sup>47</sup>Rago (1985, p. 14) destaca que, no início do século XX, os anarquistas difundiam uma outra concepção de poder, recusando perceber a política institucional, desenvolvendo uma intensa crítica à cultura e às instituições postas, e formulando todo um processo de mudança social, que englobava todos os pequenos territórios da vida cotidiana. Propunham uma estrutura de oposição, resistentes à política, investindo contra as relações de poder onde quer que elas se manifestassem: na fábrica, na escola, na família, no bairro, na rua, etc., desvendando inúmeros mecanismos tecnológicos de dominação burguesa.

Ao referir-se à concepção de moralidade, Sinzig propõe um corpo que busca a “honestidade” como princípio, respeitando a propriedade privada, que não se sujeita a “escândalos”, que em preservação a família, não busca “amores ilícitos” e “nem impuros”, não se “apaixona irracionalmente”, que não é “pernicioso” e inconveniente, se afasta da “pornografia” em geral, não é “sensual” ao extremo, não é “atrevido”, não se “perverte”, não se submete ao adultério. Essa moralidade proposta pelo Frei Pedro, sujeita o indivíduo a não se expor “nu publicamente”<sup>48</sup>, não busca a “luxúria”, não desenvolve “costumes depravados”, que não é dado ao “erotismo excitante”, fala a “verdade” sem deturpar, não é dado aos jogos, não se sujeita a “criminalidade”, antes de tudo, busca os bons costumes<sup>49</sup>. Cabe notar que a defesa da religião católica, juntamente com a presença do protestantismo e da maçonaria, além de questões relacionadas ao patriotismo, reservam uma ênfase à parte nas obras, não contemplada nesta pesquisa, mas que nos moverá, em nossas pesquisas futuras.

Ressaltamos que os apontamentos anteriores, aparecem nas indicações e restrições de leitura em *Através dos Romances* (1915), com a intenção de sinalizar o que Frei Pedro visualizava enquanto moralidade. A exemplo, Frei Pedro sinaliza “A virgem da Polónia”, de José J. R. Bastos (SINZIG, 1915, p. 102), além das obras “Davidee Birot, Labarrière”, “De toute son ame” de René Bazin (SINZIG, 1915, p. 104), “Monderland” de Maria Elisa Belpaire (SINZIG, 1915, p. 110), do qual destaca romances que poderiam ser lidos, por serem tidos como romances “interessantes” e “moraes”. Também “Marie de Valentine Benoit”, “Le Chenin Du repentir Pauvreté”, “E’Tienne de Besancenet”, “E’tienne” de Besancenet, “Em cheminant”, “Fusains”, “Vers l’aube” de André Besson (SINZIG, 1915, p. 117), “Les demoiselles de La poste”, “Deux mariages”, Rêve de jeune, “Fille Le Roman de germaine”, “Les cacanes chez grand’mère” de Paul Bonhomme, “Aventures dun grillon”, The curious adventures of a Field”, “La gileppe, Périnette”, de Dr. Ernesto Candèze (SINZIG, 1915, p. 160), do qual destaca obras que sinalizam uma moralidade aceitável.

Ao contrario, temos o veto de obras como, “Casamento de Paris”, “O fellah”, “Germania Infame”, “Nariz d’um Tabelião”, “Rei das Montanhas”, “Rochedo Velho”,

---

<sup>48</sup> Os livros que apresentavam em suas páginas a nudez eram indicados pelo Frei a serem queimados.

<sup>49</sup> As expressões adotadas para caracterizar as virtudes morais ou imorais deste parágrafo, foram retiradas dos próprios comentários que o Frei Pedro realiza em *Através dos Romances* (1915), quando da indicação ou veto de leitura das obras.

“Tolla”, “O Turco” de Edmundo About, dos quais é associado pelo Frei Pedro Sinzig, como “infame”, “não convém”, “não recomendado”, “leitura inconveniente”, “chefe de bandidos”, “anticlerical”, “muito apaixonado” (SINZIG, 1915, p. 46). Também, “Um adultério” de Antonie Albalat, “Afarrabios”, além de “O garatuba”, “A viuvinha”, “Encarnação”, “O gaúcho”, “O Guarany”, “Iracema”, “Loiola” de José Martiniano de Alencar, considerados pelo Frei Pedro Sinzig, como imorais (SINZIG, 1915, p. 60). Também “Clemencia”, de Inácio Manuel Altamirano, “Aventuras de Victor Angerol”, de Maria Miguel Altaroche, “Contos em prosa”, de Miguel de los Santos Alvarez (SINZIG, 1915, p. 71). Também “Casa de Pensão”, “A condessa vésper”, “Girandola de amores”, “A mortalha de Alzira”, “Demonios”, “O cortiço”, “O coruja”, “O homem”, “O livro duma sogra”, “O mulato”, “Pegadas”, “Uma lagrima” de Aluisio Azevedo, considerados pelo Frei como “immoral”, “inconveniente, deslavado por vezes”, “impudico, leitura desenxabida”, “perniciosa”, “alguns são detestáveis”, “imundissimo”, rejeitem-no por inconveniente”, “é inaceitavel, offende a moral”, “incoveniente, torpe” (SINZIG, 1915, p. 89). Também, “Contos effemeros”, “Contos fora da moda”, “Contos possíveis” de Arthur Azevedo, considerados pelo Frei Pedro como “o que se pode conceber de mais pornographico”, “rejeitem-no”, “inconveniente, passagens immorales, a maior parte deles não serve”, “lastimamos no interesse da moralidade publica”, “são poucos os contos que não descem a lama do adultério ou do bordel” (SINZIG, 1915, p.90). Também “Contos fluminenses”, “Don Casmurro”, Esaú e Jacob”, “História sem data”, “A mão e a luva”, “Memorial de Ayres”, “Memorial de Braz Cubas”, “Memorias posthumas de Braz Cubas”, “Outras Reliquias”, “Páginas recolhidas”, “Papeis avulsos”, “Quincas Borba”, “Várias historias”, de Machado de Assis, dos quais Sinzig referencia como “não ousamos recomendar”, “romance bizarro”, “passagens inconvenientes”, “paginas inconvenientes e nocivas”, “a moral deixa a desejar”, “exhaustiva e não pode ser recomendada a todos”, “amores ilícitos, adultérios” (SINZIG, 1915, p. 142). Também “Bilelia do amor”, “A burla do casamento”, “Hora propicia”, “A martyr”, “Santa Maria Madalena”, “Veneno dos lábios”, “A vertigem”, “A virgem d’amor”, “Virgens em flor” de René Emery, entre os quais Sinzig privilegia, “atirem ao fogo”, “immoral” (SINZIG, 1915, p. 271).

Portanto, ao referir-se a uma dada concepção de moralidade, entendemos que Sinzig, esta propondo uma educação do corpo, que se afasta de determinadas praticas, a



saber, aquelas valorizadas no espaço urbano, que não destoam à valorização da família, ao afastamento dos vícios e das praticas criminosas.

A par dessas considerações anteriores, apresentamos algumas imagens (fotografias e caricaturas) em conexão com o contexto sociocultural da época, com as obras de Frei Pedro Sinzig, com o intuito de analisar como as duas obras analisadas nesta pesquisa, trazem inscrita uma dada concepção de educação do corpo, que também esta presente por entre algumas das páginas da Revista *Careta e Fon Fon*. Isso posto, evidenciamos que tais imagens, foram tomadas como vestígios indiciários de um dado contexto sociocultural. A publicação dessas imagens pressupõe um trabalho de seleção, organização e edição, que foi ao encontro da política editorial dos respectivos periódicos, já que ambos os periódicos circulavam no Brasil, com uma expressa aceitação por parte da população. Tratavam de humores, costumes e noticiais do dia-a-dia, compunham-se de celebres ilustradores. A Revista *Careta* circulou de 1908 até 1960 e a Revista *Fon Fon* de 1907 até 1958 (NOGUEIRA, 2010; SOUZA, 2010).

As imagens selecionadas foram rastreadas a partir do acervo documental do CDAPH, além de digitalizadas, mediante o uso de *scanner*, respeitando as normas internas do CDAPH, com intuito de salvaguardar e preservar a fonte primária. Convém salientar que nossa relação com elas se fez com base nas considerações de Le Goff (1990, p. 535), baseado na noção de documento/monumento, em que o autor destaca que o que sobrevive do passado da humanidade e do historiador. Portanto, as consideramos como documentos históricos do período, carregadas de valores e mensagens. Dessa forma, não foram tomadas isoladamente, mas como fontes passíveis de uma dada historicidade, na relação das considerações traçadas a partir das obras de Frei Pedro Sinzig.

Ademais, consideramos também as contribuições de Bueno (2011, p. 341), quando destaca que, na virada do século XIX para o XX, a imprensa é tida como uma forças motoras do progresso. Além das contribuições de Souza (2010, p. 22), que sinaliza que tais imagens estão permeadas pelo movimento progressista e modernizante, buscando inserir o Rio de Janeiro num caminho de emancipação e inclusão no mundo moderno. Tais imagens nos periódicos eram utilizadas como ferramentas para “construção de um estereótipo ideal” daquele espaço urbano. Assim, a análise das caricaturas e fotografias, publicadas pela revista *Fon Fon e Careta*, estimulou-nos a dar maior vigor à nossas considerações acerca das duas obras do Frei Pedro Sinzig.

Consideramos também em nossa pesquisa, as contribuições de Luca (2005, p.116), apontando que os periódicos, aqui, no caso, as imagens, podem estar diretamente vinculadas aos interesses políticos da época, apesar de compreender que “[...] sempre será difícil sabermos que influência oculta exercia num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo”.

Tais imagens foram publicadas em diversas cores de impressão e acabamento, ora com fotografias, ora com charges ou mesmo com textos. Ambos os periódicos apresentam boa qualidade de impressão das imagens, tanto no padrão gráfico como editorial, de modo a contrapor a qualidade das imagens das fontes primárias de autoria de Frei Pedro Sinzig privilegiadas nesta pesquisa, que apresentam uma nítida limitação à produção gráfica de então Editora Vozes, recém fundada a partir da Typografia de São José.

### **3.2 Família**

Em relação à família, Sinzig trata de um corpo que está em perfeita conformidade com a família patriarcal e consanguínea, como base da sociedade. Trata-se da educação de um corpo que não se sujeita ao adultério, que toma como traição, que se funda na família como matrimônio, que não se torna motivo de escândalo e vergonha, que valoriza a vida conjugal, honra os filhos, não pratica paixões culposas, valoriza a criança, a mocidade e o adulto como membros de uma a família. Portanto, a boa relação familiar do indivíduo era objeto de interesse da elite letrada, buscando educar um novo indivíduo para convivência no espaço urbano, mas, principalmente, para as relações de trabalho na fábrica. Nesse sentido, a família deveria ser constituída sob um novo modelo normativo. Assim, todo modelo desviante, toda forma de relacionamento incontrolável, ameaçadora e impura, deveriam ser anulados.

A esse respeito, conforme já tratado anteriormente, a mulher e a criança ganham destaque como base de uma estabilidade da ordem social.



Fon-Fon! no Maranhão



Senhorita Maria de Lourdes Silva, Oscar Silva e sua sobrinha Acila, em Caxias.



**Figura 22: Educação do corpo e moralidade – valorização da família.** A primeira e segunda imagens destacam a presença social das famílias. A família Noronha, com a presença do esposo, da esposa e da “filhinha encantadora”, num parque interno à residência do casal, além da família Lourdes Maria da Silva no Maranhão. A terceira imagem destaca a proteção à família, própria da racionalidade, de família que deve ser conservada e protegida. Frei Pedro associa a sua própria família como base constituidora para sua moralidade, enquanto cidadão civilizado e frei. Nesse sentido, a emergência de praticas no período no sentido de normalização da família, visando à afirmação dos papéis sexuais, da afirmação do casamento e da maternidade.

FON FON, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1914, nº 27, ano XVIII.

A redefinição das relações familiares, através da promoção de um novo modelo de mulher, voltado ao lar, e de uma nova percepção da mulher, voltada para o lar, e de uma nova percepção cultural da criança, procura difundir entre a classe operária os valores burgueses da honestidade, da laboriosidade, da vida regrada e dessexualizada, do gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade da ordem social. (RAGO, 1985, p. 26, 27)

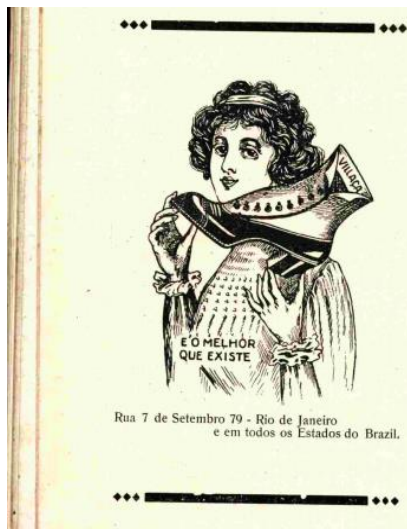
A figura da mulher tem um papel social e científico para cumprir os ditames de uma ordem social.

A figura feminina assume aí, desde, pelo menos da segunda metade do século passado, uma importância central, Ela constitui um dos objetos principais de uma medicina posta a serviço da ordem social, e voltada para constituição de uma família moralizada e higiênica. A mulher torna-se cúmplice do médico na tarefa de moldar a família, e sua importância é enfatizada pelas entidades científicas. (CUNHA, 1986, p. 34-35)

Nesse sentido, notamos essas percepções nas lembranças no Frei Pedro Sinzig, quando destaca que sua família era o único mundo que conhecera, por longos anos:

Nascido em 29 de janeiro de 1876, sabbado, o meu mundo por longos annos, foi a casa paterna, onde vi sempre, sem excepção de só dia, João Sinzig e Helena Merffert, o quadro do mais perfeito amor conjugal e da mais desvelada dedicação de Paes. (1917, p. 13)

Ainda sobre a família, Frei Pedro retrata a figura da mãe, como uma figura exemplar, adjetivando-a como mulher perfeita no amor (SINZIG, 1917, p. 13), exemplar como mãe (SINZIG, 1917, p. 16), afetiva ao extremo (SINZIG, 1917, p. 17), educadora espiritual (SINZIG, 1917, p. 12,13). Seus destaques a ela, eram sempre lembrados sob forte tom de emoção: “[...] via me eu na infância, Ella sorrindo a mim e a Trudinha; Ella dobrando as mãos e rezando conosco antes de nos deitarmos; Ella commungando como uma Santa; Ella passeando conosco, passando a mãos por nossos cabellos e fazendo-nos festas” (SINZIG, 1917, p. 277). Ao seu pai, retrata-o como homem de temperança, honesto ao extremo, criativo e afetuoso (SINZIG, 1917, p. 15).



**Figura 23: Educação do corpo e moralidade – presença da mulher.** As imagens em destaque referem-se à presença da mulher no ambiente social. Ela é destacada nas propagandas de beleza, como alguém que deve ser preservada socialmente. A charge sobre a “força do sufrágismo”, onde um homem é submetido à violência de uma mulher, atitude essa levada à força policial. A esse respeito, Frei Pedro Sinzig reconhece como constituidora da arquitetura urbana, e protetora dos bons costumes, protegendo-a através do tipo de leitura à qual ela pode ter acesso em *Através dos Romances* (1915).

Fontes:

FON FON, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1914, nº 27, ano XVIII.

FON FON, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1914, nº 33, ano XVIII.



**Figura 24: Presença feminina.** Nosso destaque as imagens que seguem, referem-se ao fato da figura feminina ocupar a posição central do enunciado. Ela é a que agride quando necessário, é sugestiona a esmola. Nesse sentido, a figura feminina tem nas obras do Frei Pedro Sinzig, além de ser apresentada como aquela que em alguns momentos sofre, junto com as crianças, que necessita da atenção por parte das autoridades, etc., é também retratada como alguém que decide, que preserva-se ou que deve ser preservada.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1914, n°321, ano XVIII.

Portanto, a interiorização da família como núcleo da sociedade se faz presente nas lembranças do Frei. Tão claro que, ao indicar ou restringir a leitura de romances, a preservação da família é um dos grandes temas para Sinzig. Como exemplo, realçamos que, em *Através dos Romances* (1915), havia toda uma carga de indicações e restrições de leitura de romances voltados à família. Como exemplo, pontuamos que Frei Pedro faz veto a leitura do romance brasileiro “Relíquias de casa velha” de Machado de Assis, justificando conter amores ilícitos e adultérios que poderiam prejudicar a família (SINZIG, 1917, p. 94). Em contrapartida, indica a leitura da obra brasileira “Atravez do Brasil” de Olavo Bilac, justificando belos sentimentos de patriotismo e afeição à família (SINZIG, 1917, p. 342).

Ao se referir às crianças, na mesma obra citada anteriormente, Sinzig propõe que elas devem ser preservadas. Leituras como “A volta de Sherlock Holmes”, do romancista Arthur Conan Doyle são indicadas. Ao passo que obras como “Coração” de Edmundo de Amicis devem ser vetadas, por “a moral do livro não é a que poderá educar a infância” (SINZIG, 1917, p. 255), além de “Novos contos da carochinha” de Thomé das Chagas, do Sinzig veta por conter “colleção de 34 contos offerecidos a infância, algumas narrações são impróprias para as crianças e deverão ser modificadas” (SINZIG, 1917, p.184). Nesse sentido, Sinzig traz a compreensão de que as crianças devem ser mantidas distantes dos maus exemplos, diante da sua condição frágil.

A juventude também é valorizada. Os jovens são vistos como os mais sujeitos às promiscuidades e desvios sociais, dada a pouca experiência decorrente dos poucos anos de vida. Alguns livros indicados são denominados como “muito recomendáveis principalmente para mocidade”, enquanto outros, não indicados, têm a recomendação de que “ponham fogo”. A preocupação com a mocidade é latente nas indicações ou restrições do Frei Pedro, ele a faz de forma separada dos adultos, crianças, ou de outros assuntos. A exemplo, indica a leitura de “Le muletier et son mulet”, “Mon oncle Andre”, “Solange de Châteaubrun” de Theophile Ménard, indicando livros com conteúdo moral (SINZIG, 1915, p. 719). Também a leitura de “Le deux tigresses” e “Mademoiselle” de Pierre Mael, destacando ser “inofensivo” (SINZIG, 1915, p. 485). Em contrapartida, veta a leitura de “La mujer infiel” de Candido Amezquita, justificando “leitura perigosa aos jovens” (SINZIG, 1915, p. 71), além de “Os incendiarios da India” de Alfred Bréhat, destacando conter cenas apaixonadas e inconvenientes, não sendo recomendável aos jovens, porém, poderia ser lido por adultos (SINZIG, 1915, p. 139). Restringe a

leitura de “A chave do Enigma” de Antonio Feliciano de Castilho, destacando ser uma leitura de difícil compreensão para jovens (SINZIG, 1915, p.). Também faz a restrição de diversas obras de Paul de Kock, entre os quais, é o autor que mais tem obras restritas pelo Frei Pedro Sinzig, um total de 89 obras, destacando-as como “deve ser proscriptos por motivo de arte e limpeza, deshonestos” (SINZIG, 1915, p. 424). Cabe evidenciar que às vezes, o livro poderia ter sua leitura restringida, apenas por conter uma frase inconveniente, como é o caso de “Pecado Velhos” de Grégor Csiky, onde Frei Pedro veta pelo fato de conter uma “frase inconveniente na página 198, por esse motivo não permitiríamos que todos lessem” (SINZIG, 1915, p. 218).

Com isso, a proposta de Sinzig é a de uma educação do corpo, que o submeta a uma dada moralidade investida na idealização da família, pois não basta pensar apenas uma educação do corpo ao trabalho ou mesmo ao higienismo, Sinzig propor uma educação do corpo, onde a família passe a ser idealizada a partir de hábitos moralizados e costumes regrados. Por isso, o adultério, os vícios, crimes, etc. andarão na contramão dessa direção.

Portanto, é posto um modelo de família a ser atingido, emergindo a ideia de uma família aconchegante, sedutora do indivíduo no início do século XX, além de uma esposa dona de casa e mãe de família, uma infância, que agora é percebida como riqueza potencial para a nação e devia ser observada com atenção. Diante disso, a mulher passa a pensar sobre sua libertação, em consequência de uma sociedade machista e opressora; passa a pensar sobre a igualdade de direitos dos sexos, da possibilidade de escolha de amor; na maternidade voluntária e no fim da prostituição (CUNHA, 1986; RAGO, 1985; VEIGA, 2002).

A título de paradoxo, temos, no contexto histórico-cultural, dinâmicas que confrontam esse ideal de família. Nesse sentido, salientamos a presença do cortiço, que se apresentava como uma espécie de local inapropriado, alvo de temores. Cabe realçar que o cortiço foi alvo de intensas críticas desde o final do século XIX. Era considerado como um atentado à moralidade, pois incentivava a promiscuidade, doença e criminalidade. Era considerado como uma ameaça ao espaço urbano, como “verdadeiros esconderijos de desordeiros, criminosos e degenerados, que infestam o ambiente urbano” (CUNHA, 1986, p. 38). No entanto, Costa e Schwarcz (2000, p. 37) destacam que esse local não somente abrigava aqueles que não apresentavam uma dada conformação social, mas também pobres, e ex-escravos trabalhadores das fábricas.



### 3.3 Vícios

Quanto aos vícios, Sinzig propõe que estes são vistos como uma contaminação do corpo, já que este é teologicamente santo, e deve ser preservado, pois com o advento do Novo Testamento, a teologia cristã, transferiu a morada divina, que se fazia anteriormente, ora pela pratica de sacrifícios, ora no tabernáculo, ora no templo, mas agora, passou a habitar no próprio corpo. Para Sinzig, o corpo é receptáculo da morada divina, por isso deve ser separado das praticas de vícios.

16 Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?

17 Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.

18 Ninguém se engane a si mesmo. Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio (1Co. 3, 16-18).

Portanto, os vícios devem ser reprimidos, pois eles corrompem a tranquilidade social e estimulam os conflitos e tensões sociais, o que não é interessante para a elite letrada, principalmente àqueles vícios relacionados ao consumo de álcool e aos jogos.

A par deste conhecimento, Sinzig veta a leitura de obras como “A farsa” de Raul Brandão, justificando que continha características hediondas, mas que principalmente, exaltava a devoção a muitos vícios, tais jogos e embriaguez (SINZIG, 1915, p.138). Além disso, veta a leitura de “Contos amenos”, “Comedia do amor”, “Casamentos do diabo”, “A casaca Azul”, “A caridade Christian”, “Camino do bem”, “A calúnia”, “Os caçadores”, “Os anjos da terra”, “O anjo”, “O anjinho”, “A vizinha da porta”, “O violino do diabo”, “Rico e pobre”, “A pescadora”, “O pão dos pobres”, “A mulher adúltera”, “O milionário”, “O Martyr do Golgotha”, “Manuscripto materno”, “A mancha”, “Magdalena, a vizinha do poeta, a mãe dos desamparados”, “Ladrões da honra”, “Historia de um beijo”, “Os filhos da fé”, “A cura da aldeia”, “Coração nas mãos”, “Um filho do povo”, “As culpas dos Paes”, “A esposa martyr”, “A felicidade”, “Os cômicos ambulantes e o amor dos amores”, “A formosura da alma”, “O inferno dos ciúmes”, “Inveja”, “O livro de job”, “Um livro para meus netos”, “As mariposas da alama”, “O martyrio da gloria”, “O miliionario”, “As obras de misericórdia e noites amenas”, “Os que riem e os que choram”, “O piano de clara”, “A perdição da mulher”, “Por bem fazer mal haver”, “Os predestinados”, “A promessa sagrada”, “A prosa da

glória”, “Quem tudo quer perde”, “As redes do amor”, “A segunda vida”, “Tal arvores, tal fruto e o ultimo beijo”, de Enrique Perez Escrich, por indicarem vícios, principalmente àqueles que estavam ligados aos prazeres noturnos e “vida desregrada” (SINZIG, 1915, p.275-283).

Cabe acentuar que a nosso apontamento sobre os vícios, na virada do século XIX para o XX, não estava ligada diretamente àquilo que produzia enquanto prejuízo para o indivíduo, ou mesmo para suas relações no espaço urbano, mas principalmente porque interferiam nas relações capitalista do trabalho. Como exemplo, o trabalho noturno, destacado por Rago (1985), que era condenado em algumas situações, nesse período, não só porque impedia o acesso à luz natural, ou mesmo suas relações no espaço urbano, mas porque favorecia o uso e abuso de bebidas alcoólicas, as quais eram vistas como um forte vício, que retirava o indivíduo do trabalho. Em contrapartida, tomamos como exemplo o cigarro (ou fumo), que apesar de ser considerado um vício, não tinha relação direta com a perda do trabalho. Tanto que, em quase todas as edições dos periódicos *Fon Fon* e *Careta*, temos a sua presença em imagens sociais, em alguns momentos na capa da revista, destacando-o sem restrições, além de fortes propagandas incentivando o seu uso.

### 3.4. Criminalidade

Em relação à criminalidade, Frei Pedro Sinzig, apesar de salientar algumas obras em que indicava a leitura, grande parte de suas considerações são referentes ao veto. Para Sinzig, o perigo dos romances, esta justamente quando alguém, a ele é exposto e assim sugestionado pela leitura a atos perigosos à paz social. Nos parece que essa compreensão, viria da compreensão que Frei Pedro Sinzig tinha da natureza de romances, enquanto obras ficcionais<sup>50</sup>. É nesse sentido que identificamos o conceito de criminalidade em *Através dos Romances* (1915).

---

<sup>50</sup>Os romances eram tidos por Sinzig como obras ficcionais, que exerciam uma fascinação irresistível, capaz de seduzir a todos, mulheres, crianças e adultos. Era tratado como uma “maça rosada”, que na primeira mordida, “envenena” todo o corpo. Para Sinzig, o perigo de ser envenenado era decorrente da falta de condições intelectuais de escolha, ou seja, a seleção daquilo que poderia ou não ser lido (SINZIG, 1915, p. 2).

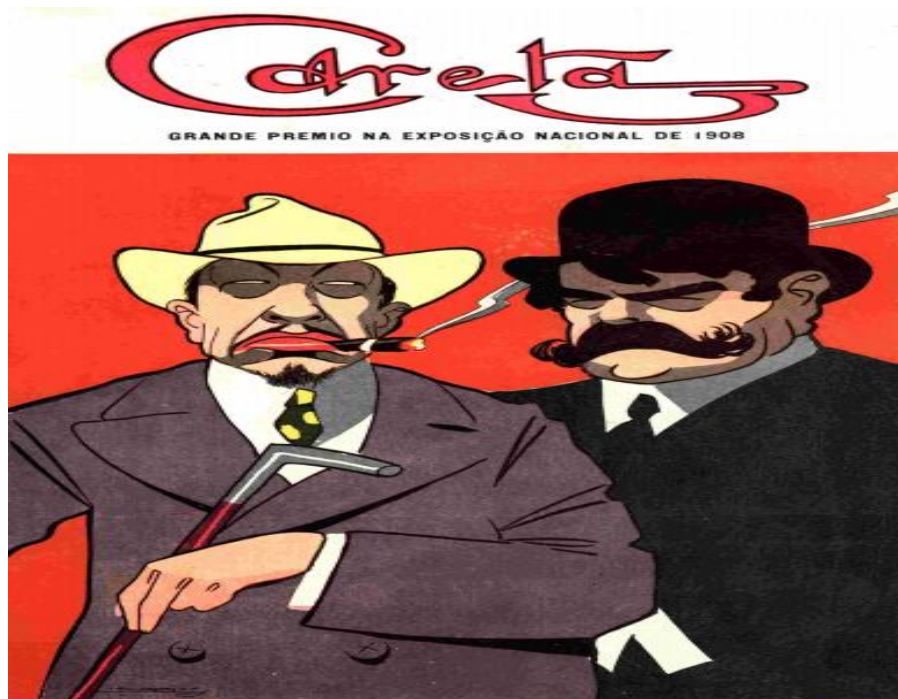
UM POUCO DE ALCOOL



- O' cavalheiro, a via publica foi feita para andar.
- E' isso mesmo, meu amigo. As cousas estão todas andando e foi por isso que eu me sentei.

**Figura 25: Educação do corpo e moralidade – afastamento dos vícios.** O nosso destaque a esta imagem, refere-se ao fato dela conter o indicativo do uso do álcool como prejudicial à saúde, não somente individual, mas também pública, pois charge, denota a interferência do vício, no caso o álcool, na circulação urbana. Na concepção de Sinzig, os vícios referem-se à contaminação do corpo, por isso devem ser reprimidos, além do que, eles corrompem a tranquilidade social e estimulam o sentido conflitante (SINZIG, 1917, p.208).

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 09 de maio de 1914, n° 307, ano VII.



**Cigarros Vanille**

*E' Costume*

ouvír-se dizer, e, ás vezes da bocca de uma linda moça :  
«Os homens não deviam fumar. E' um vicio pouco asseiado».

Entretanto, hoje, já não ha moças que digam taes palavras aos seus noivos, nem senhoras que as digam aos seus maridos. Muito ao contrario; e sabem porque? E' que a marca de

**CIGARROS VANILLE**

Ns. 1, 2 e 3 (Veado) não provoca o mau hálito, pois até o evita. A sua fumaça é de um perfume agradável e todas as senhoras se deliciam com a sua fragrancia. Bom, hygienico e chic.

Vendem-se em toda parte

**CIGARROS VANILLE**  
LUXO E PERFEIÇÃO

**Figura 26: Educação do corpo e moralidade – vícios (cigarro).** As imagens referem-se ao uso do cigarro (fumo) nas propagandas em ambas as Revistas.

Fontes:

CARETA, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1914, nº 294, ano VII.

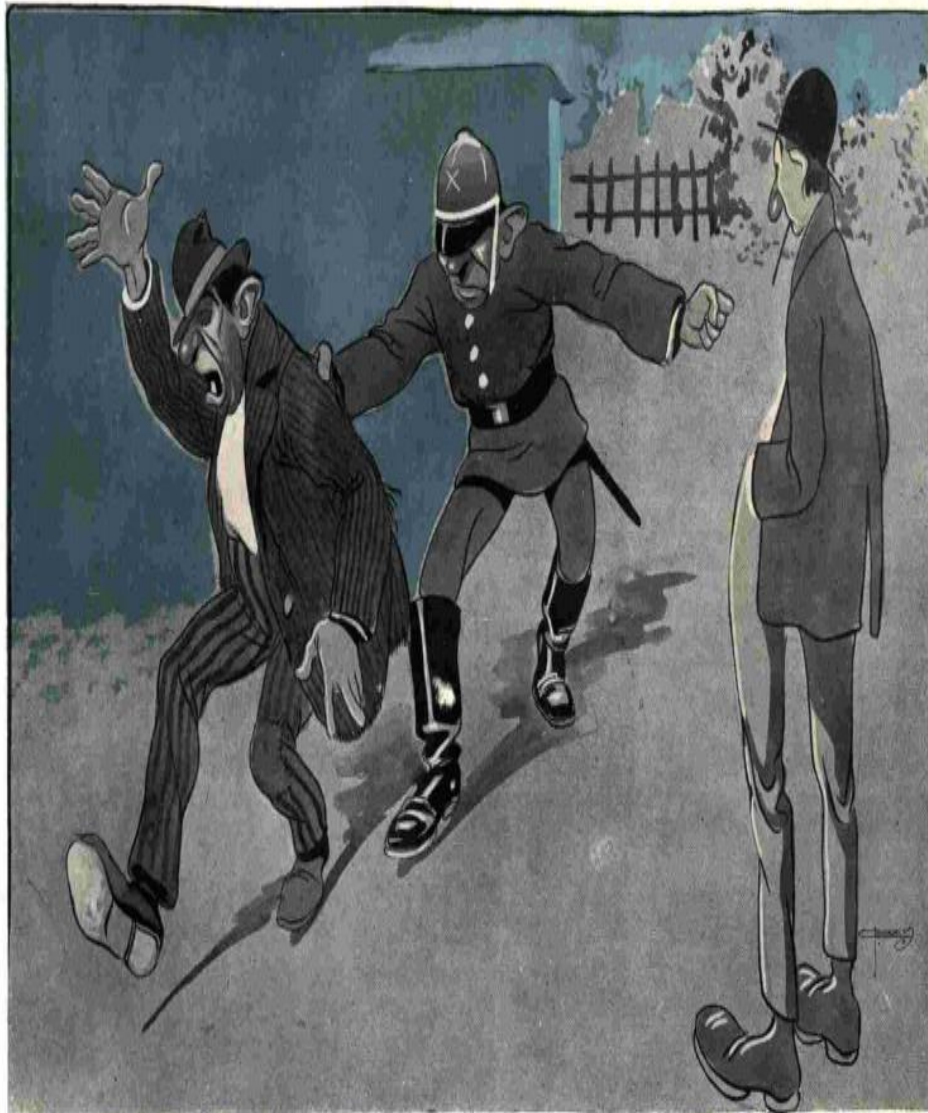
FON FON, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1914, nº 33, ano VIII.

Nesse sentido, Frei Pedro Sinzig, propõe o veto de algumas leituras, tais como “Chair Molle” de Paulo Auguste Marie Adam, por resistirem à prisão, além de “A queda de Cezar” de John Carling, justificando exaltar a criminalidade (SINZIG, 1915, p. 50). Ainda veta obras que incitavam diretamente os franciscanos a criminalidade, como “O Senhor do paço” de Ninães de Camillo F. B. Castello Branco, onde destaca que “o livro mete alguns frades franciscanos incitando ao assassinato” (SINZIG, 1915, p. 138), assim como “Les cent yeux de l’amour” de Salvatore Farina, onde destaca uma obra que contém “inconvenientes”, causadora de “ciumes, morte, suicídio, não é reccomendado” (SINZIG, 1915, p. 289). Também “O senhor de Fois” de Sanches de Frias, destacando conter “scenas escabrosas, assassinato e suicídio” (SINZIG, 1915, p. 319). Também veta a obra “Lee detective assassin”, de Arnolde Golsworthy, propondo que baseava-se numa narrativa de crime de morte, suicídio e divórcio. Nesse mesmo sentido, veta a obra de Fergus W. Hume, intitulada “A sombra Mysteriosa”, do qual propunha “ambição, libertinagem, assassinato e morte, “não deve ser lido” (SINZIG, 1915, p. 398). Além de “Os dez olhos de oiro” de Samuel Ivo, que dispõe de “assassinatos as dúzias, enredo estúpido” (SINZIG, 1915, p. 406). Também obras de Mauricio Lablanc, em específico “Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes” e “A agulha oca”, dos quais destaca “crimes e roubos, assaltos” (SINZIG, 1915, p. 433)

Segundo Cunha (1986, p. 24), com a monetarização das relações de trabalho, surgem formas de gastos, as quais a arquitetura do espaço urbano favorece e potencializa. Com isso, às margens da sociedade do trabalho, cresce a criminalidade empenhada em fraudar e resistir à racionalidade do trabalho. A esse respeito, exemplificamos sobre um crime de homicídio ocorrido em Porto Alegre, do Sr. Ernesto Canozzi, um comerciante. Chamaram nossa atenção os métodos de investigação criminal utilizados para a solução criminal. Neles Sinzig destaca todo um sistema balístico investigatório, com peso e comparação de projétil, além de autopsias e exumação de cadáveres (SINZIG, 1917, p. 327). Cabe salientar, as relações sociais nesse espaço por vezes são marcadas pela criminalidade, que ora acontecia como frutos às relações proibidas, principalmente aquelas relacionadas ao casamento, ora pela monetarização das relações de trabalho.

Temos, então, a instituição de comportamentos moralizados, costumes regrados, em contraposição às práticas populares, nem sempre ditas em conformação social, e próprias para a convivência urbana. Portanto, a educação do corpo tem por finalidade

## RICO DE... ESPIRITO



**Figura 27: Educação do corpo e moralidade – afastamento da criminalidade.** A imagem destaca a presença de um policial, que nos sugere a presença da criminalidade. A respeito dela (criminalidade), Sinzig (1915, p.266) restringe leituras que possam destacá-la ou mesmo sugestioná-la. Ao contrário, indica leituras que a combatem.

Fonte: CARETA, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1914, nº 293, ano VII.

sinalizar o padrão social de comportamento a ser observado, aceito ou excluído nas obras privilegiadas. Ademais, há tensões e conflitos, pois o espaço urbano em si, potencializava as contradições entre as classes sociais, pois permitia uma dada visibilidade e a possibilidade de poder contestador ampliado. Com isso, queremos realçar que Frei Pedro Sinzig, ao propor uma dada educação do corpo e moralidade, está sinalizando as resistências, conflitos e contradições da sua contemporaneidade.

Nesse momento, em finais do século XIX e início do século XX, a sociedade é marcada pelas constantes manifestações que ameaçavam os ideais da elite letrada, propondo uma dada (in) disciplina urbana. Constata-se a presença de multidões de grevistas e manifestantes, com bandeiras e estandartes, propondo uma interferência no fluir da vida urbana em suas rotinas cotidianas.

Cunha (1986, p. 40) destaca que essas manifestações não se tratavam apenas das relações capitalistas entre patrão e trabalhador, mas voltadas a questões de esfera pública em geral, as quais necessitavam de estratégias de controle e manutenção da ordem pública, causando, assim, tormento nessa elite letrada, a qual Frei Pedro compunha. Diante disso, o desafio era transformar a multidão disforme e ameaçadora em um “laborioso e pacificado formigueiro humano”. Nesse sentido, ao retratar a realidade carioca nesse período, Sevcenko (1983, p. 29) destaca que tal era o estado de tensão, que bastava um grito de guerra para que a população se armasse em barricadas. Rago (1985, p. 23) destaca que a presença dessa multidão, em parte, compunha-se de adeptos do anarquismo, que, através da imprensa, incentivavam o espírito de luta, de resistência, sobretudo nos locais de trabalho, denunciando exploração, além de uma forte investida na crítica contra o controle do tempo, chamado de “micropenalidade do tempo”<sup>51</sup>, o que determinava horários de entrada, saída, almoço, etc. Havia, assim, toda uma estrutura de questionamento das normas disciplinadoras propostas, associando-as a estratégias capitalistas de exploração.

Os anarquistas, por sua vez, quebram esta estratégia de disciplinarização do trabalhador ao propor como meio de luta a própria destruição dos instrumentos de trabalho e da fábrica, ou seja, da riqueza material, e não o respeito servil ao cumprimento das obrigações. (RAGO, 1986, p. 31)

---

<sup>51</sup> Expressão usada por Foucault no livro *Vigiar e punir*.

Sobre esses anarquistas, Costa e Schwarcz (2000) explicam que, em parte, se tratava de pessoas estrangeiras, que já haviam chegado ao Brasil com uma experiência de trabalho, mas que trouxeram consigo ideias socialistas e, principalmente, anarquistas. Essas ideias eram disseminadas nas duas primeiras décadas do século XX, na busca de melhores condições de trabalho e vida, aos quais estavam submetidos.

Somada à presença de manifestantes e anarquistas, temos a presença da pobreza, que, de modo geral, aparece de forma muito evidente na virada do século XIX para o XX. Convém notar que presença dessa pobreza se alastrava pela sociedade brasileira. Sua presença levantava forte percepção, como ameaçadora e perigosa, impunha preocupação por parte dessa elite letrada.

Somados a isso tudo, as obras do Frei Pedro Sinzig, matizadas sob as percepções da modernidade, sobretudo, impostas por uma elite letrada urbana, propõe uma dada educação do corpo, vinculadas por questões relativas a higienismo, trabalho e moralidade – família, vícios e criminalidade, que o submete a padrões de conformação social, que ora o expõe (quando não aceito), ora o esconde (quando aceito), através do diálogo entre a Igreja Católica e a República, que apesar das suas diferenças ideológicas, tinham como propósito comum, o controle social e moral da população, por entre as tensões e conflitos sociais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontuamos a importância deste trabalho no sentido de cotejar as tensões e conflitos que emergiram nas obras do Frei Pedro Sinzig, *Reminiscencias d'um Frade* (1917) e *Através dos Romances* (1915), que permearam as lembranças do Frei, bem como a sua realidade cotidiana urbana, em fins do século XIX e início do XX. Não somente isso, mas também as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que atravessaram o espaço urbano, na busca de urbanização e civilidade do país, impulsionados por uma política republicana, somadas aos interesses da Igreja Católica.

A par desses indícios de um tempo movido pela racionalidade de formação de um novo indivíduo para convivência saudável, disciplinada e produtiva no espaço urbano (VEIGA, 2002), a educação emerge e se consolida como um dos signos para o progresso (KUHLMANN JR., 2001), diante de uma elite letrada urbana que a concebia como capaz de formar e moldar (CARVALHO, 2000) a população, que em grande parte pertencia aos segmentos assalariados.

Com relação às questões delimitadas no início deste trabalho, propomos as seguintes conclusões:

1. As obras do Frei Pedro Sinzig privilegiadas nesta pesquisa estão matizadas pelas percepções da modernidade e articulam-se entre os ideais da Igreja Católica e o projeto político da República. A esse respeito, realçamos três percepções presentes nas obras do Frei: a experiência e percepção de um novo tempo, onde as práticas passadas são tidas como ultrapassadas; a experiência e percepção urbana de tempo marcada pela rapidez; a experiência e percepção de um tempo útil.

2. Tanto em *Reminiscencias d'um Frade* (1917), como *Através dos Romances* (1915), Frei Pedro Sinzig busca reafirmar sua preocupação com a conformação da população à educação do corpo, onde este deve ser educado para o trabalho – enquanto virtude social –, além de ser um corpo higienizado, saudável para a convivência urbana, de modo que expresse uma dada moralidade, que deve ser percebida através da interiorização da ideia que a família é a base da sociedade, propiciando o afastamento dos vícios e da criminalidade.

3. Para conclusão de suas finalidades, principalmente aquilo que se refere à moralidade, Frei Pedro Sinzig se coloca como um representante da população, adotando a literatura crítica como “guia para as consciências”, sobretudo quanto às leituras que

poderiam e as que não poderiam ser feitas em romances, sendo essa leitura caracterizada pela ficção, podendo contaminar a moralidade. Nesse sentido, ataca diretamente comportamentos sociais que ameaçam os bons costumes, principalmente aqueles que afetam as relações de trabalho e da família.

Portanto, é notória a importância do Frei Pedro Sinzig e de sua produção para a História da Educação, essencialmente por nos permitir um olhar atento às intencionalidades, vislumbrando uma dada concepção de educação do corpo que acontece no espaço urbano.

É importante mencionar, também, que as resistências e conflitos, bem como as contradições e crises do período, foram demasiadamente tratadas com maestria por outros autores, mas o diferencial deste trabalho é a visão de uma sociedade em transformação no século XIX para o XX, a partir do olhar de um Frei que traz as marcas de sua contemporaneidade, como um homem de seu tempo (BLOCH, 2001), que é escritor e intelectual, que compõe uma elite letrada urbana, e convive com autoridades públicas. Frei Pedro Sinzig transitou pelo universo dos excluídos e miseráveis, mas seu olhar para tal universo, foi marcado por ideias e por uma moral de uma elite letrada urbana e religiosa.

Enfatizamos que, durante este estudo, percebemos a escassez de autores que pesquisam Frei Pedro Sinzig, e que os poucos existentes estão voltados às questões da história da leitura.

Por fim, esta pesquisa nos provocou a considerar para a continuidade de nossas reflexões as seguintes indagações:

1. Qual a relação das obras de Frei Pedro Sinzig com a feminilidade e o negro?
2. Por entre as obras do Frei Pedro Sinzig, como aparecem as possíveis relações entre República, Igreja Católica e a Maçonaria?
3. Por entre as obras do Frei Pedro Sinzig, que tipo de relações entre Igreja Católica, República e Protestantes?
4. Quais eram as leituras indicadas em *Através dos Romances* que apontavam a concepção de corpo da mulher e da criança?

Por último, para pesquisas futuras, e como continuidade a esta pesquisa, salientamos a importância de um levantamento temático, classificado entre os temas e autores, de maior e menor abrangência entre as duas edições publicadas, em 1915 e

1923 de *Através dos Romances*, cotejado com o contexto sociocultural, visando identificar uma dada educação do corpo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS

CARETA, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1914, n° 293, ano VII.

CARETA, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1914, n° 294, ano VII.

CARETA, Rio de Janeiro, 7 de março de 1914, n° 302, ano XII.

CARETA, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1914, n° 307, ano VII.

CARETA, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1914, n° 312, ano VII.

CARETA, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1914, n° 321, ano VII.

FON FON, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1914, n° 27, ano XVIII.

FON FON, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1914, n°33, ano XVIII.

SINZIG, Pedro. **Através dos Romances**: guia para as consciências. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1915.

SINZIG, Pedro. **Reminiscências d'um Frade**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1917.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A Instituição pública no Brasil: depois da independência até nossos dias. In: \_\_\_\_\_. José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889)**. Tradutor: Antonio Chizzotti. Edição crítica Maria do Carmo Guedes. 2. ed. ver. São Paulo: EDUC, 2000. p. 53-93.

ARANTES, Adlene Silva. Colônia Orfanológica Isabel: uma escola para negros, índios e brancos (Pernambuco 1874-1889). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 20, p. 105-136, maio/ago. 2009.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Religiosidade e educação segundo episcopado brasileiro (1989-1922). In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Religiosidade e Educação na História**. Maringá, Eduem, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX**. In: COHN, Gabriel (Org.). Walter Benjamin: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1985a.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim em 1900. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**, Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Paris do segundo Império**: a boêmia; *flâuner*; a modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. SP: Companhia das Letras, 1986.

BITTENCOURT, Raul J. **A educação brasileira no Império e na República**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 19, n. 49, p. 41-76, jan./mar. 1953.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. 1. ed. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. A educação brasileira e a sua periodização: vestígio de uma identidade disciplinar. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 1, n. 1, p. 43-68, 2003.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias da educação física. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Cadernos Cedes 47**. 1. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. SP: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. Objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 2, p. 9 -26, 2004. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUENO, Maria de Fátima. **O corpo e as sensibilidades modernas**: Bragança (1900 - 1920). Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2007.

\_\_\_\_\_. A história da educação: a cidade, a arquitetura escolar e o corpo. **Cadernos do CEOM**, Chapecó: Argos, v. 21, n. 28, p. 243-278, 2008a.

\_\_\_\_\_. Provocações iniciais: possíveis conexões entre a cidade, a arquitetura dos grupos escolares e o corpo. In: **Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão**, nº 19, 2008, São Paulo. Anais ANPUH. São Paulo: USP, 2008b.

\_\_\_\_\_. Imagens fotográficas em impressos: indícios de sensibilidades relativas ao corpo humano (Bragança, em fins do século XIX e início do século XX). **Cad. Esp. Fem.**, Uberlândia/MG, v. 24, n. 2, p. 339-363, jul./dez. 2011 p. 339-363.

CARVALHO, José Murilo de. Os positivistas e a manipulação do imaginário. In: \_\_\_\_\_. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Chagas de. A Escola e a República. In: \_\_\_\_\_. **A escola e a República e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 103-119.

CATROGA, Fernando. **Secularização e laicidade**: uma perspectiva histórica e conceptual. Revista da História das Ideias, v. 25, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2009.

I CORÍNTIOS. In: A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.

CORREIA, Priscila Kaufmann. **O ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro**: entre prescrições e práticas (1900-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Virando séculos 1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Políticas de ações negativas e aspirações de famílias negras pelo acesso à escolarização na província do Maranhão no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 20, p. 73-104, maio/ago. 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ESCOLANO, Agustín; FRAGO, Antonio Viñao. **Currículo, espaço e subjetividade**: arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: USP; FDE, 1996.

FARGE, Arlette. Los gestos de la recolección. In: \_\_\_\_\_. **La atracción del archivo**. Valencia: Edicions Alfons el Magnànim, IVEI, 1991.

FERREIRA, Antonio Gomes. **Higiene e controle médico na infância e da escola**. 1. ed. Caderno Cedes, Campinas: Unicamp, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France (1977-1978). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução: Eduardo Brandão. Revisão: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FRAGO, Antonio Viñao. Higiene, salud y educación em su perspectiva histórica. **Áreas Revista de Ciências Sociales**, Murcia, n. 20, 2000.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; MAGALHÃES, Justino. O local na história da educação: o município pedagógico em Portugal e Brasil. In: ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). **História(s) comparada(s) de educação**. 1. ed. Brasília/DF: Liber Livro, v.1, 2009, p. 161-198.

GONDRA, J. G. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GUEREÑA, J. L. Urbanidad, higiene e higienismo. **Áreas Revista de Ciências Sociales**, Murcia, n.º 20, 2000.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. **Corpo e cidade**: sensibilidades, memórias e histórias. Jundiaí, SP: Paco, 2013a.

\_\_\_\_\_; BUENO, J. B. G.; GALZERANI, M. C. B. Imprensa e instrução do corpo numa cidade do interior paulista: imagens de educação das sensibilidades modernas (final do século XIX e início do século XX). In: SILVA, M. R. da; PAIM, E. A.; BERTICELLI, I. A. (Org.). **Educação em análise**: formação de educadores e produção de pesquisas em contextos de desigualdades socioculturais. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2013b.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios**: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KIRCHNER, Renato. A Escola Gratuita e a Tipografia São José: da tipografia aos livros escolares. In: **Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro e Niterói, Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil, UFF, 2009. v. 2, p. 1-18.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil**. Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. **As grandes festas didáticas**: educação brasileira e as exposições internacionais. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LOWERY, Daniel L. Dicionário Católico Básico. 2. ed. Aparecida – São Paulo: Santuário, 1999.

MACHADO, Roberto. **Danação a norma**: a medicina social e a psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graú, 1978.

MALLIMACI, Fortunato. Catolicismo y liberalismo: las etapas Del enfrentamiento por la definición de la modernidad religiosa em América Latina. In: BASTIAN, Jean-Pierre (Coord.). **La modernidad religiosa**. Europa latina y América Latina em perspectiva comparada. Trad. Dulce María López Veja, México: FCE, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Santos: para além do porto do café. In: RAMOS, Alcides F.; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra J. **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A gênese do conceito de educação pública**. Rio de Janeiro: Papel, 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, USP, São Paulo, 1992.

NAGLE, Jorge. **Introdução a Escola Nova no Brasil (antecedentes)**. Boletim da cadeira de Teoria Geral da Educação, Araraquara, FFCL, ano 1, 1964.



\_\_\_\_\_. A educação na primeira república. In: FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro / São Paulo: Difel, 1977. p. 26-291.

NETO, Wescelau Gonçalves; MAGALHÃES, Justino Pereira de. **O local na História da Educação: o município pedagógico em Portugal e Brasil**. Sistema Integrado de bibliotecas repositório. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação?** Notas sobre o conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, Revista de Pós-Graduação em Letras, UNESP, Assis, vol.8, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. In:\_\_\_\_\_. **Religião e hegemonia burguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 275-298.

PAES, Alessandra Pantoja. **Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular**. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2013.

PAIVA, Aparecida. **A Voz do veto: a censura católica à leitura de romances**. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PASSOS, Mauro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Entre a fé e a lei: o movimento educativo-religioso na primeira república do Brasil (1889-1930). In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org.). **Igreja, Estado e educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Papel, 2005.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Edunesp, 1992.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUEZ, Margarita Victoria. Religião e formação nacional: o pensamento de Alceu Amoroso Lima. In: OLIVEIRA, Terezinha (Org.). **Religiosidade e Educação na História**. Maringá, Eduem, 2010.

ROMANOS. In: A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.

ROCHA, Helena Pimenta Rocha. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2002.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira**. Tese (Doutorado em

Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2004.

SANGENIS, Anabelle Loivos C. Conde; SANGENIS, Luiz Fernando C. Quais maçãs de face rosadas: frei Pedro Sinzig e educação censória na formação do público leitor brasileiro. *História, memórias e narrativas: os anos recentes da educação no Brasil*, **Revistaleph**, ano VIII, n. 20, p. 78-104, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SANTOS, Maria Margarete. **Frei Pedro Sinzig – o apóstolo da boa imprensa**. In: Seminário Brasileiro sobre o livro e História editorial, v. 1, Rio de Janeiro/RJ, FCRB/PPGCOM – UFF/LIHED, p. 1-9, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Renascimento**. 5. ed. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

\_\_\_\_\_. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Cadernos Cedes 47**. 1. ed. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1999.

SOARES, Carmen Lucia. **Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES JÚNIOR, Rodrigo. **Jorge Tibiriçá e sua época**. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. 2 v.

SOUZA, Cleonice Aparecida de. **Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia: histórias e memórias**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

SOUZA, Fernando Gralha de. **O belo e o feio na *belle époque* carioca**: imagem, identidade e história nos periódicos cariocas (1900-1920). Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo, SP: Cortez, 2008.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias no Brasil**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TABORDA, Marcus Aurélio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. **Revista Brasileira de História**, v. 16, n. 45, p. 147-170, 2008.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VEIGA, Cyntia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade**. A construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Em busca da identidade nacional: diferentes expressões do moderno e da brasilidade. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Educação no Brasil**: história, cultura e política. Bragança Paulista: Edusf, 2003. v. 1, p. 349-373.